

IVONETE GRANJEIRO • JOÃO MÁRCIO • LÁZARA TAVARES
• LUCAS MACIEL • PATRÍCIA MAFILI • MIRIAM MARTINS •
LUANA FARIAS • MÁRCIA TEIXEIRA • ALEXANDRE FALCHI
• ANDRÉA EIRADO • JOÃO LUIZ BORSOI FILHO • RINALDO
AZEVEDO BRANDÃO • KENI WILSON • JONATHAS SANTOS •
FLÁVIO AMBRÓSIO • ADRIANA KARKOW • GILSON DOS SANTOS
LEITE • LUCAS MACEDO • MARCELO MOZZILLI • AGUIMAE
L VALADARES • JAQUELINE COLINS • LAÍSE SERRA • TÉRCIO
ROCHA • BÁRBARA VALLE • DJALDIR ALVES • ANDREIA DE
SOUZA SILVA • DANIEL SANTOS • ANA PAULA DAVIM •



GABRIEL GRANJEIRO

IVONETE GRANJEIRO • JOÃO MÁRCIO • LÁZARA TAVARES
• LUCAS MACIEL • PATRÍCIA MAFILI • MIRIAM MARTINS •
LUANA FARIAS • MÁRCIA TEIXEIRA • ALEXANDRE FALCHI
• ANDRÉA EIRADO • JOÃO LUIZ BORSOI FILHO • RINALDO
AZEVEDO BRANDÃO • KENI WILSON • JONATHAS SANTOS •
FLÁVIO AMBRÓSIO • ADRIANA KARKOW • GILSON DOS SANTOS
LEITE • LUCAS MACEDO • MARCELO MOZZILLI • AGUIMAE
L VALADARES • JAQUELINE COLINS • LAÍSE SERRA • TÉRCIO
ROCHA • BÁRBARA VALLE • DJALDIR ALVES • ANDREIA DE
SOUZA SILVA • DANIEL SANTOS • ANA PAULA DAVIM •

PREFÁCIO POR **ARAGONÊ FERNANDES**





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Granjeiro, Gabriel

Imparáveis / Gabriel Granjeiro ; prefácio por
Aragonê Fernandes. -- Brasília, DF : Gran Cursos
Online, 2025.

ISBN 978-65-01-86362-7

1. Concursos públicos - Preparação 2. Disciplina
3. Educação 4. Motivação (Psicologia) I. Fernandes,
Aragonê. II. Título.

25-316684.0

CDD-371.30281

Índices para catálogo sistemático:

1. Concursos públicos : Métodos de estudo : Educação
371.30281

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

PRESIDENTE: Gabriel Granjeiro

VICE-PRESIDENTE: Rodrigo Teles Calado

CAPAS: Beatriz de Deus Bitencurt

ILUSTRAÇÕES: Maria Laura Motta

PROJETO GRÁFICO: Yago Félix Rosário

SUPERVISÃO DE CRIAÇÃO: Roberta Borsoi e Camila de Barros Martins

DIAGRAMAÇÃO: Carlos Eduardo Garcia

REVISÃO: Bárbara Heliodora, Bruna Moreira e Camilla Ferreira Machado

GRAN Tecnologia e Educação

SBS Quadra 02, Bloco J, Lote 10, Edifício Carlton Tower, Sala 201, 2º Andar,
Asa Sul, Brasília-DF
CEP: 70.070-120

Dedico esta obra aos muitos imparáveis que cruzaram meu caminho e me ensinaram, com seus exemplos, que desistir jamais é opção.

Aos meus filhos – Samuel, Daniel e o recém-nascido Joel –, milagres vivos que desafiaram todas as estatísticas e me lembram, todos os dias, do poder da fé e da perseverança.

À minha esposa, Viviane, alicerce da nossa família e presença firme em cada sonho, cada sacrifício e cada recomeço.

Aos meus pais, Ivonete e José Wilson, que me deram, com simplicidade e amor, o bem mais valioso que um filho pode receber: educação e valores. E ao meu irmão, Matheus, companheiro de vida e de tantas memórias.

Ao meu sócio e amigo, Rodrigo, parceiro incansável na jornada intensa do Gran – pela ética, pela inteligência e pela lealdade de sempre.

Aos mais de 1.200 colaboradores que constroem conosco, todos os dias, o propósito de despertar potenciais, mudar vidas e criar novos futuros.

Aos nossos 800.000 alunos, que confiam em nós para guiá-los na caminhada rumo aos seus próprios sonhos e vitórias.

E, por fim, a você, leitor, que me concede o seu tempo – o bem mais precioso do mundo. Que cada página retribua essa generosidade com inspiração, força e propósito.

SUMÁRIO

6 ESTA OBRA É 100% SOCIAL

10 PREFÁCIO

13 INTRODUÇÃO

17 (RE)COMEÇOS

18 A história da minha mãe imparável, nomeada aos
60 anos

27 Foco, força, fé (e uma nota de dois reais)

35 A promessa a uma mãe de 95 anos

41 O grão que germinou depois dos 60

46 A maturidade não aposenta sonhos

51 Do saco preto à farda azul

58 REINVENTE-SE!

59 Depois do choro, a caneta

65 Da câmera ao crachá federal em sete meses

71 Deitada no tapete, de pé no Senado

78 Berço, boleto e edital: os nove meses de Flávio

86 Entre a culpa e o Diário Oficial: a virada de Andréa

93 Lesão cerebral, divórcio, demissão e 21 aprovações
aos 51 anos

101 Sete filhos e uma vaga

108 IMPROVÁVEIS

- 109** Luz que chega antes da eletricidade
- 115** Entre passagens e parágrafos
- 123** De um pequeno povoado à Polícia Federal
- 130** Do assentamento à Receita: a fé que não dorme
- 138** Da recepção ao Diário Oficial
- 146** Promessas que mudam tudo
- 154** Do galinheiro ao Diário Oficial
- 162** Do fogo ao TRE-PA
- 169** Filha do Juruá: da luz de lamparina ao TJ-AM

177 SONHOS (IM)POSSÍVEIS

- 178** A menina do sertão que virou manchete nacional
- 184** Rio que corta rochas
- 192** Quatro filhos, um edital: a aprovação de Bárbara no Legislativo
- 199** Da melodia do violino à arte da diplomacia aos 39 anos
- 207** Do “quando eu crescer” ao Ministério Público: a travessia de Lucas até a beca
- 217** Do salão ao tribunal: a juíza que fez a prova grávida

Esta obra é 100% social

Não negues o bem a quem o merece, estando em tuas mãos a capacidade de fazê-lo. Não digas ao teu próximo: “Vai e volta amanhã, que eu te darei”, se o tens agora contigo.

Provérbios 3:27-28

O Instituto Sai Pobreza nasceu de modo informal, levando material escolar a cem crianças no ano de 2020.

De lá para cá, o projeto foi crescendo ano após ano, tornando-se formalmente um instituto e cumprindo toda a regulamentação necessária como entidade sem fins lucrativos.

Futuramente, a previsão é de o Instituto atender 7 mil famílias com kits escolares completos. São entregues, para cada criança, mochila, estojo e material escolar de primeira linha, para que elas tenham gosto pelos estudos, transformando a realidade em que vivem.

A seleção dos contemplados é rigorosa, com atuação junto aos gestores das escolas, a fim de beneficiar as famílias realmente necessitadas, a partir de uma análise socioeconômica.

Atualmente, são atendidas escolas de diferentes regiões do DF, além de outras situadas nos estados de Goiás e de Minas Gerais, com pretensão de expandir cada vez mais.

A compra dos materiais é financiada pela venda de produtos da Lojinha Social do Gran (loja.grancursosonline.com.br), onde também é vendida esta obra, além de doações vindas de alunos e amigos. Também contamos com o apoio de empresas parceiras, sendo o Gran o maior colaborador.

A história do Instituto se conecta diretamente à trajetória do professor Aragonê Fernandes. Hoje, as escolas públicas onde cursou o ensino fundamental são atendidas, por exemplo. A lógica é clara: mostrar que, por meio dos estudos, é possível chegar longe e realizar sonhos.

Como parceiro do Instituto, o Gran se compromete a arcar com 100% do valor do custo de produção desta obra, doando 100% de sua venda, e não apenas o lucro.

A sua compra ajudará uma criança a ter material escolar de qualidade por um bimestre. Quatro vendas do livro garantem material por um ano inteiro. Se gostar da obra, que tal indicá-la aos amigos concurseiros?

Muito obrigado!

Gabriel Granjeiro

CEO e cofundador do Gran

Aragonê Fernandes

Fundador do Instituto Sai Pobreza





PREFÁCIO

“No fim do dia, tudo se resume a pessoas!”

Não conto as vezes em que ouvi essa frase vinda do amigo Gabriel Granjeiro.

Embora seja muito jovem, ele é uma referência no mundo empresarial.

Com muita humanidade, lidera mais de 1000 colaboradores, se relaciona com centenas de professores e transformou um pequeno estúdio improvisado à base de cartolinas num verdadeiro império no universo da educação. Num país de dimensão continental, estar à frente da companhia líder do mercado dos concursos públicos não é pouca coisa.

Por sua atuação como CEO do Gran, é estudado como caso de sucesso nos cursos de Administração, tendo sido reconhecido tanto pela Revista Forbes quanto pelo conceituado MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) – tudo isso estando ainda no início da terceira década de vida.

É certo que ele teve acesso a boas escolas – inclusive, fora do Brasil. Não menos certo é que ele soube aproveitar o caminho que foi arduamente pavimentado por seus pais, nordestinos que vieram tentar a vida na capital, vencendo, com muito esforço, pelo trabalho e pelos estudos.

Repare uma coisa curiosa: esse mesmo investimento – trabalho e estudo – foi feito por mim para permitir que meus filhos vivenciassem uma realidade muito diferente da minha, marcada por intensa privação.

Mas, pense comigo: o que você, estimado leitor, está fazendo neste exato momento de sua vida? Investindo, claro! Está estudando há meses (ou anos), trabalhando firme para poder dar uma educação de qualidade a seus filhos, uma velhice mais segura aos seus pais, realizar desejos que te acompanham desde a infância.

Durante os últimos seis anos, Gabriel se dedicou a colher o relato de mais de 300 pessoas em seu canal no YouTube. Diga-se de passagem, ser entrevistado no Canal do Imparável virou a meta de inúmeros concurseiros, que buscam coroar o momento da conquista, como quem diz “eu cheguei lá”.

As múltiplas histórias contadas nesta obra, que é a quinta de sua autoria, foram criteriosamente selecionadas.

Você encontrará relatos de pessoas que venceram o fantasma do etarismo, de outras que superaram graves problemas de saúde ou perdas familiares e ainda daquelas que enfrentavam sérias dificuldades financeiras.

Cada uma delas foi colhida com respeito e empatia por Gabriel, que soube narrá-las com emoção e, acima de tudo, grande sensibilidade.

Tenho absoluta convicção de que você terá mais familiaridade com uma ou outra história, e isso é natural. Ao menos uma vai te impactar de modo mais marcante, inspirando sua caminhada.

Eu, por exemplo, busquei inspiração na trajetória de minha irmã mais velha. Ela foi aprovada para o concurso de técnico judiciário do STJ e um dia me levou para conhecer o seu trabalho. Encantado com o que vi, fiz uma promessa silenciosa para mim: “Ainda venho trabalhar aqui.”

Anos mais tarde, aquela promessa se tornou realidade, pois no dia 14/06/2000 eu tomei posse como servidor concursado do STJ. Curiosamente, a vida, os estudos e o trabalho firme me levaram mais longe do que eu podia imaginar! Saí de técnico para analista, depois para promotor de justiça e, finalmente, para o cargo de juiz de direito.

Se eu esperava me tornar juiz um dia? No início, esse sequer era um sonho possível dentro da realidade em que eu vivia. Porém, pouco a pouco, as coisas foram acontecendo até tudo se concretizar.

Com você não será diferente! Não importa o seu ponto de partida. É possível ir adiante e se orgulhar de sua jornada.

Como disse Jean Paul Sartre, não é sobre o que a vida fez de você, mas o que você faz com o que a vida fez de você!

Não sei quais dificuldades você tem enfrentado agora. Porém, sei que as histórias que você lerá mostrarão que é possível alcançar a aprovação desejada, fazer a viagem que sempre esperou, realizar os sonhos que estão aí guardados em seu coração.

Seja você também um Imparável!

Aragonê Fernandes

Juiz de direito que já vendeu cachorro-quente

Professor de Direito Constitucional do Gran

INTRODUÇÃO

Como canta o eterno Chorão: “Histórias, nossas histórias, dias de luta, dias de glória.” No fim de 2018, comecei um projeto que, para alguém introvertido como eu, parecia ousado: tornei-me aspirante a YouTuber. O objetivo era – e continua sendo – simples e profundo: contar histórias. Mostrar os dias de luta que antecedem os dias de glória.

Converso com alunos concurseiros há muitos anos e, antes disso, publicava artigos semanais no blog do Gran para multiplicar essas conversas e transformá-las em motivação compartilhada. Meu intuito foi, e sempre será, servir. Ser útil. Ajudar como um incentivador.

Com o tempo, percebi que faltava algo. As pessoas valorizam o olho no olho, as histórias como elas realmente são, a vida sem filtro. Decidi, então, lançar um canal dedicado a relatos de superação nos concursos e na vida, sobretudo de nossos alunos e professores do Gran. De lá para cá, quase sete anos depois, já entrevistei mais de 350 pessoas.

Nessa caminhada, conheci histórias do Brasil inteiro: de lugares distantes e também de bem perto, como a da minha mãe, nomeada na Câmara Legislativa do DF aos 60 anos, e a do hoje policial federal Gilson Leite, vindo do pequeno povoado de Manuéis, em Traipu (Alagoas), com menos de mil habitantes. Já perdi as contas de quantas vezes quase chorei diante das câmeras, de quantas me segurei para fazer a pergunta seguinte,

de quantas saí genuinamente emocionado e renovado para seguir à frente dessa empresa de educação e tecnologia que hoje atende o maior número de alunos do Brasil.

Esta obra reúne, em crônicas envolventes e intensas, uma seleção de relatos que me marcaram nessa jornada como entrevistador. Foi difícil fazer a curadoria. Inicialmente, o livro teria 18 crônicas. Depois, 20. Em seguida, 22. Agora, 28. Percebi que, se não houvesse um limite, eu não conseguiria parar – porque sempre vinha o pensamento: “Como deixar de fora o Keni Wilson, que cortava mato e concluiu o ensino médio aos 32 anos? Como não contar a história da Patrícia, nomeada no Senado aos 50, após perder a renda e o pequeno negócio? E a da Lázara, que vem de família muito simples, ficou 3 anos sem passar em nenhum concurso e hoje é juíza?” A cada lembrança, mais um nome. Por isso, entenda: cada pessoa aqui representa muitas outras, talvez milhares, pois cada leitor se reconhece, em alguma medida, na trajetória de alguém.

Caso queira conhecer as outras centenas de trajetórias que já contamos, fica o convite: acesse o canal Imparável no YouTube e faça uma maratona do bem. Troque a Netflix por testemunhos de quem chegou lá e energize-se. Quem sabe esse canal possa se tornar uma dose diária de motivação na sua trajetória?

Agora, resalto: nenhuma história é melhor do que outra. Cada pessoa tem o seu caminho, sua realidade e seu ponto de partida. Se há um ponto de chegada, ele está nos resultados que construímos com nossas ações diárias.

Este livro nasce para incentivar você a ser imparável, como os protagonistas que aqui aparecem. A sua história não será igual, nem melhor, nem pior: será sua – e isso basta. Mas as histórias dos outros podem servir de farol, inspirando-o a nunca desistir. Esse é o meu propósito.

Todas as histórias aqui narradas são de alunos do Gran – pessoas que, assim como você, estão ou estiveram nessa jornada árdua de concurseiro e buscaram apoio para tornar o caminho menos penoso.

Como de costume, todo o valor arrecadado com a venda deste livro será destinado a uma causa filantrópica. E quando digo “venda”, refiro-me ao valor integral que você pagou por este exemplar, e não apenas ao lucro. Isso significa que o Gran, responsável pela impressão e distribuição, também está doando junto com você, arcando com todos os custos para que esta obra chegasse até suas mãos.

Nesta edição, a instituição beneficiada é o Instituto Sai Pobreza, fundado pelo meu amigo e nosso professor Aragonê. O Instituto realiza um trabalho admirável: fornece material escolar de alta qualidade a crianças em situação de vulnerabilidade e, com isso, transforma a realidade de milhares de famílias, um impacto que cresce a cada ano.

Então, vamos nos inspirar com nossos Imparáveis?

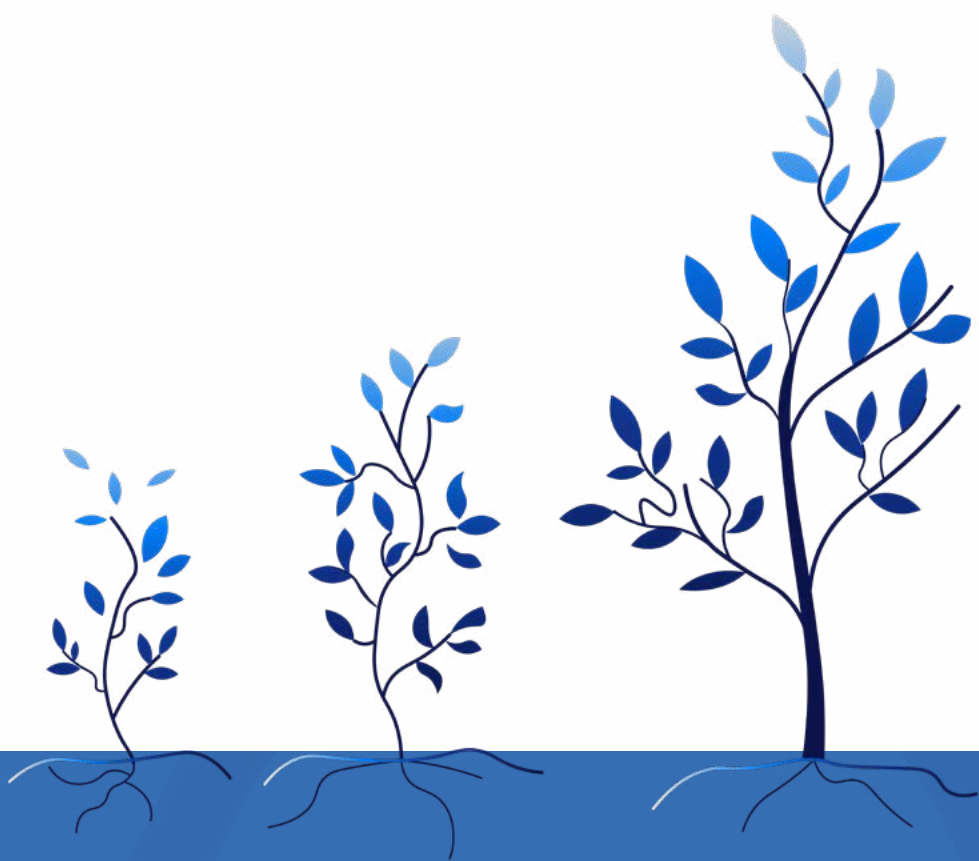


IMPARÁVEL

im.pa.rá.vel

adj.m. e adj.f.

1. Refere-se ao que não para;
2. Aquilo que não é possível parar ou suspender;
3. Qualquer pessoa que alcançou sucesso significativo na vida



(RE)COMEÇOS

A história da minha mãe imparável, nomeada aos 60 anos

Brasília ainda engatinhava sobre seus pilotis quando Ivonete e sua família foram expulsos de uma invasão conhecida como IAPI. Foram parar num terreno descampado, recém-batizado de Ceilândia, nome que, na origem, derivava da sigla militar CEI, “Campanha de Erradicação de Invasões”. Era como se o sistema dissesse em alto e bom som que a pobreza não tinha espaço na nova capital.

Ali, onde hoje vemos avenidas e comércio, havia apenas chão de terra batida e postes sem fiação. Nenhuma torneira, nenhuma lâmpada, nenhuma qualidade de vida. Vez ou outra apareciam umas cobras miúdas que o meu avô matava a pauladas antes de sair para o trabalho no grande canteiro de obra que era Brasília.

Aos sete anos, Ivonete já equilibrava na cabeça latas de vinte litros de água. Fazia três viagens diárias para que oito pessoas pudessem beber, cozinhar, lavar-se; simplesmente existir. Quem quisesse brincar depois da escola precisava primeiro dar conta dessa tarefa – e torcer para que o sol não castigasse demais o couro cabeludo e a trilha não estivesse escorregadia. Era a infância da “lata d’água na cabeça” como diz a canção, só que sem refrão romântico e sem plateia.

O pai, homem de 1,90 m e mãos calejadas, trocou o serrote por um uniforme quando um pelotão de policiais o abordou em cima de um telhado: “Topa virar guarda?” Em uma época ainda sem concurso público ou prova, foi designado às pressas ao GEB – Grupo Especial de Brasília – para vigiar detentos no então presídio-modelo da cidade. O salário melhorou, e os presos, agradecidos pelo tratamento decente, de vez em quando mandavam brinquedos para os filhos do vigilante. Foi assim que Ivonete, aos nove anos, ganhou seu primeiro ovo de Páscoa, que repartiu em finas lascas entre irmãos e vizinhos.

Mas o pai também trazia para casa os ecos da violência que testemunhava nas celas. Embriagado, descarregava cintadas movidas por rancores que ninguém sabia nomear. A mãe, semianalfabeta, erguia-se como escudo humano. Depois, ajeitando a gola rasgada, sussurrava: “Estuda, menina. A pobreza não suporta um diploma.” Aquelas palavras atravessaram a pele e foram parar na medula.

Na escola pública, Ivonete virou habituê da biblioteca. Nas férias, viajava pelas páginas dos livros. O vocabulário cresceu como trepadeira, até que os professores sugeriram o caminho natural: tornar-se normalista, rota segura para um contracheque. Naquele tempo, o salário de professor no Distrito Federal era muito bom, tanto que na Ceilândia corria até um dito popular: “Quem casa com professora dá golpe do baú.”

Aos 17 anos, Ivonete já alfabetizava turmas às sete da manhã, ensinando as letras onde antes havia só poeira. A rotina continuava dura. A jovem acordava às seis, dava aula o dia todo, seguia para a faculdade de Pedagogia em dois ônibus lotados e só chegava em casa depois da meia-noite. A rota noturna era perigosa. No programa do lendário locutor Mário Eugênio, não faltavam relatos sobre criminosos nas redondezas. Mas nenhuma sombra a alcançou. “Deus me escoltava”, diz.

Seu sonho verdadeiro, no entanto, era o Direito. Recém-casada e com dois filhos pequenos, passou no vestibular, tirou a maior média do curso, foi aprovada na OAB de primeira. Escrevia sobre abuso sexual infantil enquanto as crianças cochilavam. Mais tarde, mergulhou no mestrado sobre o mesmo tema. Recolheu depoimentos em fóruns e delegacias. No doutorado, analisou a Lei Maria da Penha sob a ótica da justiça restaurativa. Entrevistou juízes, agressores e vítimas durante um ano inteiro em uma Ceilândia que ainda sangrava – e sangra – nas estatísticas.

Em 2002, prestou concurso para analista do Senado. Gabaritou Direito do Trabalho e Constitucional, mas tropeçou por um mísero ponto no famigerado Raciocínio Lógico. Foi o tapa invisível que derruba sem quebrar. Magoada, fechou os códigos e aceitou o convite para lecionar na Universidade Católica. Passaria ali quinze anos ensinando Direito Constitucional a quem tinha metade da sua idade – e o dobro de certezas.

O tempo correu. Um filho se casou e o outro cruzou o hemisfério para viver de música. O ninho vazio se fez presente. Foi então que Ivonete, já na casa dos 50, tirou do congelador a brasa de um sonho antigo: trabalhar no Legislativo. Quando a Câmara Legislativa do DF lançou um edital com vaga na área que era sua paixão, Direitos Humanos, a mulher mergulhou de cabeça, como quem tenta resgatar a própria identidade do fundo de águas turvas.

Todo domingo, ela traçava um cronograma no qual dividia as disciplinas em três grandes blocos e alternava os estudos, para que nada esfriasse. Com memória visual – daquelas que permitem lembrar o preço dos produtos no caixa do mercado –, rabiscava resumos em cadernos grossos. Preencheu dezenas deles. Também assistiu a incontáveis videoaulas, leu centenas de PDFs e resolveu mais de 35 mil questões. Tudo na plataforma do Gran, é claro. Ao perceber que seu perfil acadêmico a prejudicava nas provas, criou duas personas entre as quais se alternava conforme a necessidade: “A pesquisadora procura pelo em ovo; a concurseira, não.”

Uma hora o corpo cobrou a conta. Cotovelos inflamados exigiram infiltrações. Punhos dormentes pediram órtese. Um médico falou em cirurgia. Ivonete prendeu a tala e seguiu firme. “Se eu paro, saio da fila, e quem sai da fila não vê a porta abrir.”



Minha mãe precisou lidar com dores crônicas de tanto escrever, enxaquecas de tanto ler e muito cansaço.

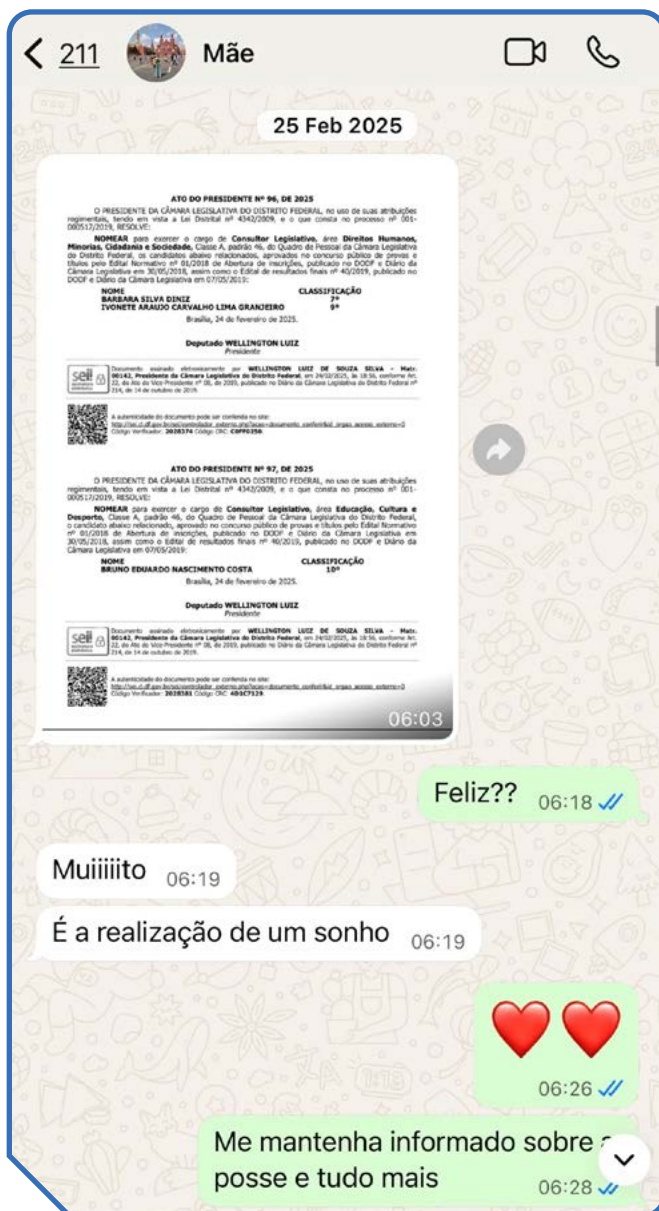
Então veio a pandemia. Tudo congelou de novo: edital, esperança, prazos. Anos depois da prova, quando muitos já tinham até rasgado o comprovante de inscrição, o celular vibrou numa segunda-feira: era o presidente da Câmara anunciando a nomeação. Às 14 horas de 25 de fevereiro de 2025, Ivonete Granjeiro assinava o termo de posse. Às 9 horas do dia seguinte, já estava de crachá exercendo suas atividades na Procuradoria Especial da Mulher. Ali, encontrou um ambiente de excelência onde trabalha em projetos de autonomia financeira, empreendedorismo feminino, prevenção à violência doméstica. “É como se todas as lutas convergissem aqui”, resume.



Veja a alegria da minha linda mãe usando o novo crachá dela.

Nos fins de semana, troca os códigos por clássicos da literatura. Releu “Crime e Castigo”, de Dostoiévski. Devora “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Empilha títulos e mais títulos adquiridos na Amazon. Entre um capítulo e outro, monta castelos de Lego com os netos, crianças que ainda não compreendem os sacrifícios da avó para se tornar concursada, mas já percebem que ali habita uma força diferente.

Quando a entrevistam, querem saber seu segredo, mas ela devolve a pergunta “Você sabe o que quer? Aceita o preço?”



Imagine receber um WhatsApp como este da sua própria mãe? Não tem preço!

Para Ivonete, sucesso é escada de barro: degraus úmidos, instáveis, vencidos com os pés firmes e sem salto. A idade? Não passa de nota de rodapé quando o que estampa a capa é o propósito. E, se alguém ousa achar impossível, ela lembra que é a primeira graduada, a primeira mestre, a primeira doutora, a primeira consultora legislativa da família.

Foco, esforço e fé formam as três latas d'água que ela ainda carrega – agora, transbordando futuro. “Meu trajeto é farol, não troféu”, sintetiza.

A crônica sobre minha mãe termina aqui. Mas a fila continua. Você está nela ou já deixou a porta fechar?



Em frente à CLDF, minha mãe exibe o termo de posse.



IVONETE GRANJEIRO

Consultora legislativa na
**Câmara Legislativa do
Distrito Federal**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Ivonete no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Foco, força, fé (e uma nota de dois reais)

O ano era 2014. Chovia em São Paulo ao fim do expediente de uma sexta-feira. Naquela tarde, meros doze quilômetros levaram quatro horas e meia para serem vencidos, entre buzinas, faróis e exaustão. No banco do carro, um ex-judoca da seleção – que já conhecera o tatame e o pódio – agora sentia mais forte o peso de uma vida em que ele não cabia mais. Ali, cercado por concreto e com a paciência no fim, Marcelo Mozzilli decidiu: ou mudava o caminho, ou o caminho o engolia.

Não foi um impulso; foi um basta. O corpo que um dia suportara seguidas quedas no tatame agora dava sinais claros de esgotamento. Carregava uma prótese no quadril, um pino no joelho, enxertos na coluna, todas cicatrizes de uma trajetória de superação e dor. E a cidade, palco de lembranças doces como as pescarias com o pai no velho Tietê, num tempo em que a água ainda cheirava a infância, também já não era a mesma. Marcelo tampouco.

Ele também havia mudado. Depois de uma vida marcada por altos e baixos, entre o empreendedorismo e um cargo comissionado na Câmara Municipal, ansiava por estabilidade. Em Ilhabela, paraíso onde mantivera uma academia de judô, aprendeu uma lição dura e definitiva: a paisagem pode ser linda, mas não paga boletos. Foi ali que um casal de oficiais de justiça plantou, sem saber,

uma ideia que floresceria anos mais tarde: com cargo público, é possível viver bem mesmo longe dos grandes centros. A semente ficou guardada. No trânsito parado de São Paulo, enfim germinou.

Marcelo voltou para a casa da mãe, aos 50, quase 51 anos, e com três décadas sem estudar. Claro que doeu, mas ele não estava desamparado naquele novo começo. A disciplina forjada nos tatames e a criação rígida – com horários bem definidos, cama alinhada e mente alerta – vieram em seu socorro, como velhos aliados prontos para a luta. Outra fonte de inspiração era a filha, Stella, advogada tributarista na Nova Zelândia. Ela foi mais uma referência, um lembrete vivo do poder da dedicação e da reinvenção de si mesmo.

Ele começou como muitos, acreditando que bastaria uma semana para dar conta de tudo. O corpo cobrou com dor de cabeça e olhos ardendo. Ajustou a marcha. Vendeu o que dava e montou uma rotina que tinha um pouco de quartel e um pouco de retiro. O despertador tocava por volta das 2h30, e o estudo ia até perto das 8h, seguido de um café e de um cochilo curto, antes de ser retomado até a hora do almoço. Depois da refeição, permitia-se um descanso breve – entre 40 minutos e 1 hora, no máximo – antes de voltar firme para a preparação, que só interrompia às 18h30. Então, era banho e cama. No dia seguinte, tudo de novo, sem direito a sábado, domingo ou feriado. Em dois anos e meio, foram apenas dez dias de folga, se tanto.

CONCURSEIRO

FAZENDO

Simulado

SÓ ME CHAMEM

EM CASO de

CATÁSTROFE

marcelo

Na porta do quarto do Marcelo, quando voltou a morar com sua mãe, não era incomum ver recados como este.

Vieram os “surto” de quem está chegando ao limite. Certo dia, estava raspando o cabelo quando, no susto, se lembrou de um resumo e correu de volta à mesa de estudo... com meia cabeça careca. Outra vez, estava na fila do mercado quando se deu conta dos olhares direcionados ao estranho que recitava Direito Administrativo em voz alta. Riu de si mesmo e continuou, sem perder o foco.

Vieram também as pancadas que só concurso público sabe dar. O do MAPA, que Marcelo fez quando ainda estava com tala na perna, mostrou que aquilo não era para amadores. Começou a estudar as bancas como quem estuda adversário de tatame. Cada reprovação virava fita de luta para assistir depois e identificar onde, exatamente, ele errara. Compreendendo as regras do jogo, se perguntava: como essa banca derruba? E então fazia os ajustes necessários e voltava à arena.

Foram 19 concursos, 12 aprovações, 6 vezes entre os 10 primeiros colocados e 1º lugar no Conselho Regional de Nutricionistas do Paraná, que recusou, e no de oficial do Ministério Público do Rio Grande do Sul – esse, sim, perfeitamente alinhado aos seus objetivos de estabilidade e vida em uma cidade menor.

Contudo, entre a planilha e a posse, há o vazio real da conta no vermelho. Em março de 2017, o dinheiro acabou. Restou uma nota de dois reais na carteira, que Marcelo guarda até hoje como lembrança e talismã. A mãe bancou a passagem de ônibus para Curitiba quando, no dia do aniversário dele, 18 de abril, saiu a nomeação da EBSEH

para o Hospital de Clínicas. Trabalhou 96 dias. No 96º, abriu o Diário Oficial eletrônico e lá estava: convocação do MP-RS, Porto Alegre. O coração fez ippon.

Tomou posse na capital e foi lotado em Cruz Alta. Três anos de rotina tranquila e aquela sensação boa de dever cumprido. Nesse tempo conheceu Márcia, companheira de trilhas e silêncios. Testemunhou a própria história servir de inspiração para a agora namorada. Ajudou-a a compreender o edital e a fazer um bom plano de preparação. Ensinou-lhe como estudar, indicou professores do Gran, e ela não tardou a passar. Eram duas vagas e ela ficou em segundo. Hoje, também é servidora. Foco, força e fé, as três palavras tatuadas atrás da orelha, se tornaram método compartilhado.

O ex-judoca hoje carrega o caiaque, a barraca e as frutas do pomar. No interior gaúcho, morando numa casa espaçosa, ele retoma os prazeres que o trânsito de outrora lhe vetava. Voltou a pescar, a remar, a acampar e a sonhar com o 4×4 para as trilhas. Acima de tudo, cultiva um projeto que muitos evitam nomear: envelhecer com dignidade. “Quero chegar lá com autonomia, com remédio pago, sem depender de ninguém”, ele diz, convencido de que cada renúncia feita durante a preparação foi investimento para garantir esse futuro.

Nada de romantizar: a experiência não foi fácil. Marcelo retornou à casa da mãe depois dos 50 e teve de reaprender a estudar, despertando uma parte de si adormecida desde o tempo da faculdade. Ele teve dúvida,

viu-se confuso no meio de um corte de cabelo, bancou o doido em filas de mercado com a legislação na ponta da língua. Enfrentou a pequena humilhação de quem não quer, mas precisa pedir ajuda – e a descoberta de que pedir também é sinal de força. No meio disso tudo, a lembrança da filha Stella, advogada, duas faculdades e tributarista bem-sucedida, servia-lhe de farol: “Se ela chegou, eu chego”.

Hoje, quando alguém lhe pergunta o segredo, ele não responde citando milhares de técnicas, embora as conheça bem. Resume tudo nestas três palavras: foco, força e fé.

- Foco: escolher um cargo, estudar profundamente a banca e montar um plano factível considerando sua realidade.
- Força: fazer o que precisa ser feito, especialmente nos dias de preguiça.
- Fé: acreditar no que o Diário Oficial ainda não mostra, mas já está escrito dentro de você – e agir para tornar real.

Se você lê estas linhas com a sensação de que sua vida estagnou, visualize a cena que inicia este relato. Pense naquele homem sozinho, parado no trânsito de uma sexta-feira chuvosa na capital paulista, que decide não mais suportar o insuportável, decide mudar. Anos mais tarde, ele abre um PDF com sua nomeação e enfim entende, com o corpo todo, que valeu a pena. A cédula de dois reais continua na carteira, mas em torno

dela tudo mudou, exceto a essência que move seu portador: reerguer-se sempre que necessário, ajustar o rumo e seguir.

Porque só fracassa quem para. Quem persiste, chega. Sempre chega.



Marcelo é hoje servidor do MP-RS.



Vivendo em uma cidade pequena e com qualidade de vida, Marcelo pratica regularmente o caiaque, uma de suas paixões.



MARCELO MOZZILLI

Oficial do
**Ministério Público do Rio
Grande do Sul**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Marcelo no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

A promessa a uma mãe de 95 anos

Rinaldo Azevedo Brandão nasceu em Nova Serrana, no interior de Minas Gerais, onde ainda hoje o vento da tarde carrega o cheiro de couro cru e a poeira levantada pelas crianças nos campinhos de terra batida. Ali, quando menino, corria descalço pelas três únicas ruas do vilarejo, dividindo o tempo entre os chutes a gol, a venda de picolés e o som ritmado das máquinas na tipografia do cunhado.

Naquele lugar, o trabalho precoce era uma regra não escrita; estudar, privilégio de poucos. Aos 15, Rinaldo trocou os cadernos pela fábrica de calçados e, sem perceber, guardou seus sonhos em uma gaveta que só seria reaberta quase três décadas mais tarde.

À infância seguiu-se a vertigem da vida adulta. O jovem se casou com a namorada, Ivete, e se tornou pai de dois meninos, Vinícius e Eduardo. Entrou no compasso dos turnos longos e das contas a pagar.

No curso dos anos, foi gerente de loja à beira da BR-262, dono de um pequeno negócio e representante comercial, sem, porém, tirar da mente o sorriso da mãe, dona Conceição, professora aposentada e guardiã de livros gastos, que vez ou outra cobrava com doçura a dívida dos estudos interrompidos. Quando ela chegou à casa dos 90, repetiu o apelo que fazia a cada temporada de matrículas: “Filho, termina pelo menos o ensino médio para eu ver.”

O reencontro com os estudos

Aos 44, movido pelo olhar esperançoso de dona Conceição, pelo apoio incondicional da esposa e pela curiosidade espontânea dos filhos, Rinaldo voltou a sentar-se numa carteira escolar, agora como aluno do sistema EJA (educação de jovens adultos). Os primeiros dias foram duros: letras oxidadas pelo tempo, fórmulas que pareciam escritas em outra língua, sono acumulado após longas viagens de trabalho. Ainda assim, persistiu.

Fez o Enem com o único objetivo de obter a certificação do ensino médio. Saiu com muito mais: uma bolsa integral para o curso de Direito em Pará de Minas. Muitos duvidaram de sua capacidade de manter o ritmo, menos ele. Nos cinco anos seguintes, acostumou-se aos 40 quilômetros de estrada todas as noites e ao parco descanso. Chegava em casa à meia-noite e acordava às seis para vender matéria-prima de calçado.

Formou-se aos 49, com média 96. Virou prova viva de que disciplina pode, sim, reorganizar qualquer cronograma. E reconstruir qualquer biografia.

O concurso da vida

Havia mais pela frente. O desejo de estabilidade e a vontade de servir à sociedade e de mostrar que recomeços não são exclusividade da juventude o lançaram em um novo desafio: o Concurso Nacional Unificado da Justiça Eleitoral.

Presenteou-se com 18 meses de foco absoluto. Investiu apenas num bom plano de dados e estudou todo o conteúdo do Gran pela tela de um celular. De manhã, lia PDFs enquanto o café esfriava. Na fila dos clientes, resolvia questões. De noite, só se deitava depois de revisar a lei seca e assistir às videoaulas. Transformou minutos ociosos em alavancas para o futuro.

O dia da verdade

Chegou a tão esperada prova. Meio milhão de inscritos, e lá vinha ele, aos 52 anos, portando um estojo simples e toda a fé de uma mãe quase centenária. Soube administrar o tempo e lidar com a ansiedade. Redigiu até a última linha permitida na discursiva. Ainda assim, saiu “meio desanimado”.

Quando o resultado foi publicado no site do tribunal, seu nome brilhava no quinto lugar para analista judiciário da área judiciária. A colocação superava qualquer expectativa, escapava dos cálculos das estatísticas e calava as vozes que haviam sussurrado já ser tarde demais. Mas, entre todos os significados daquela conquista, um se impunha com mais força: ali, naquela linha iluminada da lista, cumpria-se enfim a promessa feita à mulher que nunca deixou de acreditar no filho.

A vitória de muitos

A notícia se espalhou depressa. Dona Conceição ergueu os braços em agradecimento; Célia assou um bolo com o número 5; Vinícius e Eduardo entenderam de uma vez por

todas que disciplina também é herança. Rinaldo, porém, precisou de algumas horas de silêncio para compreender o vazio que acompanha as grandes vitórias. Sabe como é... todo objetivo cumprido abre espaço para outro nascer.

A lição que permanece

Hoje, ele compartilha sua história com serenidade. Diz que o segredo cabia, literalmente, no bolso: um celular, um curso online de qualidade e a disposição para estudar onde fosse possível. Lembra que pausas fazem parte do processo, mas não podem ser sinônimo de desistência.

E reforça a lição que veio tarde, mas chegou com força: “Nunca é tarde para reiniciar o cronômetro. Quando você decide dar o seu melhor, o tempo se converte em aliado. Faça do estudo um hábito tão natural quanto respirar. Quando perceber, estará vivendo um sonho que parecia impossível.”

O círculo que se fecha

Foi assim que o menino que largara os livros para sustentar a família retornou à sala de aula, ainda que virtual, pela tela do celular. E é assim que ele se torna servidor da Justiça Eleitoral, onde ingressa com a certeza de que nenhuma história precisa terminar pela metade.

Ele é, antes de tudo, a confirmação de que idade é apenas um número. O que determina quem cruza a linha de chegada é a decisão de não parar, de seguir imparável,

seja aos 50, aos 60 ou aos 95 como dona Conceição, com o coração em festa, bem sabe.

Rinaldo foi aluno do Gran. Sua trajetória mostra que aqui aprovamos pessoas reais, com histórias reais, vindas de todos os cantos. Acredite: o próximo nome na lista pode ser o seu. Estude com quem acredita de verdade no lema: TODO MUNDO PODE.



Rinaldo e sua mãe, Dona Conceição, de 95 anos, a mulher a quem fez a promessa.



RINALDO BRANDÃO

Analista judiciário do
**Tribunal Regional Eleitoral
de Minas Gerais**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Rinaldo no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

O grão que germinou depois dos 60

Por 34 anos João Luiz Borsoi Filho viveu de sementes. Foram 14 em laboratórios de melhoramento genético, 20 no campo, a vida inteira calibrando o olhar para distinguir, entre milhares de espigas, aquela que carregava futuro. Até que, numa segunda-feira qualquer de balanço financeiro, a multinacional fechou o portão e decretou: ciclo encerrado. De volta ao asfalto impiedoso de Brasília, o agrônomo descobriu que o solo sob seus pés não aceitava mais enxada nem prancheta – exigia metamorfose completa.

A primeira tentativa foi como a de qualquer naufrago: agarrar-se ao primeiro galho que aparece. Jurou que passaria “rapidinho” em algum concurso público. A primeira prova destroçou essa ilusão: Direito Constitucional não dá em lavoura. Reprovação seca, seguida de outras tantas, cada uma mais amarga que a anterior. Foi aí que compreendeu uma verdade brutal: terreno novo não apenas pede adubo novo – exige que você aceite virar semente novamente.

Aos 57 anos, quando muitos já contam os dias para a aposentadoria, João se matriculou em Gestão Financeira. Queria erguer outro alicerce de conhecimento e, simultaneamente, domar o orçamento doméstico que encolhia impiedosamente a cada mês sem salário. Enquanto colegas da metade de sua idade discutiam fluxo de caixa

nos corredores da faculdade, ele administrava o próprio com precisão cirúrgica: vendeu o carro, trocou restaurantes pela plataforma do Gran, aprendeu que disciplina também se mede em cada real poupado no supermercado.

Entre planilhas de Excel e picos de ansiedade, conseguiu um cargo comissionado no Ministério da Infraestrutura – 30 meses de trabalho extenuante que lhe devolveram rotina e dignidade, mas não segurança. Porque o concurso continuava chamando como um fantasma insistente, e ele respondia com noites de videoaulas, café requentado e exercícios repetidos até o cansaço não permitir mais.

Vieram crises financeiras que quase o deixaram insolvente. Vieram as culpas corrosivas por esticar o sonho sobre o orçamento familiar já apertado. Esposa e filhas seguravam as pontas, emprestavam paciência quando ela já escasseava, às vezes até dinheiro. João, porém, repetia como um mantra: “A semente só morre quando você para de regar.”

Quando o edital do Concurso Nacional Unificado apareceu, ele já havia aprendido uma lição fundamental: chutar alternativa é como semear ao acaso – pode até brotar alguma coisa, mas raramente alimenta uma família. Reviu cada lei como quem examina grãos no microscópio, gabaritou exercícios com a obsessão de quem escarifica sementes resistentes. Em 5 de maio de 2024, o Diário Oficial estampou seu nome: analista técnico-administrativo da Advocacia-Geral da União, 60 anos recém-completos, coração disparado.

Mas a verdadeira vitória não foi o carimbo da aprovação. Foi o processo brutal de 2022 a 2024, aquele período em que aprendeu a podar a autocobrança destrutiva, calibrar expectativas sem desistir dos sonhos, trocar o medo paralisante por método implacável. A plantação mental mudou completamente: onde antes crescia dúvida, floresceu estratégia; onde havia pressa desesperada, nasceu paciência longa – igual à germinação de cultivar verdadeiramente resistente.

Hoje João usa o crachá como quem finalmente viu chegar a chuva depois de anos de seca: sem euforia descontrolada, mas com a certeza profunda de que o solo vai responder. Pensa em mestrado, em ciência de dados, em investimentos conscientes para o futuro. Pensa em compartilhar sua experiência de resiliência com quem ainda está na fase do solo pedregoso. Mas, principalmente, pensa em viver intensamente o tempo que lhe resta: cinema de domingo com pipoca cara sem culpa, visitas demoradas a quem ama, um Uber até o clube só para nadar três voltas completamente livres de preocupação.

Se você está lendo estas linhas de dentro de um vale escuro – contas vencendo, sonhos parecendo impossíveis –, lembre-se do agrônomo que colheu estabilidade depois dos 60. Ele te diria que toda colheita real começa quando você aceita replantar a si mesmo por completo: novo curso, nova rotina, novo jeito de encarar o mundo. Ele te diria também que não existe solo verdadeiramente infértil para quem não tem pressa de florescer.

Afinal, como João descobriu na própria pele, algumas sementes só despertam quando o relógio da vida alcança o ponto exato da umidade e da luz. E persistir não é teimosia cega – é ciência pura do tempo. Tempo que não se compra em loja alguma, mas se cultiva religiosamente, dia após dia, até que a página do Diário Oficial se transforme no primeiro capítulo de uma safra completamente nova.

A vida, João aprendeu, não tem pressa. Mas também não tem piedade de quem desiste de plantar.

João foi aluno do Gran e ilustra como, aqui, aprovamos gente real, com histórias reais e das mais diversas origens. Tenha certeza: o próximo nomeado pode ser você. Estude com quem vivencia de verdade, todos os dias, o lema em que acredita: todo mundo pode.



João Borsoi no evento de posse como analista da AGU.



JOÃO LUIZ BORSOI FILHO

Analista
técnico-administrativo da
Advocacia-Geral da União



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com João Luiz no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

A maturidade não aposenta sonhos

Raul Seixas ironizava a pressa. “É chato chegar a um objetivo num instante”, diz um de seus versos mais conhecidos. Não era exatamente uma exaltação ao atraso, tampouco um tributo à lentidão pela lentidão. Era, antes, uma crítica ao desejo ansioso por resultados imediatos, como se a grandeza pudesse ser fabricada no mesmo ritmo das urgências cotidianas. A verdade é que nada realmente transformador constrói-se da noite para o dia. Toda conquista duradoura nasce do preparo, do esforço contínuo, da persistência silenciosa que se repete, dia após dia, mesmo quando ninguém está olhando. E poucas histórias de vida evidenciam isso com tanta nitidez quanto à de Aguimael Valadares de Freitas, um baiano do sul do estado que decidiu se reinventar depois dos 50.

Filho de lavrador, Aguimael cresceu ouvindo da mãe, mulher semianalfabeta, lições cortantes, como o ultimato que moldou o seu destino: “Se não for ler, vai para a foice.” Ele escolheu os livros. Começou vendendo jornais para poder comprar gibis do Fantasma e, assim, foi trocando o pouco que tinha por sonhos maiores. Aos poucos, aprendeu que a verdadeira glória não está na festa da chegada, mas no rigor da travessia, aquele período em que a vitória ainda é apenas uma ideia e, mesmo assim, insiste-se.

Aos 17 anos, a Odontologia lhe abriu as portas – mas sem fechar nenhuma outra. Décadas mais tarde, já doutor em sorrisos, sentiu falta de entender as engrenagens que movimentam o coletivo. Aos 53, ingressou na faculdade de Direito. Chamaram de ousadia tardia; ele chamou de manutenção preventiva do espírito.

Vieram os concursos, as derrotas e as rugas que o espelho insistia em destacar. Para Agui-mael, cada reprovação era mais uma batida do próprio compasso, como se os tropeços fossem notas inevitáveis na partitura do caminho. Feito burro teimoso do sertão, como ele mesmo dizia, não recuava: ajustava a rota, sacudia a poeira dos cadernos e seguia. No fundo, obedecia à provocação de Raul: “Se a linha de chegada surge cedo demais, falta motivo para dançar.”

E dançar exige música. A dele começou a tocar aos 67 anos, com a publicação no Diário Oficial: “Procurador do Estado”. Não foi o aplauso final, mas o levantar das cortinas para um novo ato. A filha – também procuradora em Tocantins – anunciou a conquista com a voz embargada, afinando um coro que se formava desde a infância. Mãe, esposa, professores, amigos, concurrei-ros – todos celebraram, não apenas o título, mas a beleza de um passo firme, ainda que lento, que se transformou em poesia.

Hoje, quem cruza com Agui-mael nos corredores da Procuradoria admira o feito, sem se dar conta de que a sua grandeza está justamente em não ter sido uma conquista fácil ou imediata. O homem que devorou mais páginas do

que pode contar prova que os frutos mais altos da árvore são mesmo os mais doces – não por nascerem lá, mas porque exigem mais esforço para serem colhidos. E é desse esforço que vem o sabor. O doce está no desafio.

Sua história não glorifica a demora; celebra o recomeço. Aguimael mudou de rota porque sabia que ainda havia muito por viver, por aprender, por entregar ao mundo. Mesmo quando o relógio biológico recomendava sossego, decidiu correr mais uma milha. A lição? Não existe “tarde demais” para aprender uma nova língua, para prestar vestibular ou para encarar concursos públicos. Se puder chegar antes, acelere. Se não der, vá assim mesmo, pois a porta continua aberta.

Em resumo, não idolatre o atraso, mas também não se intimide diante dele. O essencial é não parar, e sim transformar cada tentativa em milímetros de avanço, porque a ciência já mostrou – e Aguimael confirma – que o cérebro ativo retarda doenças, anima o espírito e redefine propósitos. Enquanto houver fôlego, haverá espaço para novos começos.

Tema menos o calendário e mais a pressa vazia. Permita-se longas estações de semeadura, noites de dúvida, páginas riscadas – é nesse vaivém que o caráter se adensa. Quando a conquista, enfim, chegar, não será mero rótulo, mas vinho amadurecido: aroma que só o tempo concede.

O melhor momento para plantar foi ontem. O segundo melhor é agora. E agora não tem idade – tem vontade.

Raul ainda sorri ao fundo: “É chato chegar a um objetivo num instante.”



Aguimael Valadares assinando seu termo de posse como procurador de SP aos 67 anos.

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Raul Seixas



AGUIMAE VALADARES

Procurador do
estado de São Paulo



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Agui-mael no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Do saco preto à farda azul

O TAF era no domingo. No sábado, o saco preto.

Djaldir estava no hospital quando avisaram: internação imediata, 65% do pulmão tomado. A enfermeira pediu aliança, relógio, carteira – tudo dentro do mesmo saco de lixo escuro que a pandemia transformara em ritual de despedida. Ele pediu que a médica explicasse à esposa; achou que ela não aguentaria. Ela entrou mesmo assim, encapsulada em plástico, deu um abraço e saiu segurando o que coube da vida dele naquela sacola. Do lado de dentro, ele ficou com a respiração que falhava e com uma prova de aptidão física que não aconteceria no dia seguinte.

Na UTI, aprendeu a medir o tempo por ruídos: o bip, as rodas das macas, o silêncio depois que um leito se esvaziava. Três diagnósticos empilhados: pneumonia por covid, pneumonia bacteriana e pneumonia fúngica. Quatro fisioterapias respiratórias por dia. No primeiro banho, a respiração travou; nem ar entrou, nem ar saiu. Djaldir se agachou, orou curto e o fôlego voltou como quem abre uma torneira emperrada. Naquela noite, luzes apagadas, achou que não veria a manhã. Viu.

Enquanto isso, do lado de fora, a esposa fazia o que gente que ama faz: não recua. Caçou advogado, reuniu exames, protocolou um mandado de segurança. O recado era simples e louco na mesma medida: ele vai sair daqui e vai precisar do concurso esperando por ele.

Saiu na sexta. No sábado, ainda fraco, pegou a estrada para Curitiba; no domingo, psicotécnico. Passou. Faltava vencer a briga para remarcar o TAF. A justiça veio na hora certa. A vida, dessa vez, também.

Voltemos o filme.

Escola pública, mãe técnica de enfermagem em três empregos, pais separados cedo. Djaldir sempre foi das exatas: matemática cabia na mão. Virou pai aos 18 – cedo demais para quem ainda não tinha emprego, tarde demais para adiar a responsabilidade. Fez o que apareceu: reciclagem de plástico, manutenção de rodovia terceirizado no DNIT, instalação elétrica onde chamassem. O primeiro “concurso” foi um balcão de jornal: apostila de banca, Censo 2000, agente censitário supervisor, sétimo lugar.

Depois vieram PMERJ, PRF, Eletrobras Furnas. Foi excedente na PRF, chamado na PM; ficou na PM até Furnas nomear. Lá, 17 anos. Engenheiro elétrico formado à noite, turno puxado de dia. Quando a privatização virou possibilidade, a estabilidade virou necessidade e a reforma da Previdência tratou de apressar o relógio.

Quase 50 anos. Colega de trabalho sugerindo “fica quieto, aposenta aqui”. A cabeça dizendo “já passou a fase”. Ele levou duas, três semanas conversando com o próprio medo até formular uma frase que não admite retorno: “Se for fazer, é para passar.”

Entrou no Gran, depois assinou a mentoria e aprendeu que disciplina, às vezes, é parar no minuto 50 mesmo querendo ver “só mais um tópico”. Zerou o edital em

pouco mais de dois meses, vídeo em 2x, PDF onde doía, 15 mil questões para calejar o erro. A prova veio. A redação abriu a porta. As objetivas pareceram velhas conhecidas. A aprovação, finalmente, tinha CEP.

E, então, a véspera do TAF e o vírus. O saco preto. O banho sem ar. O tablet da UTI para ver a esposa por tela. O pensamento que atravessa: treinar para o TAF salvou sua vida, disse o cardiologista, meses depois, ao comparar exames antes e depois. A essa altura, mesmo que o concurso não viesse, já teria valido. Mas veio.

VITAGEN
Laboratório de Análises Clínicas

Nome:.....1306562-DJALDIR DE ABREU ALVES
Sexo:.....Masculino
Solicitante: JOYCE MILA FERNANDES-CRM-44152-PR
Nr. Conselho: 22579

Requisição:.. 003598870
Idade:..... 47 Ano (a) 8 Mes (es) 2 Di
Convênio:.... 7783-HOSPITAL UNIMED FOC
Impresso:.... 16/06/2021 07:06

Pág.

A aceitação deste resultado está condicionada à verificação de sua autenticidade com o laudo original ou através da internet no endereço: www.laboratoriovitagen.com.br

RT-PCR PARA CORONAVÍRUS 2019 (SARS-CoV-2 COVID-19)

Material: Naso e orofaringe Coletado em: 15/06/2021 13:27 Método: RT-PCR (reação em cadeia de polimerase em tempo real)

RESULTADO..... DETECTADO (POSITIVO)

Observação: Caso haja interesse em fazer a pesquisa de variantes com essa amostra, entre em contato com o laboratório nas primeiras 24 horas após a liberação desse resultado.

NOTA TÉCNICA:
- Este teste avalia marcadores específicos relacionados ao coronavírus linhagem SARS-CoV-2.
- As novas variantes conhecidas são detectadas por este método. Porém, não é possível, através desse teste, qual variante está presente.
- Este resultado não direcionado para SARS-CoV-2 não exclui o diagnóstico da COVID-19. Vários fatores como: tempo decorrido entre a coleta e o início dos sintomas e contaminação da amostra, tipo de amostra biológica, tempo decorrido entre a coleta e o início dos sintomas e contaminação da amostra.

O resultado do exame que mudou tudo.



Djaldir teve que treinar para o TAF durante a pandemia. Correr de máscara é muito ruim, não é mesmo?

Curso de formação concluído, etapas invertidas por ordem judicial, saúde reconquistada no braço. Nome no Diário Oficial. Posse definitiva em Belém, viagem apressada, vida encaixada onde deu. Menos de dois meses de farda e

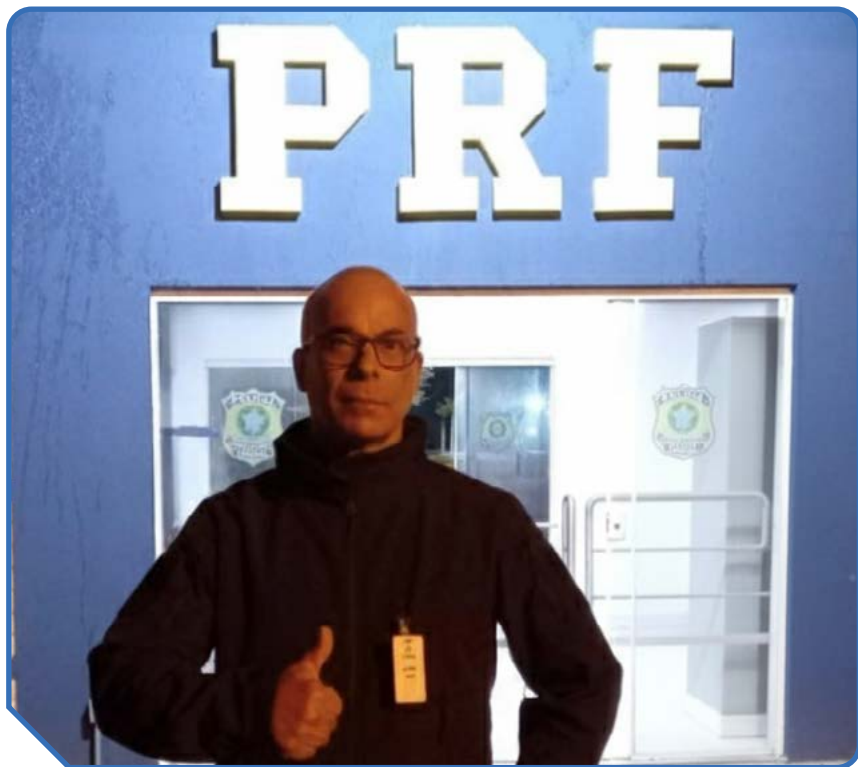
uma biografia de operações: helicóptero, blindado, quinze dias em terra indígena, acampamento, confronto — o pacote completo de quem escolheu patrulhar estradas em uma fronteira quente do país. Para quem achava tarde demais, a vida respondeu com intensidade.

Todas as vezes que a porta se fecha e ele ajeita a gandola azul no espelho, a esposa sorri de novo, como se fosse a primeira. Porque foi. Cada saída é a prova renovada de que, antes de qualquer edital, houve um pacto: o de não largar a mão um do outro. “Concurso de alto nível é prova para a família inteira”, ele gosta de dizer. Ele correu, mas alguém levou o saco preto. Ele respirou, mas alguém brigou no fórum. Ele passou, mas alguém acreditou enquanto ele duvidava.

Para quem lê e escuta “já passou da sua idade”: não passou. Idade é só o relógio; edital é só um livro; medo é só uma voz. O que decide é o que você faz quando a porta da UTI se fecha ou quando a porta do quarto também se fecha e sobra você e a tela em 2x, cinquenta minutos por vez. O resto é método, é insistência, é escolher o que importa e calar o ruído.

Djaldir começou o domingo com um TAF perdido e um pulmão derrotado. Terminou a temporada com o distintivo no peito. Entre um ponto e outro, couberam apostilas amareladas, plantões em subestação, 15 mil cliques em simulados, um banho sem ar, uma esposa aço, um juiz que entendeu o óbvio e um helicóptero que corta o céu do Pará.

Se dá para resumir, é assim: às vezes, o caminho entre um saco preto e uma farda azul é feito de 50 minutos – repetidos até que a vida, por fim, respire.



PRF aos 50 anos. Nunca é tarde.



DJALDIR ALVES

Policial rodoviário federal



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Djaldir no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!



REINVENTE-SE!

Depois do choro, a caneta

Laíse Serra cruzou o corredor da distribuidora abraçada a uma caixa de papelão como quem carrega o próprio fim. Nela, repousavam 15 anos condensados em crachás, em jalecos e em cadernos de controle; lá fora, ainda reverberavam as últimas palavras do chefe – um elogio burocrático, seguido da sentença que fere o orgulho: “Seu custo não cabe mais no nosso orçamento.” Ela desceu os quatro andares como quem despenca em um poço sem corda. Quando a porta de vidro se fechou às suas costas, o choro represado verteu denso e quente, ensopando o volante do carro.

Em casa, ainda com o rosto lavado em lágrimas, ouviu do marido uma sentença que soou absurda e, ao mesmo tempo, salvadora: “Hoje tu choras; amanhã, começa o Enem dos concursos.” Durante segundos, Laíse acreditou que ele não entendia o tamanho do vazio que se abria; depois percebeu que a frase estendia uma ponte sobre o abismo. À noite, ainda mascarando soluços, abriu o notebook e digitou “Concurso Nacional Unificado”. O edital, labiríntico, parecia escrito em outra língua. Ela decidiu traduzir linha por linha – porque traduzir já fora a sua arte na faculdade, onde transformara dores em anticorpos de perseverança.

Havia revirado o destino antes. Aos 19, descobriu a gravidez uma semana antes do vestibular. Entre náuseas de medo, prestou a prova, passou e prometeu que a filha não herdaria limitações. Para custear o curso integral, vendia trufas no corredor, montava bijuterias à noite e, com o pai, ergueu um pequeno império de água mineral: de 10 garrações por dia até 200, com a bebê amarrada na cargueira em meio aos botijões. A faculdade foi concluída a suor e sono quebrado, mas o diploma não blindou contra a inconstância da iniciativa privada: duas falências de patrões, anos de assédios empilhados, crises de ansiedade anestesiadas em diazepínicos.

Ao se ver de novo sem salário, decidiu que não voltaria ao “mercado” – palavra que, para ela, já cheirava a correria, a humilhação e a porta giratória. O concurso seria a saída. No primeiro dia, estudou quatro horas e dormiu exausta; no segundo, seis; no terceiro, oito. Cortou redes sociais a ponto de manter só um perfil no Instagram com professores, resumos e simulados. Quando a solidão pesava, ela se concedia 30 minutos cronometrados de choro – a mesma precisão com que, no hospital, administrava antibióticos durante as crises de pânico. Depois, com o café ainda fumegante nas mãos, voltava à plataforma do Gran e à rotina de quem se recusa a afundar.

Outubro, novembro, dezembro passaram em sequência de videoaulas da plataforma do Gran – às vezes 20 em um dia; às vezes 30 (em modo acelerado, é claro), até que o corpo implorasse trégua. Veio janeiro com o edital oficial e suas curvas inesperadas, eliminando matérias óbvias

e enfiando blocos temáticos indecifráveis. Onde muitos viram caos, Laíse enxergou oportunidade: “Se todo mundo recomeça, ninguém está na dianteira.” Escolheu o IBGE porque desejava trabalhar nos bastidores das políticas que tocam vidas invisíveis como a dela. Depenou o edital, listou 15 cargos possíveis, construiu planilha que cruzava salário, lotação, probabilidade de corte e fixou o instituto no topo da prioridade.

Após três meses de estudos solitários, arrumou um emprego de quatro horas para pagar as contas; depois outro turno, formando uma gangorra diária de trabalho e de resumos. Levava lancheira com post-its dentro, revisava leis no trajeto de ônibus, recitava fórmulas em voz baixa na fila da farmácia. Quando as enchentes no Sul adiaram a prova, uma nuvem de desalento turvou a mente, mas ela inscreveu-se no concurso do Tribunal de Contas do Pará, decidida a manter o motor girando. O foco permaneceu o CNU; o TCE-PA virou apenas pista de treino.

A redação a apavorava: não escrevia um texto dissertativo desde o vestibular. Um mês antes da prova, contratou aulas particulares, duas redações por semana, cada rascunho corrigido em vermelho cirúrgico. Na primeira folha, a mão tremia tanto que a tinta falhou; na última, o traço já corria firme. Ela simulava o dia do exame: cronometrava leitura, planejamento, desenvolvimento, revisão – como quem ensaia uma coreografia até o corpo dançar sozinho.

Chegou o domingo decisivo. Vestiu a camiseta branca que usara no parto da filha – superstição de renascimento – e entrou na sala distribuindo sorrisos que eram armaduras. Durante a manhã, encarou a redação e 20 questões; passou para a tarde leve, como se a caneta pesasse gramas. Saiu antes do tempo máximo, cumprimentou o fiscal e, no estacionamento, sentiu que um cascalho inteiro desprendia-se dos ombros: dever cumprido. À noite, corrigiu o gabarito extraoficial; cada acerto foi gol de Copa narrado em grito abafado para não acordar as crianças. Chorou de felicidade pela primeira vez em muitos anos.

Semanas depois, o Diário Oficial confirmou: aprovada, analista do IBGE, salário dobrado em relação ao seu melhor contracheque privado, mas sem o risco de ser demitida a qualquer momento. Às seis da manhã, correu para contar à mãe – a mesma mãe que vendia pão amanhecido em saquinhos para comprar cadernos na infância dela. A filha, agora adolescente, abraçou a mãe como se entendesse de súbito todas as ausências noturnas de estudo. Amigas pediram roteiros de preparação; ela respondeu com planilhas coloridas e a advertência: “Disciplina dói, mas a desordem sangra.”

Hoje, Laíse está radiante, tomou posse e entrou em exercício. Agora, escreve outra lista: cinema de domingo, pipoca com a filha, visita à irmã para plantar a semente do recomeço. Não planeja parar: mantém cadernos abertos para futuros editais, porque entende que estabilidade não é ponto final, é vírgula longa.

Se você, leitor, está com o coração retalhado pela demissão, pela conta vencida ou pela culpa de uma reviravolta que não planejou, lembre-se dessa farmacêutica que cronometrou o próprio lamento para caber no intervalo de um parágrafo. Chore hoje o que for preciso – mas, amanhã, abra o edital, escolha um bloco, sublinhe a primeira linha. Depois do choro, a caneta pesa menos, e cada palavra escrita devolve um centímetro de chão. E, quando a lista oficial enfim estampar seu nome, você entenderá que o que realmente muda a paisagem não é a nomeação, mas o caminho – tijolo sobre tijolo, lágrima medida, esperança em estado de rascunho – que você escolheu construir na direção da própria luz.

Laíse foi aluna do Gran e ilustra como, aqui, aprovamos gente real, com histórias reais e das mais diversas origens. Tenha certeza: o próximo nomeado pode ser você.



Laíse no seu primeiro dia de trabalho após entrar em exercício.



LAÍSE SERRA

Analista do
**Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Laíse no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Da câmera ao crachá federal em sete meses

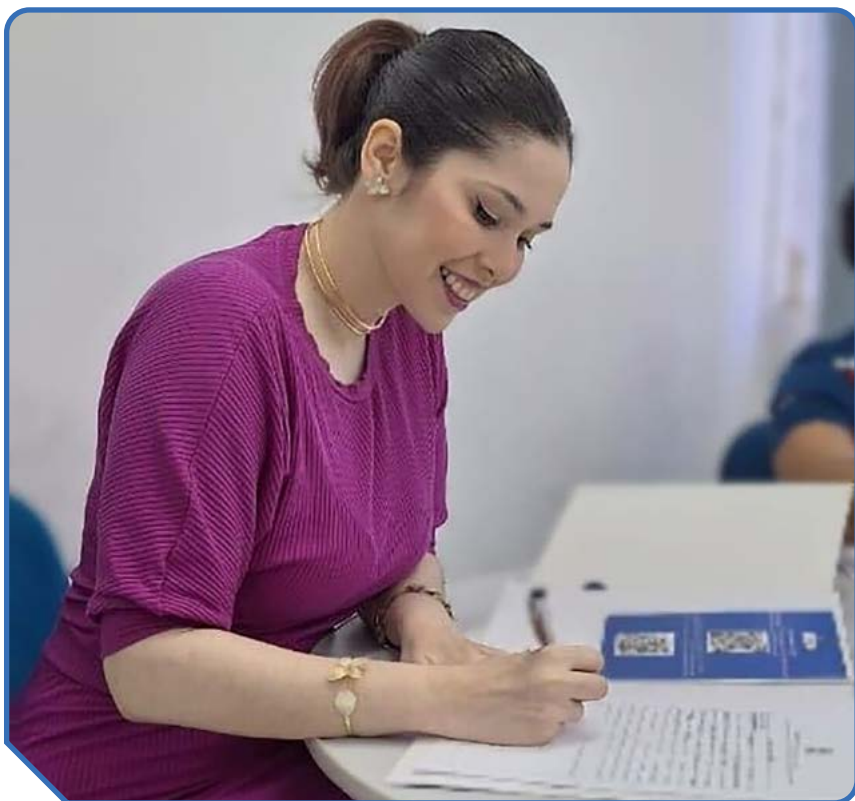
Ana Paula Davim passava as noites atrás da bancada do maior telejornal do Rio Grande do Norte, sorrindo para a câmera enquanto o ponto eletrônico clamava por pressa e perfeição. Por fora, era a repórter que todo estudante de Jornalismo sonhava ser; por dentro, colecionava crises de choro no carro, cadernos de pauta encharcados de remédio para dor e um diagnóstico cruel: síndrome dolorosa miofascial, ansiedade, depressão – todas as peças do bingo do burnout marcadas uma a uma. Quando percebeu que juntava forças para apresentar o jornal, mas já não conseguia amarrar o cadarço sem latejar, largou o microfone, entregou a carta de demissão e voltou para o quarto de infância, onde o pai e a mãe – dois servidores públicos – a esperavam com colo e a frase que mudaria tudo: “Cuida da saúde primeiro; depois a gente descobre o resto.”

O resto apareceu na forma de um edital. O governo anunciava o primeiro Concurso Nacional Unificado e havia vagas de jornalista no IBGE. Ana conhecia o barulho das redações, mas não a liturgia dos concursos; ainda assim, assinou a plataforma do Gran, leu PDFs, abriu videoaulas, usou as ferramentas e montou uma rotina que misturava fisioterapia de manhã, questões à tarde, artes marciais à noite – o quimono azul-marinho suando até a última gota de desânimo. Nos dias em que a mente empedrava,

chamava a própria cabeça de “esponja encharcada” e trocava o parágrafo por um alongamento até sentir a coluna estalar. Nos outros, lia, sublinhava, falava sozinha as teorias de política pública enquanto passava compressa quente no pescoço.

Sete meses depois, chegou a véspera da prova. Chorou tudo o que podia, rezou mais que sabia, dormiu menos que merecia. Na manhã seguinte, sentou-se diante do caderno de questões com o rosto tranquilo de quem já enfrentou dores piores. Entregou a parte objetiva, mergulhou na redação e, quando o relógio apertou, decidiu confiar na prática: respirou fundo, escreveu as últimas linhas sem rascunho e entregou o texto a segundos do fim. De volta ao hotel, não corrigiu gabarito nem buscou ranking – preferiu esperar.

Primeiro, veio o resultado da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte: aprovada dentro das vagas, posse quase imediata. Durante seis meses, mostrou-se feliz na nova rotina, mas o coração insistia em lembrar que a sua primeira opção – o IBGE – ainda estava no ar. Quando o segundo edital finalmente divulgou a lista definitiva, o nome de Ana despontava de novo entre os aprovados nas vagas. Quando veio a nomeação, ela pediu exoneração da primeira conquista, empacotou livros e plantas e partiu para o Rio de Janeiro, onde o mar lhe pareceu um telão de cinegrafista gigante, exibindo a legenda “Recomeço”.



Ana assinando o termo de posse como jornalista do IBGE.

O primeiro dia no IBGE teve clima de volta às aulas: crachá provisório, cheirinho de mobiliário novo, colegas igualmente ansiosos. Dessa vez, não havia dor no ombro nem ponto eletrônico gritando – apenas a convicção de que é possível transformar a própria biografia sem pedir desculpas por cuidar do corpo e da mente.



Orgulhosa de usar o colete desse importante órgão para a sociedade.

Hoje, quando lhe perguntam qual foi o segredo, ela ri – uma risada leve, recém-aprendida – e enumera quatro verbos importantes para sua trajetória: reconhecer-se, pausar, planejar, persistir; diz que quem está na arena tem o direito de descansar, mas não de esquecer o horizonte. Não há nenhuma vergonha nisso. Vergonha é abandonar o próprio sonho porque alguém convenceu você de que já era tarde. Para Ana, nunca foi: aos 37 anos, trocou o telejornal pelo serviço público, redescobriu a saúde e provou, na prática, que burnout não é ponto final – é apenas a vírgula que separa quem desiste de quem se reinventa.



ANA PAULA DAVIM

Jornalista do
**Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Ana Paula no canal **Imparável!**

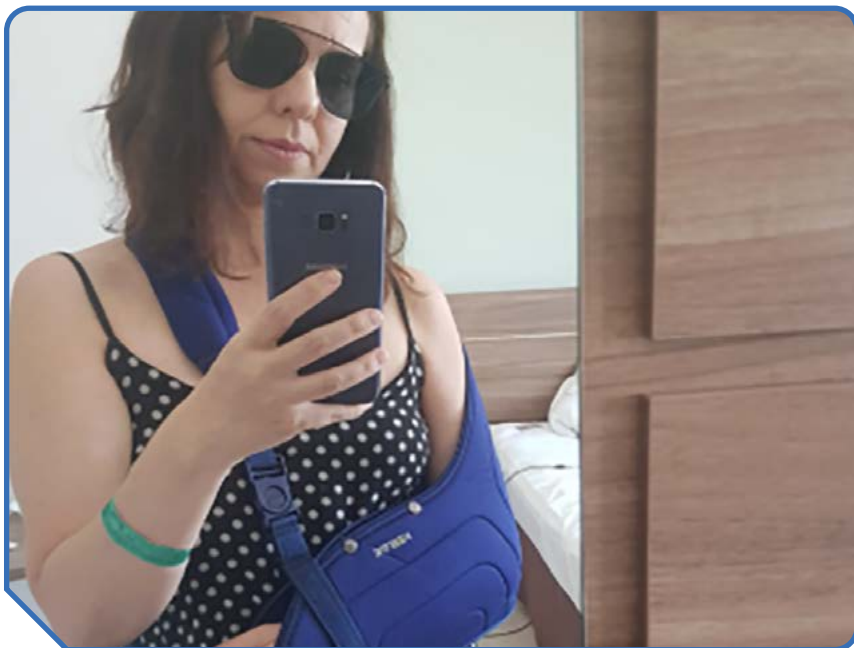
É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Deitada no tapete, de pé no Senado

Já haviam se passado três dias sem banho, sem fome, sem futuro. Patrícia estava estendida no tapete da sala, o notebook aberto como quem tenta uma saída de emergência. Aos 43 anos, um choque anafilático a havia expulsado da própria vida. O saldo era um doutorado interrompido, uma franquia de inglês fechada e renda zero.

Em casa em silêncio, ela confrontou Deus, sem rodeio:

– E agora?



Patrícia ficou internada após uma grave reação alérgica.

O agora veio num pop-up.

Era 12 de junho de 2018, e, de súbito, saltou na tela do computador o anúncio do concurso do Iphan. Aquele Dia dos Namorados não pedia romantismo; pedia vida. Filha de servidores, Patrícia fez a conta em segundos: estabilidade é guarda-chuva em meio a uma tempestade. Firmou um trato: ela estudaria até passar e Ele capricharia no final.

Mas o desafio não se resumia aos editais – Patrícia enfrentava o próprio corpo. Polialérgica, com histórico de choques anafiláticos, vivia cercada de inimigos invisíveis: leite, perfumes, cosméticos, calor. Cada novo episódio era pior que o anterior. Em 2020, por engano, tomou sorvete comum achando que era vegano. Foram seis horas de adrenalina e meses de dor para simplesmente conseguir sentar. O jeito foi estudar deitada, assistindo às videoaulas do Gran, até conseguir voltar à mesa.

Vieram as provas.

Em Manaus, prestou concurso na área de controle. Foi bem na prova objetiva, e a discursiva seria uma semana depois. Estava confiante a ponto de aceitar um convite inocente para uma trilha. Mas no meio do caminho havia uma pedra, e escorregadia. Patrícia caiu e quebrou o pulso em dois pontos. Impedida de escrever, viu o nome aparecer no Diário Oficial pela primeira vez, porém sem a peça que validasse a aprovação. Ela chorou estudando.



Pulso quebrado no meio do concurso do TCE-AM.

Em Santa Catarina, a dor foi outra. Sob calor de 40 graus, Patrícia tentou fazer a prova apesar de a sala não ter ar-condicionado. O perfume dos concorrentes atíçou ainda mais suas alergias, então o inevitável aconteceu. Passando mal, foi levada à enfermaria, depois a uma sala isolada, onde retomou a prova com a visão turva. Vírgulas faltaram, parênteses foram abertos mas não fechados, e o resultado foi a desclassificação por menos de um ponto. Anotou o número e continuou.

Jamais orou por motivação. Pedia, sim, disciplina.

Passou a acordar antes do resto do corpo, os dedos digitando enquanto a mente ainda despertava. Nada de domingos, nada de feriados. O dinheiro era pouco, então se virava como podia. Da saúde cuidaria depois. “Se eu passar e não der para trabalhar, resolvo. Agora eu passo.” O método era simples, bruto e contínuo.

Quando saiu o edital do Senado, ela não tinha planos específicos. Na verdade, estava estudando para a área de controle, mas, como a prova seria em Belo Horizonte, dava para ir. Requereu sala isolada e encarou o grande dia com a serenidade de quem já sobreviviera ao pior. Ao entregar a prova à fiscal, ouviu dela a previsão:

– Você vai passar.

Patrícia sorriu, sem dar muito crédito. “Era só mais um treino”, pensou.

Mas não é que ela passou mesmo?



Assinando o termo de posse no Senado.

O “sim” veio em uma madrugada de agosto. Patrícia estava na casa dos pais, que aguardavam ansiosamente a publicação do resultado. O pai passara o dia fazendo contagem regressiva, até que não aguentou mais e foi dormir. Patrícia continuou acordada. Às 2h16, digitou o sobrenome raro e a tela respondeu. Correu para acordar todos. Era meio do ano, mas tinha gosto de Ano-Novo.

Hoje, ela estaciona o carro ao lado do Planalto, caminha alguns passos e entra para trabalhar. Brasília, cidade que ela adotara de longe, agora é lar. Com o verde acinzentado do cerrado refletido nos olhos, ela percorre ruas seguras e se sente cercada de colegas que a puxam para cima. Carrega no peito uma gratidão diária que faz questão de não esquecer.

"Todos os dias, eu agradeço pelos detalhes que o mundo não vê: o crachá que pesa certo, a porta que se abre, a cadeira que é minha..." Perguntada sobre o acordo com Deus que fez um dia, ela sorri: "Ele caprichou mesmo."

Você se identifica de alguma forma com Patrícia? Está “deitado” sobre um tapete sem renda, com medo, doente ou apenas precisando de um recomeço? Então, guarde esta lição: não há dia perfeito.

Lide com o que você tem. Comece a estudar antes mesmo de despertar por inteiro; peça uma sala separada, se preciso; e aceite falhar por menos de um ponto sem drama. Troque de prova, mas não de rumo. E confie. O que está em jogo são pequenos passos que você deve somar dia após dia.

Como fez Patrícia, conte com o apoio do Gran, mas esteja ciente de que a travessia, a conquista e o mérito serão sempre só seus.

Parar de estudar não é remédio, ela diz. A vida que você quer está esperando. Depende só de você.

Uma vaga no Senado parece distante até que, às duas horas de uma madrugada qualquer, o seu nome aparece no Diário Oficial. Não se trata de sorte, mas de fazer bom uso do hoje.

Apenas vá.



Cerimônia de posse ao lado do pai e de uma das filhas.



PATRÍCIA MAFILI

Analista legislativa no
Senado Federal



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Patrícia no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Berço, boleto e edital: os nove meses de Flávio

Na casa dos Ambrósios, livro sempre teve lugar – mesmo quando o orçamento mal dava para o básico. O pai, professor de Língua Portuguesa, lia em voz alta para os quatro filhos como quem acende lamparinas em uma noite longa. A mãe, dona de casa, afinava o mundo no compasso do necessário: nada em excesso, tudo com sentido. Foi ali que Flávio aprendeu duas virtudes que, mais tarde, seriam a base da sua salvação: disciplina e paciência.

A primeira escolha adulta veio no fio da navalha de quem não pode se dar ao luxo de errar: Fisioterapia. O curso era bom; a rotina, idem; o contracheque, nem tanto. Evoluir na carreira exigia especializações custosas, aparelhos de ponta, horas que não cabiam no relógio, um investimento pesado demais para quem já entregava muito e recebia pouco. Entre um atendimento e outro, Flávio começou a perceber que pagava as contas, mas não construía um futuro. Precisava de um novo caminho.

Entrou no mundo dos concursos como quem tateia um quarto escuro. Reprovou nas primeiras tentativas por pura falta de foco e de método. Depois, encontrou o rumo. Trocou o material de estudo, descobriu técnicas e a coisa começou a andar. Em 2009, veio a aprovação para técnico administrativo; em 2012, para analista da Receita. Nesse último, ficou como excedente. Acabou nomeado só em 2014

e se mudou para Brasília. Gostava do trabalho, e o salário... bem, para um solteiro, bastava. Flávio estava confortável o suficiente para pendurar as chuteiras de concurseiro.

Até o dia em que nasceu um menino chamado Gabriel.

Aos quatro meses de vida do filho, o cálculo mudou. “Dá para criar em Brasília, mas dá para dar o melhor?”, Flávio se perguntava. Não bastava mais “dar conta”; era preciso alargar os horizontes. A autorização para o concurso de auditor-fiscal veio como um chamado. Aos 43 anos, com olheiras de pai recente e culpas improvisadas, Flávio tirou o pó dos livros, dos PDFs e das planilhas e anunciou: “Vai ser por você, filho.”



Muitas vezes, Flávio assistia a videoaulas do Gran com o pequeno Gabriel no colo.

O plano era simples e brutal: nove meses de foco absoluto. Sem redes sociais, sem tevê, sem conversa fiada de corredor. Home office para economizar os minutos do deslocamento. Acordava às seis e estudava até ouvir o chorinho do bebê. Ia lá trocar a fralda, preparava o café e saía com o carrinho e com os fones. A cidade amanhecia à sua volta enquanto a aula do Gran tocava no ouvido; o filho no colo, e a cabeça anotando: “Isso caiu quando eu contornava a pracinha; aquilo, na sombra da sibipiruna.” Às vezes, a memória guarda a lei seca no mesmo lugar onde guarda o cheiro de talco.

O almoço virava hora de revisão. Depois do expediente, uma meditação breve para arejar a mente – hábito antigo, resgatado na nova fase – e mais estudo até as dez da noite, o limite sagrado do corpo.

“Se eu perder o sono, perco o dia seguinte”, pensava, certo.

De madrugada, quando Gabriel chorava, a esposa assumia: “Dorme. Amanhã você carrega o estudo.” Paternidade não era desculpa; era motor. Havia brigas, claro. Havia culpa, claro. E houve dias em que Flávio quase desistiu. Mas, então, uma frase íntima ressoava: “Agora é a hora. Depois, ele vai pedir jogo, bola, história. Hoje, ele dorme no meu peito e eu decoro o CTN.”



No primeiro aniversário do filho, Flávio estava a mil. A família comemorou com um bolinho simples em casa e o pai logo retornou à mesa de estudos. Sacrifício agora para oferecer o melhor à família mais tarde.

A prova veio com a cara amassada da FGV: questões fora do edital que a banca manteve e a discursiva – esse terreno pantanoso – trouxe surpresa: justo na área em que Flávio trabalhava, ficou abaixo do mínimo, o que zerou uma das suas redações. Nas outras, a pontuação ficou aquém do esperado. Flávio saiu do Top 50 da objetiva para fora do corte da discursiva numa única canetada. Aquele foi um dos dias mais tristes de sua vida.

O que dói no concurseiro não é só a nota. É o tempo de colo que faltou, a fralda que a esposa trocou sozinha, o passeio não feito. Cada renúncia pesa quando a injustiça tem nome e sobrenome.

Veio o recurso e, com ele, alguns pontos de volta. Não todos; apenas o suficiente para recolocar Flávio acima do mínimo e dentro das vagas. E eis que aquela montanha-russa estacionou no topo: auditor-fiscal da Receita Federal do Brasil. No peito, não era só euforia; era alívio, era gratidão, era sentimento de dever cumprido. Era a foto do filho no celular, a bochecha rosada, o sorriso de um ano e cinco meses... Era o pai professor, lá atrás, recitando “Os Lusíadas” para meninos de pijama, sem saber que treinava um auditor em potencial.



Assinando o termo de posse.

Há crônicas que terminam com a moral da história. Esta, que começou com uma promessa sussurrada no escuro, termina com um mapa. A jornada de Flávio tem algo a

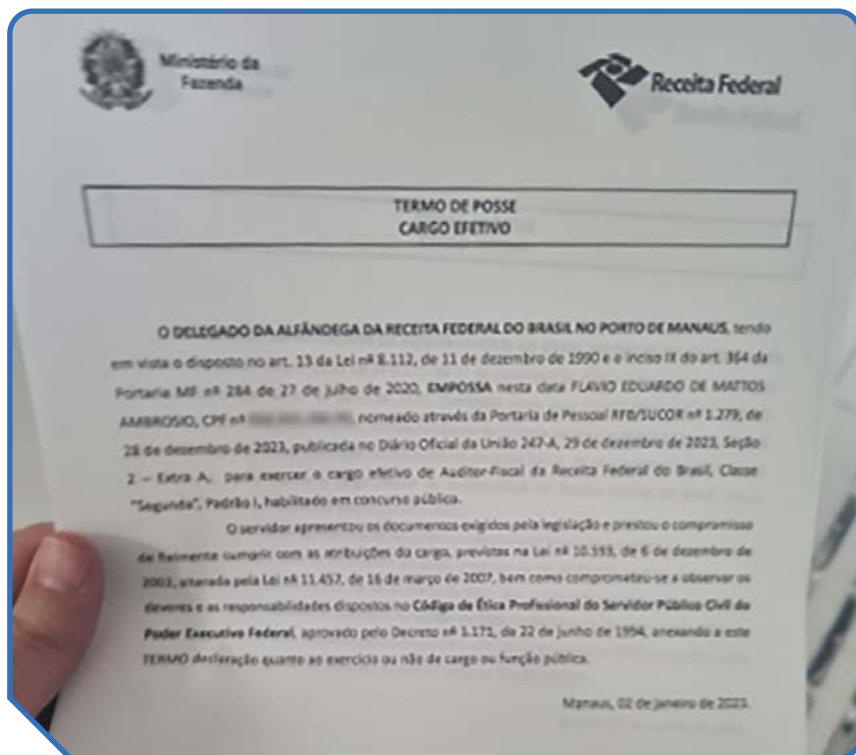
ensinar. Não importa se você está apenas recomeçando ou se descobriu o concurso público como tábua de salvação aos 40 e tantos, com boletos para pagar e um bebê no colo.

Se é para seguir, que seja com direção:

- O foco tem de ser absoluto. Nada de “tenho tarefas e tiro um tempo para estudar”; é “eu estudo, e o resto se ajeita nos intervalos”;
- Transforme a rotina em aliada. Caminhar com o filho no colo enquanto ouve aula não é improviso; é tática;
- Durma bem. Quem sacrifica o sono joga contra o próprio cérebro;
- Medite, respire, desconecte. O cérebro rende mais quando encontra lugar de descanso;
- Estanque vazamentos. Rede social rouba em gotas o que o edital exige em litros;
- Estude com bons materiais. A caminhada já é longa demais para ser feita com botas furadas;
- Recurso não é reclamação; é ferramenta. E ferramenta se aprende a usar;
- E, principalmente, escolha por quem você vai à luta. Quando o porquê é sólido, o como fica mais fácil.

No fim, Flávio não virou influenciador digital. Tornou-se algo mais raro: exemplo silencioso do que acontece quando a educação encontra disciplina e propósito. O menino no carrinho cresce aprendendo que amor também se conjuga

em silêncio: um pai que fecha o notebook às dez, que leva o filho para passear com fones de ouvidos, que apanha da banca e volta para mais um round e que, certo dia, abre o Diário Oficial e encontra o próprio nome sob um brasão.



Um dia, você também vai assinar um termo como esse. Amém?

Entre o berço e o boleto, havia um edital. Entre o edital e a posse, havia um filho chamando “papai”. E, entre uma coisa e outra, havia um homem que decidiu que o futuro podia começar agora.



FLÁVIO AMBRÓSIO

Auditor-fiscal da
Receita Federal do Brasil



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Flávio no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Entre a culpa e o Diário Oficial: a virada de Andréa

No Rio de Janeiro, onde as contas chegam antes do sol, Andréa aprendeu cedo a fazer caber o mundo no mês. Jornalismo primeiro, Economia depois, três anos nos Estados Unidos no meio do caminho – e uma entrevista de emprego que nunca saiu da memória: “Você quer ter filhos?” Sim, ela queria. E bastou o sim para a porta se fechar. Infelizmente, para alguns lugares, a maternidade costuma ser um currículo invisível.

Foi assim que os concursos entraram na vida de Andréa: como alternativa e como abrigo. Em 2012, veio a nomeação na Ancine, cargo de técnico. Veio também a filha, Rebecca, e uma rotina que coube – até a pandemia. O marido ficou três anos desempregado; o custo de vida no Rio não baixou a cabeça para ninguém. “Salário de técnico não sustenta tempestade”, ela pensou. Aos 49, dez anos depois de ter pendurado os livros, Andréa decidiu voltar.

Não foi um retorno romântico. O país quase sem editais federais, o medo antigo de “não dar mais tempo” rondando, gente querida dizendo “você já está bem, pra quê?”, e, embora o marido sempre tenha participado muito de todas as demandas, estava cansada da rotina

que unia casa, trabalho, filha, contas pra pagar... A idade não a assustava; o cansaço, sim. Mesmo assim, ela montou seu plano com aquilo que tinha: acordar às 5h30 para PDF, um naco na hora do almoço, mais um turno até as 22h/23h – e, quando a culpa latejava, lembrar a filha: “Essa prova vai mudar nossa vida.” Janeiro, era férias; março, prova da Receita Federal. Rebecca pedia praia, mãe pedia silêncio. As duas pediam futuro.



Andréa e sua linda família. O sacrifício foi por eles.

Antes disso, houve tentativas. Banco Central, lá atrás: passou na objetiva, caiu na discursiva. TCDF, TCU: bom desempenho, mas a vaga não veio. A Receita parecia inalcançável – “coisa de gente de exatas”, cochichavam.

Andréa semeou dúvida com treino: mais de 30 discursivas escritas, tópicos de legislação tributária e aduaneira empilhados na marra. E, quando não dava para ver aula, lia PDF; quando não dava para ler, sublinhava. Às vezes, o estudo é esse: um mosaico teimoso.



A disciplina do esporte foi levada para os concursos e ensinada desde cedo à filha, Rebecca.

No dia da prova, não dormiu. A manhã foi um soco: Contabilidade, TI, Português, Estatística – muito assunto, pouco tempo. No almoço, o marido veio buscá-la. "E aí, está na Receita?" "Não. Hoje, não." "Você vai voltar à tarde." Voltou. E, à tarde, com as específicas, devolveu-se o fôlego. A confiança atravessou para as discursivas; a mão, treinada, encontrou as palavras. Sem pirotecnia: prática.

Quando saiu o resultado, o replay da vida foi gentil: se, no Banco Central, ela tombou na discursiva, aqui ela subiu mais de 200 posições por causa dela. Classificação final: 41. Auditor-fiscal da Receita Federal do Brasil. O alívio veio em lágrimas, em risos, em incredulidade. E uma pequena justiça íntima: a mulher que um dia foi descartada por querer ser mãe agora assinava o próprio destino com o brasão da República.



Andréa assinando o termo de posse como auditora-fiscal da Receita Federal.

Em casa, o balanço é simples. Rebecca lembra-se das férias sem viagem e diz: “Mamãe, valeu.” Andréa lembra-se das madrugadas frias do PDF, dos “não vai dar” bem-intencionados, dos dias de não dormir antes da prova – e do marido na porta do local de prova, insistindo: “Volta à tarde.” Lembra também do caminho: videoaulas e PDFs do Gran, professores que respondiam dúvidas, legislação aduaneira, tributária e previdenciária devoradas como quem roça trilha em mata fechada. Não houve fórmula secreta; houve constância.

Se essa história pede moral, ela devolve mapa:

- **Tempo é um tecido elástico.** Estude no que cabe: manhã cedo, almoço, noite. Somar migalhas dá pão.
- **Discursiva se treina.** Trinta textos depois, o medo fica menor que a página.
- **Idade não é limite; rotina, sim.** Ajuste a casa, aceite cansaços, recuse desculpas.
- **Cale o coro dos “pra quê?”.** Quem paga o preço não é quem opina.
- **E tenha um porquê que te arraste.** O de Andréa atendia por Rebecca.

No fim, a culpa não some: transforma-se. Vira exemplo à mesa do jantar, vira convite para a filha acreditar alto, vira prova de que estudo não é atalho – é alicerce. Entre a pergunta cruel da entrevista (“Vai ter filhos?”) e o nome no Diário Oficial, coube uma mulher que decidiu que o “não” dos outros não define o “sim” dela.

Andréa não chegou “apesar de...”, chegou com tudo isto — idade, trabalho, casa, medo, fé — a tiracolo. E, quando a nomeação saiu, foi como se a vida dissesse: era isso mesmo. Valeu.



Visita ao Gran em Brasília.



ANDRÉA EIRADO

Auditora-fiscal da
Receita Federal do Brasil



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Andréa no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Lesão cerebral, divórcio, demissão e 21 aprovações aos 51 anos

Quando o Brasil foi eliminado pela Bélgica na Copa de 2018, Alexandre Falchi não gritou com a televisão. Assistiu à partida deitado em uma maca, segurando o celular com a única mão que ainda controlava. Horas antes, uma virose abriu caminho para uma lesão cerebral que paralisaria todo o lado esquerdo do seu corpo. Ninguém explicou direito como; apenas deram o diagnóstico seco: hemiparesia. Aos 44 anos, 26 deles dedicados à sala de aula, o professor de Biologia passou a conjugar verbos no tempo da incerteza: “eu reaprendo, tu reaprendes, ele reaprende”.

As semanas seguintes foram uma sucessão de sustos. Primeiro, o espelho: o tenista amador e corredor de fim de tarde reduzido a alguém incapaz de abotoar a própria camisa. Depois, a saída forçada da escola onde lecionava. Por fim, o divórcio. Em poucos meses, Alexandre perdeu mobilidade, trabalho, rotina doméstica e o convívio diário com os filhos. Tudo que lhe restava cabia em dois lugares: o quarto de fisioterapia e a mesa do notebook, de onde assistia às primeiras videoaulas do Gran.



Alexandre no hospital enquanto se recuperava de uma séria lesão cerebral.

Recomeço previsto em edital

Enquanto reaprendia a andar com o auxílio de barras paralelas, Alexandre descobriu que concursos públicos reservam vagas específicas e com notas de corte mais baixas para pessoas com deficiência. Era tudo de que precisava: estabilidade, dignidade e, principalmente, uma régua imparcial. Não importava ter 25 ou 50 anos, ser homem ou mulher, estar em plena forma física ou não; bastava acertar questões e preencher os requisitos para o cargo.

Janeiro de 2019 tornou-se um marco inaugural. Alexandre viajou com a família, voltou, recusou propostas de trabalho temporário e decidiu que cada hora, dali em diante, seria dedicada aos estudos. O primeiro alvo foi a Procuradoria-Geral do Distrito Federal (PGDF). O novo concurseiro montou trincheira no quarto: café, tablet e assinatura do Gran. Para se assegurar de que o esforço fazia sentido, contratou um coach, nosso professor Glauber Marinho, que refinou cronogramas, sugeriu provas-treino, ensinou a medir rendimento como se medem os batimentos cardíacos na esteira. Em dois meses, Alexandre já transitava com naturalidade pelos artigos de Processo Civil que, antes, lhe pareciam escritos em outro idioma.

Não passou. O laudo médico continha o CID da doença, não da sequela, e a junta do Cebraspe o desclassificou. Processo, mandado de segurança, espera infinita, frustração. E, com ela, a epifania: se chegara tão perto, apesar da pouca experiência, por que não insistir? Ao abrir outros editais, percebeu a explosão de oportunidades na área de Tecnologia da Informação. Ficou empolgado com os salários, bem maiores que os dos cargos de técnico – mas o melhor, mesmo, era o conteúdo das provas: poucas disciplinas jurídicas, muita lógica. Enfim, uma praia em que se sentia totalmente à vontade.



Alexandre precisou reaprender a andar e a recomendar na academia com pesos leves. Foram anos de fisioterapia e treinamento específico.

Segunda graduação, primeira virada

Faltava-lhe, no entanto, um requisito formal, pois os concursos exigiam formação específica em TI. O mentor sugeriu: “Faça uma graduação curta.” Alexandre não perdeu tempo e matriculou-se já no dia seguinte. Concluiu todas as matérias do semestre em apenas um mês e, sem freio, engatou também uma pós-graduação.

Paralelamente, continuava fazendo provas: Petrobras, Fundação Universidade de Brasília, Telebras, Conselhos Federais de Odontologia e Fonoaudiologia, Secretaria de Educação (por nostalgia, disse). Prestou oito concursos quase em sequência e começou a colecionar aprovações. Apesar de ainda depender do diploma para tomar posse em alguns casos, já figurava entre os primeiros colocados – inclusive na ampla concorrência – em vários.

Cada reprovação era lida sob o “mantra do campeão” aprendido no esporte, sua escola de resiliência: “Use a adversidade a seu favor.” Quando perdeu o Tribunal de Justiça do DF por meio ponto na discursiva, não enxergou derrota, mas confirmação: “Se com um ano de estudo fiquei por um triz, estou no caminho certo.”

Burocracia e paciência

O percurso nunca foi linear. Em diferentes bancas, Alexandre voltou a enfrentar juntas médicas confusas, que ora negavam sua deficiência (“suas limitações não comprometem funções”), ora o declaravam incapaz para o trabalho. Um nó burocrático que ainda arrasta processos na justiça. Curiosamente, o imbróglio acabou se mostrando uma bênção disfarçada: se tivesse sido nomeado lá atrás, logo na primeira convocação da PGDF, provavelmente não teria feito a segunda graduação, muito menos passado nos concursos seguintes.

Hoje, aos 51 anos, ele já soma 21 aprovações. A lista inclui Banco do Brasil Tecnologia e Serviços, CNMP, TCDF, Ibram e STN, além de quatro cargos no CNU. Atualmente, é auditor-fiscal de atividades urbanas no GDF, na área ambiental. Nesse intervalo, tornou-se também referência entre colegas concurseiros, especialmente para quem carrega duas etiquetas tidas como barreiras: idade e deficiência.

“Eu viro oportunidade ambulante”, brinca, referindo-se à rede de gentilezas que sua condição desencadeia – gente que oferece o braço na escada, que carrega seu material, que aprende na prática a lidar com a inclusão.



Alexandre exibe com orgulho o distintivo que conquistou com muito trabalho.

Conselho de quem reaprendeu a andar

Quando lhe perguntam qual foi a “fórmula mágica”, abre um sorriso. “Concurso só exige uma coisa: não desistir”, diz, certo. Em seguida, abre seu gráfico de desempenho, que não deixa dúvidas: a curva sobe devagar, mas nunca desce.

Dias difíceis são inevitáveis; a diferença está no que se faz deles. Alexandre fazia resumos com a mão direita enquanto a esquerda reaprendia a segurar um garfo. Gravava podcasts mentais repetindo normas de acessibilidade enquanto caminhava pelo corredor, arrastando o pé que não flexionava bem.

“Tragédia, às vezes, é só oportunidade com outro nome”, resume. Se a lesão tivesse sido fatal, não haveria fase dois. Como não foi, abriu caminho para o universo dos sistemas de informática, dos editais e das nomeações. Logo ele, que ensinou Biologia por décadas, virou prova viva de que organismos se adaptam – e evoluem – quando o ambiente exige.

Desde aquele Brasil x Bélgica, Alexandre carrega uma certeza: às vezes, o apito final anuncia uma derrota; outras, chama para o início da prorrogação que terminará com o placar virado.



ALEXANDRE FALCHI

Auditor-fiscal de atividades
urbanas do
Governo do Distrito Federal



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#)
com Alexandre no canal **Imparável!**

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o
código e assista!

Sete filhos e uma vaga

A frase veio simples, sem trombetas nem holofotes:

– Agora é sua vez. Vá atrás do seu sonho.

Na mesa, o caçula ainda mamava. No quintal, o varal balançava cheio. Na cabeça, as contas por pagar não davam trégua. Márcia respirou fundo. Com quase 40 anos, sete filhos e uma vida marcada por sucessivos adiamentos, entendeu que o “depois” havia, enfim, chegado. Era agora.

Lembrou da casa de infância, que fora barulhenta, sim, mas pelos motivos errados. O velho e torto ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher” servia de cortina para a violência que os vizinhos fingiam não ver. Até que, um dia, a mãe reuniu coragem, agarrou os filhos que couberam nos braços, distribuiu os demais entre parentes e escolheu viver.

A liberdade, porém, veio sem garantias. Márcia cresceu vendo a mãe trabalhar duro e no que aparecesse. Mesmo assim, faltava quase tudo em casa, inclusive comida. Foi nesse cenário de escassez que ela aprendeu uma lição valiosa: apesar de tudo, é possível recomeçar. Às vezes sangrando, quase sempre com medo, mas ainda assim de pé.

Carregou essa certeza como se fosse um talismã, embora o caminho seguisse cheio de pedras. Estudou em escola particular graças a bolsas de estudos. Quando deixou de contar com elas, recorreu às diárias como faxineira ou ao salário de balconista de loja para pagar as mensalidades. Veio o casamento, aos 22, seguido

dos filhos e da primeira tentativa de cursar Pedagogia, abandonada quando o trabalho do marido obrigou a família a se mudar de estado. A vontade de estudar ficou guardada numa gaveta que ela abria de vez em quando, como quem espia o mapa de um tesouro escondido.



Márcia não é de tirar fotos. Nesta, ela está com o marido e seis dos sete filhos.

Até que o esposo se aposentou e proferiu a frase que abre este texto: “Vá atrás do seu sonho.”

Ela foi.

Ingressou no pré-vestibular e garantiu vaga no curso noturno de Serviço Social. Recusou, com o coração apertado, mas a mente firme, o recém-conseguido emprego de empacotadora, porque os horários batiam com as aulas. Escolheu o caminho mais longo, e também o mais promissor.

Começou a luta. No ônibus, fone de ouvido para ouvir videoaulas. Na pia, PDF plastificado ao lado do escorredor. Na biblioteca, cadernos cheios de esquemas, setas e resumos. De madrugada, simulados – e um bebê no colo, mamando entre um tópico e outro. Cortou a internet para manter o foco. Imprimiu materiais de estudo para poder sublinhar o que fosse mais importante. Descobriu uma revista especializada em concursos, que decifrava aquela linguagem estranha. Fez um curso técnico em Serviços Públicos para entender a máquina por dentro. Uniu vontade e método. Foi assim que virou a chave.

Os resultados começaram a aparecer. Primeiro foi o IBGE: agente de pesquisas e mapeamento, seu nome no topo da lista de aprovados. Foram quase três anos de roteiro, prancheta, rua – e o salário que bancava xerox, passagem e livros. As tais vagas “escada” que ajudam a subir degrau a degrau.

Formou-se em 2020 e começou a colecionar listas, estudando pela plataforma do Gran: TRF4, TRF1, TRF6. Às vezes, era só o nome no Diário Oficial. Em outras, o sonho avançava um pouco mais. Até que a engrenagem encaixou de vez: TRT Rio e TRT 15, segundo lugar nas cotas, empate na nota. Na Polícia Federal, área administrativa em Cuiabá, havia uma única vaga – a tal “uma vaga” que ela repetia como mantra – e, finalmente, o primeiro lugar.

Hoje, está em Macaé, onde ingressou como assistente social. A assinatura no termo de posse ainda cheira a tinta fresca.

Não há milagre escondido na rotina; há, sim, engenharia doméstica. Há um marido que troca de turno para dar banho nas crianças e ajudar com a lição de casa. Há filhos pequenos que aprendem o valor do silêncio enquanto a mãe revisa a matéria. E há adolescentes que vão se tornando parceiros na lida diária. Há, também, escolhas mínimas capazes de mudar tudo: optar por material impresso para escapar das notificações do celular, transformar a biblioteca em uma espécie de bunker de foco, usar o tempo da fila do mercado para reler a lei seca.

E, claro, há coragem. Coragem de reconhecer os próprios limites e de pedir ajuda sem constrangimento. Vale usar a criatividade: talvez uma rede de mães que se revezem no cuidado com os filhos umas das outras, talvez uma sala comum convertida em creche, talvez um abaixo-assinado requerendo providências ao prefeito da cidade...

O resto é o que a vida devolve a quem não desiste. No caso de Márcia, são três filhos já servidores públicos e os outros quatro estudando para isso. A casa começa a conhecer o conforto dos boletos em dia e o sonho singelo de viajar em família sem precisar fazer contorcionismo para bancar tudo.

Márcia não romantiza. Sabe que a opção pelos concursos públicos está longe de ser fácil. Sabe que a preparação cansa e que há dias de culpa, de dúvida, de vontade de largar tudo. E sabe que a idade pode ser um grande obstáculo. No caso dela, porém, foi sua maior aliada. Trouxe clareza de propósito, serenidade e

disciplina. E reforçou aquela verdade aprendida lá atrás, ao ver a mãe recomeçar: estabilidade não cai do céu; constrói-se aos poucos, com tijolos de 15, 20, 30 minutos de dedicação por dia.

Se você se identifica com Márcia de alguma forma, seja por estar lendo isto com um bebê no colo, dentro de um ônibus lotado ou diante de uma pia cheia de louças para lavar, pense como ela:

Você não precisa de tudo – só de uma vaga.

Você não precisa de um dia perfeito – só de hoje.

O resto é somar pequenos avanços até ver o seu nome estampado no Diário Oficial.

Márcia diria com serenidade:

Comece onde der, com o que tiver, do jeito que puder.

E não pare.

Porque a vida faz exatamente isto: insiste até dar.



Um raro momento com todos os filhos reunidos. A família é grande, então sempre falta alguém.



MÁRCIA TEIXEIRA

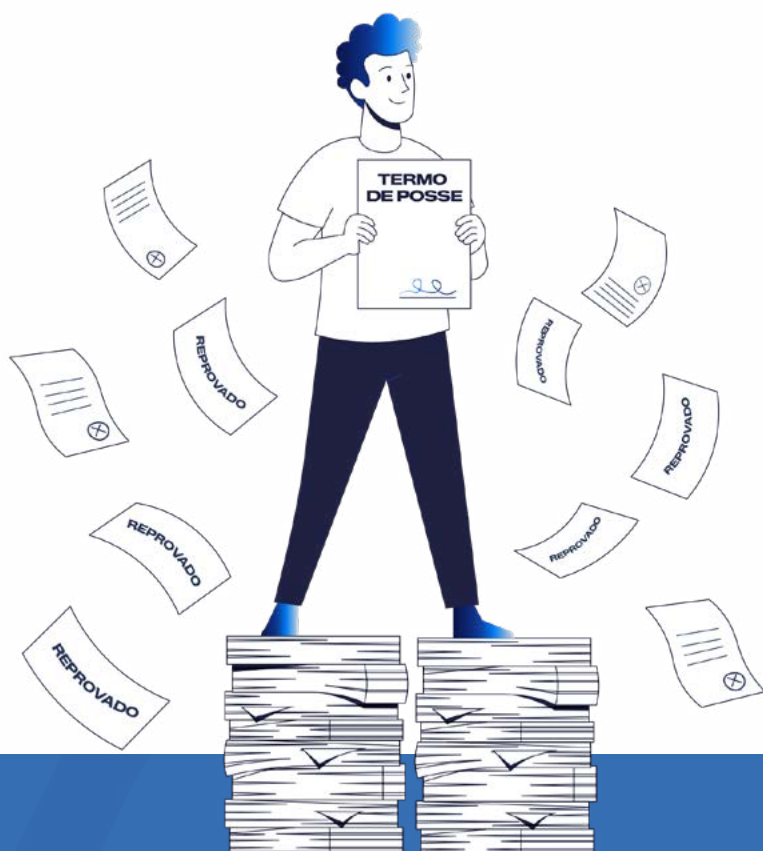
Aprovada como assistente
social da

Polícia Federal



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#)
com Márcia no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o
código e assista!



IMPROVÁVEIS

Luz que chega antes da eletricidade

A lamparina fumegava na pequena casa de madeira, último posto de claridade antes do breu da floresta amazônica. Foi ali, num canto esquecido da zona rural de Concórdia do Pará, que Jaqueline Colins começou a enfrentar o impossível: estudar sem energia elétrica, dividir sala de aula com alunos de outras séries, percorrer diariamente dez quilômetros de estrada de barro para chegar à escola a tempo da chamada.

Quando chovia, o trajeto beirava o absurdo: o caminhão escolar descia ladeiras escorregadias em zigue-zague, às vezes de ré, com o abismo de um lado e a mata fechada do outro. Lá dentro, as crianças se agarravam com força às laterais da caçamba para não serem arremessadas. Jaqueline, franzina e calada, escondia o medo com os olhos fixos no horizonte. Mesmo sem entender ainda o tamanho do risco, ela já intuía que precisava resistir.

Tudo isso fazia parte do alfabeto da superação que a menina teve de dominar cedo. Quem a visse equilibrando cadernos no colo dificilmente imaginaria que, décadas mais tarde, ela ocuparia o primeiro lugar em cinco concursos públicos, inclusive o concorridíssimo 8º Concurso do Tribunal de Justiça do Amapá.

A primeira lição veio de casa. A mãe, professora municipal, repetia com convicção que o caminho para fora da pobreza passava necessariamente pelos livros. Não havia plano B. Ainda assim, dignidade cabia em gestos simples – a mesa posta, o uniforme limpo, o caderno bem cuidado, tudo conquista do salário de educadora. Jaqueline tomou nota: escola era bem mais que prédio; era passaporte.

Aos 14, fez a primeira mala com destino a Belém. Sonhava com um curso técnico, porque, para quem vinha de lampião, uma boa formação significava acender outras lâmpadas. Morou com tios e primos, mudou de endereço quantas vezes foi preciso e, aos 19, voltou para o interior formada e já com o segundo lugar em um concurso de nível médio. Parecia uma vitória definitiva, até Jaqueline descobrir que o salário de técnica de enfermagem não pagaria nem a mensalidade da escola das filhas que pretendia ter.

Foi então que começou o segundo salto: faculdade de noite, pós-graduação e um pacto diário com o edital. Seis horas de plantão no hospital, celular em punho nos momentos de espera, videoaulas do Gran rodando enquanto os colegas trocavam mensagens inúteis no WhatsApp. Em casa, a rotina não dava trégua, entre louças na pia, lições das meninas, esteira para cuidar do corpo – afinal, “a gente não pode se abandonar”. Só lhe sobravam as madrugadas para resolver questões de concurso.

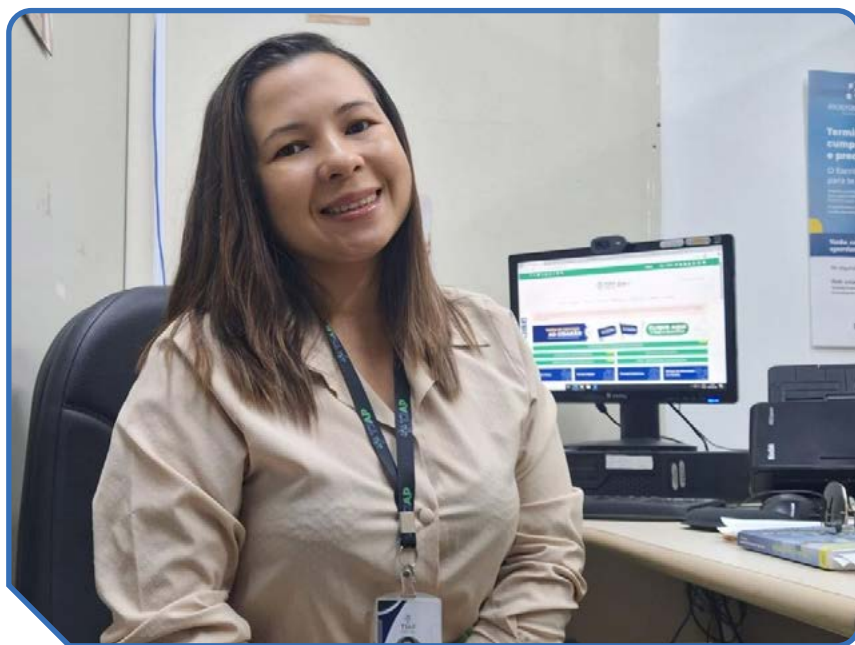
Vieram as reprovações que desiludiam, o ranking que custava a virar convocação, as listas que insistiam em trazer seu nome no 20º lugar... Entrava a madrugada, saía a fé? Não mesmo! Desistir jamais foi uma opção em seu gabarito. Com uma amiga, o compromisso renovado: “Se forem duas vagas, fico em primeiro; a segunda é sua.” E tome reabrir o caderno a cada nova tentativa.

Eis que, em 2023, o Tribunal de Justiça do Amapá publicou a lista derradeira. Uma cautelosa Jaqueline começou a leitura de baixo para cima. Quando seu nome não apareceu entre os dez primeiros, ela checkou o cabeçalho para confirmar o cargo – assistente social. E então, no topo da relação, lá estava: primeiro lugar. O grito ecoou dentro do hospital, seguido de três dias de tremores, maracujina para dormir e uma alegria que não cabia no peito.



Sonho realizado. Termo de posse no TJ-AP assinado!

Hoje Jaqueline está lotada na Vara de Execuções Penais de Macapá. Com a renda triplicada, trocou a quitinete por um apartamento onde a filha corre de ponta a ponta como quem mede a nova liberdade. Cinco minutos separam casa, escola e tribunal, o que lhe permite ser a mãe presente que sempre idealizou. Agora pensa em mestrado, talvez doutorado. É que concurso, para ela, nunca foi um fim em si mesmo, mas uma ponte rumo a novos horizontes.



Felicidade em servir ao público.

Quando alguém lhe pergunta o que dizer aos que andam cansados da estrada de chão e dos cadernos amassados, Jaqueline responde com o princípio que a

sustentou na penumbra dos lampiões: fé é certeza antes da prova final. A caminhada é longa, admite; mas, na chegada, cada madrugada insone ganha recibo.

Por isso, se o cansaço bater à porta, lembre-se da menina que se agarrava às laterais da caçamba do caminhão com medo de ser arremessada. Aquela mesma garota que, anos mais tarde, pegou carona na própria coragem para conduzir a vida das filhas por um caminho pavimentado de escolhas.

A lamparina, é certo, ficou para trás. Já a luz, essa chegou primeiro. Acendeu-se dentro dela muito antes de a rede elétrica alcançar a porteira – e continua acesa até hoje.



Da pequena casa de madeira à beira da floresta ao apartamento próximo do tribunal.



JAQUELINE COLINS

Assistente social do
**Tribunal de Justiça do
Amapá**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Jaqueline no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Entre passagens e parágrafos

Não foi na catraca de um ônibus que o Brasil conheceu Luana; foi no antigo Twitter, numa madrugada qualquer, quando um post publicado para apenas 190 seguidores adormeceu tímido e acordou com mais de 30 mil curtidas. O texto falava pouco, mas dizia tudo: a cobradora de ônibus que estudava só pelo celular – usando a plataforma do Gran, com PDFs, questões e videoaulas – havia sido nomeada para o Tribunal de Justiça de São Paulo, aprovada em um dos concursos mais concorridos do país, com mais de 90 mil inscritos. A postagem anunciou em poucas linhas o que meses de silêncio e constância já vinham moldando há tempos.



Luana.
@lucarstairs

...

Acabei de ser nomeada Escrevente do TJSP. Essa nomeação vai mudar TUDO na minha vida, hoje sou cobradora de ônibus, estudei na catraca e nem consigo assimilar que meu sonho vai se realizar, que minha realidade vai ser outra 😭😭

12:35 AM · 22 de nov de 2022

A história dela cabia em turnos e travessias. Pela manhã, faculdade de Direito. Ao meio-dia, o uniforme azul, o trânsito barulhento, o ritmo do relógio esgarçado.

Entre uma leva de passageiros e outra, quando o fluxo de pessoas diminuía, o celular virava mesa, biblioteca e caderno. Era hora de resolver questões no aplicativo e ler PDFs, destacando trechos com as pontas dos dedos como quem sublinha o próprio futuro. À noite, já em casa, era a vez das videoaulas. Tudo no celular. Não havia computador, mas havia o mais importante: constância.



Luana estudava apenas pelo celular, em geral nos momentos ociosos na função de cobradora de ônibus.

Também havia discrição. Luana não falou dos planos para ninguém do trabalho, nem mesmo para o motorista com quem dividia a jornada. Guardou segredo de todos, exceto dos quatro de casa: o pai, ex-cobrador e hoje motorista; a mãe, dona de casa; e os irmãos, um motoboy e outro ainda na escola. O silêncio não era medo de uma eventual reprovação, era receio de parecer “pretensiosa” e até de ouvir o temido “e aí, passou?” antes da hora. O sonho, assim, cresceu como deve ser: devidamente protegido.

A primeira tentativa foi em 2017. Inscrição feita, nenhuma técnica, zero método. Não deu. Vieram a faculdade, a pandemia e os boatos de que o TJ abriria novo concurso. Dessa vez, Luana reformulou a pergunta: em vez de “será que dá?”, “como é que dá?”. Pesquisou cursinhos, assinou a plataforma do Gran e montou um plano de estudos, sempre dentro do que era possível. Estudava de manhã na faculdade, à tarde entre uma parada e outra do ônibus, à noite com videoaulas. A disciplina passou a render minutos preciosos – porque, quando se sabe o destino, até pouco tempo vira muito.

O fato é que o dia a dia no coletivo ensina uma forma dura de atenção que lhe rendeu frutos. Entre freadas bruscas, eventuais acidentes, discussões entre passageiros e até assaltos, há um Brasil inteiro entrando e saindo, com todos os humores do dia e do mês. Foi nesse cenário que Luana aprendeu a concentrar o olhar num parágrafo de tal forma que, mesmo com o barulho aumentando ao redor, a leitura poderia ser suspensa temporariamente sem perder o fio da meada. Quem treina foco no tumulto depois reconhece o silêncio como vantagem competitiva.

E então a aprovação chegou. A nomeação foi um ano e um mês mais tarde. Quando o nome apareceu no Diário Oficial, Luana postou um tuíte curto e foi dormir. Acordou com 30 mil curtidas, que viraram mais de 100 mil, além de uma avalanche de mensagens privadas com congratulações, histórias parecidas, pedidos de dica, gente prometendo começar. Inacreditável, mas aquilo que ela temia ser “pretensão” agora era referência. Não era salto maior que a perna; era passo exato no degrau certo.

Os pais são a espinha dorsal dessa jornada. O pai, dono de uma inteligência moldada nas encruzilhadas da vida, ofereceu exemplo e estrada. A mãe, dessas que dividem um bife e chamam isso de amor, transformou o sacrifício em rotina. Metade para a filha, metade para o filho, e tudo bem se não sobrasse nada para si. O primeiro gesto da recém-concursada foi para ela: um cruzeiro, sonho antigo finalmente realizado.



Luzinete, mãe de Luana, no cruzeiro que a filha lhe deu de presente.

Hoje, a rotina é bem diferente. A lida diária é em prédio público e com segurança, e a remuneração digna paga as contas e compra novos horizontes. O serviço segue sendo prestado para gente de todo tipo, porém agora de trás de um balcão que oferece respaldo e futuro. Há, enfim, tranquilidade. E, como começo bom não merece ponto-final, Luana não pretende parar. A formatura em Direito está logo ali. A evolução na carreira pública, cada dia mais próxima. Promotoria? Procuradoria? Talvez. Só depende dela.



Luana no palco da nossa Reinvenção em 2023, de onde inspirou milhares de pessoas.



Com alegria, o Gran a presenteou com um notebook novo. A ferramenta hoje potencializa o que antes ela fazia apenas com o celular.

Muitos ainda lhe pedem conselhos e, em resposta, Luana não entrega heroísmo; entrega pragmatismo. “Comece com o que tem”, diz. Se só tem celular, que seja o celular. Se só tem quinze minutos para estudar, que sejam esses quinze minutos – afinal, são quinze minutos a mais do que você tinha ontem. O resumo é que estudo não começa perfeito; começa possível. Cada um carrega o peso da própria realidade, e Luana sabe disso melhor do que ninguém. Felizmente, há outra regra que é igual para todo mundo: o passo seguinte sempre parte do ponto até onde se avançou hoje.

No fim das contas, a crônica de Luana é sobre mérito com método, sonho com planilha, coragem com silêncio. Entre uma curva e outra da cidade, ela montou uma rotina que transformou barulho em trilho. E o curioso é que, quando a nomeação veio, não houve o som de trombetas, tampouco o estampido de fogos de artifício. Houve, sim, uma notificação no celular. Mais uma, igual a tantas outras... Só que, desta vez, era o futuro dizendo “chegou a sua vez”. E Luana, como sempre fazia, apenas clicou “ok” e seguiu em frente.



LUANA FARIAS

Escrivente do
**Tribunal de Justiça de
São Paulo**



Use os QR Codes ao lado para ser
direcionado à [entrevista](#) e ao [documentário](#)
com Luana no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu
celular para o código e assista!

De um pequeno povoado à Polícia Federal

O menino que acordava às quatro e meia para ir com os pais à roça, voltava correndo para engolir o almoço e, sem tempo para cochilo, atravessava o terreiro até a sala simples de paredes claras. Vila São José – que todo mundo chama de Manuéis – é um povoado com menos de 900 habitantes no mapa de Traipu, sertão de Alagoas, encostado no São Francisco. Ali, onde cada rosto tem nome e cada nome tem história, nasceu e cresceu Gilson dos Santos Leite, filho de agricultores que, analfabetos, aprenderam cedo a linguagem dos ventos e das secas.



Gilson na casa dos pais, no povoado de Manuéis.

Em 2004, o filho mais velho da família entrou no 1º ano. Gilson, um ano mais novo, ainda não tinha idade para ser matriculado, mas, como não havia com quem deixá-lo, os

pais o levaram junto. Ficou na mesma sala que o irmão e fez as mesmas atividades que ele, como se estivesse regularmente inscrito na turma. Começou os estudos assim, informalmente.

A ânsia por conhecimento surgiu, mas as coisas caminhavam no ritmo que dava. No povoado, as lâmpadas incandescentes mal venciam a escuridão, e, depois de um dia pesado na roça, o corpo cobrava sono em plena sala de aula. Apesar disso, o menino teimava em aprender e organizava o mundo copiando dados de enciclopédias no fim dos dicionários, fazendo rankings das maiores cidades. No ensino médio, já em Girau do Ponciano, irritava-se com o ritmo lento de algumas aulas – como assim uma única matéria repetida por quatro aulas?

Aos 16 anos, concluiu a escola e engatou a faculdade de Engenharia Civil. Para quem estudara à meia-luz, encontrar laboratórios bem equipados, biblioteca e pista de corrida à disposição foi como abrir as janelas depois de anos em um cômodo fechado – um clarão que, de tão intenso, quase cegava antes de revelar o mundo inteiro lá fora.

Mas foi nos estágios que a ideia de futuro mudou de vez. O engenheiro-chefe ganhava bem, mas vivia correndo, sem tempo de ver a filha senão no intervalo do almoço. Os colegas formados trabalhavam como auxiliares e reclamavam do salário baixo. A frustração era palpável.

Àquela altura, Gilson repetia que jamais faria concurso público. “Se um dia eu fizer, é porque tudo deu errado”, dizia, reproduzindo um preconceito antigo, herança

de experiências ruins como usuário do serviço. Foi a namorada – hoje esposa – quem virou a chave, enchendo o celular dele de vídeos sobre PF e PRF e de links do Gran. “Só tenta”, dizia. Em maio de 2020, início da pandemia, ele cedeu. Decidido a estudar em tempo integral, deixou os estágios. Faltava, porém, o de sempre: dinheiro. A família tinha histórico no Bolsa Família e foi assim que ele descobriu a Assinatura Social do Gran, que “permite concorrer de igual para igual”. Matriculou-se.

Dali em diante, o estudo virou ofício. PDFs sublinhados, videoaulas aceleradas – quando a internet permitia –, Gran Questões durante o almoço na obra temporária que arrumou em novembro... Sem Wi-Fi bom, Gilson baixava as aulas de madrugada para assistir off-line.



Gilson estudava em uma cadeira desconfortável e em uma mesa de plástico improvisada.

Durante a semana, morava com a avó em Arapiraca e, aos sábados, retornava para a casa dos pais, onde, depois de ajudar o irmão na ordenha das vacas, começava o dia resolvendo 40 questões de Português. Quando a Polícia Federal enfim virou foco, ele já tinha um esquema todo montado: ciclos de estudo organizados em planilhas, ritmo administrado pela técnica pomodoro, disciplinas separadas por peso, além de revisões programadas e cumpridas com rigor. Simulado após simulado, foi da casa dos 40 pontos para perto dos 80. Analisando as notas de corte de concursos anteriores, pela primeira vez, acreditou: “Dá.”

Preocupado com o TAF, fez o que precisava ser feito. Não sabia nadar, então começou do zero, uma braçada de cada vez. Na barra fixa, treinou como deu, no improvisado que a pandemia permitia. A fome de acerto dividia espaço com a falta de recursos: “Tive dificuldade até para pagar academia. Alimentação, tudo era contado. Se não fosse a Assinatura Social, eu não teria conseguido.”

No dia da prova, saiu com a cabeça cheia de fantasmas. “Deu ruim”, pensou. Em casa, conferiu suas respostas com o gabarito preliminar do Gran: 82 pontos. O número indicava que o impossível tinha se tornado provável. No dia 11 de julho, às cinco e pouco da manhã, pegou o celular e viu o nome no Diário Oficial. Primeiro, se sentou; depois se deitou. Ficou ali, mirando o teto, até esquecer a hora. Finalmente, se levantou e foi correr, como quem agradece com o corpo. Na volta, o telefone explodia. Agradeceu aos professores. Citou, entre outros, Geilza, Aragonê, Gustavo Scatolino, Érico Palazzo e até este escritor, que talvez o tenha ajudado com algumas mensagens de motivação.

Contou aos pais apenas depois de aprovado no TAF. A mãe, hipertensa, viu a pressão subir com a notícia da mudança para Brasília. O pai quis saber o salário, decorou o número e, no mesmo dia, metade da família já repetia, vaidosa, a novidade “do menino de Manuéis” que ia ser policial federal e ganhar bem. Quando o filho voltou, ouviu o que mais doeu e mais curou: o sertanejo duro, a quem chamava de pai, pediu um abraço, chorou, falou que estava orgulhoso e que, acontecesse o que acontecesse, aquele pedaço de chão continuaria sendo casa. Foi a primeira vez que Gilson viu aquele homem de poucas palavras dizer tanto com tão pouco.

Católico à moda do sertão, o recém-aprovado já tinha feito promessas: mandaria o primeiro salário inteiro aos pais e, com o segundo, começaria a reforma da casa – “não é lugar para dois idosos viverem do jeito que está” – e contrataria um plano de saúde para eles – houve dias em que o pai ficara sem remédio por falta na farmácia, e o filho não queria que isso se repetisse.

Hoje, Gilson é policial federal em Corumbá-MS, cursa Direito na UFMS e pensa em ser delegado, talvez professor... mas sem pressa. O que existe, firme, é a recusa em parar. Quando a própria história parece dizer que agora dá para descansar, ele se lembra do menino que copiava trechos de enciclopédias na penumbra e do jovem que resolvia questões de português antes mesmo do café da manhã. Seu caminho nunca fora o do descanso, mas o do passo seguinte.

Se alguém lhe pergunta o que o moveu até aqui, a resposta vem sem fórmula complicada: ele acreditou e, acreditando, trabalhou no escuro até conseguir acender a própria luz. Do povoado de menos de mil almas saiu um aprovado em um dos concursos mais disputados do país, não porque um milagre caiu do céu, mas porque, quando a oportunidade chegou, ele estava de pé para agarrá-la.

Gilson já voltou a Manuéis como policial. Atravessou os mesmos cinquenta passos até a escola onde tudo começou, abraçou o pai que nunca foi de abraços, levou a mãe para aferir a pressão no posto e segue ajudando a clarear os cantos que um dia foram escuros. No olhar dos vizinhos e nas conversas que se espalham pelas ruas simples, ele vê o reflexo de quem foi – e a prova viva de que, com fé, disciplina e dedicação, até o sertão mais distante pode ser ponto de partida para chegar a qualquer lugar.



Hoje, Gilson serve o país e recebe mais de R\$ 14 mil por mês como policial federal.



GILSON DOS SANTOS LEITE

Policial federal



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Gilson no canal **Imparável!**

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Do assentamento à Receita: a fé que não dorme

Na foto da posse, o terno parece novo, mas a história por trás dele é antiga. Começa em Aracaju, com uma mãe que trabalhava de madrugada como faxineira, passava o dia no curso técnico de enfermagem e ainda achava tempo – e disposição – para atender ligações das colegas pedindo dicas. Começa também com um pai vendedor ambulante que descobriu o Parkinson quando o filho tinha 12 anos. “Um dia seu pai vai precisar de você”, diziam. E esse dia, de fato, chegou.

Jonathas cresceu entre sacolas de frutas na banquinha do pai e cadernos com erros de ortografia. Aluno mediano, foi capaz de aos 9 anos tirar 9,5 numa redação sobre violência no trânsito – tema livre escolhido por alguém que acordava cedo para ver jornal e o programa Pequenas Empresas & Grandes Negócios –, mas oscilava nas outras matérias. O que não oscilava era a lição da mãe: estudo muda destino.

A faculdade parecia distante até que, aos 15, a igreja abriu uma janela. Lá, Jonathas conheceu gente cursando universidade e sonhou alto. Viu-se de terno e gravata, e o curso de Direito tornou-se objetivo. Faltando meses para o vestibular, montou o primeiro plano de estudos da sua vida. Funcionou.

Na sala de aula, o coração ardia, mas, nos corredores, a realidade o alcançou: tímido, ele não se imaginava advogando. Oraciocínio foi direto: em concurso público, não se avalia aparência ou simpatia, e sim o resultado. Cogitou o Ministério Público, mas no estágio percebeu que esse não era seu caminho. Sem rumo, listou possíveis cargos. Os critérios eram quatro: uma carreira que permitisse tempo para se dedicar a outras paixões (história, teologia, filosofia...), um salário que dispensasse bicos, vaga em Sergipe e, se possível, um ofício pouco conhecido, pois ele queria ser lembrado pelo nome, não pelo cargo. O alvo financeiro era modesto: R\$ 2.500 por mês. A carreira de auditor-fiscal nem sequer lhe passava pela cabeça.

Até ele conhecer a família, especialmente a mãe, de um colega da faculdade. O que o impressionou não foi o aeroporto, tampouco a tevê da casa, mas tudo que aquela mulher pudera fazer graças ao bom salário de auditora: ajudar a família, comprar a casa da mãe, garantir os estudos dos filhos. “É por aí...”, pensou. Jogou no Google: “auditor-fiscal Sergipe”. O resultado foi que o último concurso havia sido 30 anos antes – e justamente naquele dia um novo estava autorizado. Um sinal é um sinal.

Começou a estudar. Sem o método ideal, reconhece, mas começou. Contudo, a vida se complicou entre rotina pesada, pressão por resultados, conflitos dentro de casa e dinheiro curto. O emocional cedeu e Jonathas largou o estágio. Passou a ir a pé para a faculdade, e às vezes nem ia. Os estudos simplesmente deixaram de ser prioridade.

Depois veio a pandemia e, com ela, a escassez de emprego. Distribuiu o currículo para 80 postos, de serviços gerais a estoquista de mercadinho, e nada. Seguiu com o que estava disponível: as aulas gratuitas no YouTube pela tela do celular ou do notebook emprestado.

Certa noite, a casa deixou de caber nele – ou talvez ele já não coubesse nela. Saiu com a roupa do corpo e andou até cansar os pés e a alma. Sem teto, dormiu na rua mesmo. Naquela noite, entendeu que o concurso público, para ele, não era mera escolha profissional, era questão de sobrevivência. Pediu trabalho ao único que não lhe negaria um, o pai. O emprego na pequena frutaria, no entanto, não durou muito. Demitido pelo irmão, que preferia um ajudante “mais ágil”, voltou para a casa da mãe. E para os estudos.

Àquela altura, as reprovações já somavam três. A mais dolorida delas foi para a Secretaria de Fazenda de Sergipe. Poucos meses antes da prova, a mãe daquele amigo – a quem ele carinhosamente se refere como “mãe café com leite” – lhe fez um convite que valia por uma estante de livros inteira: casa e silêncio para ele conseguir estudar. Ele não perdeu a oportunidade e se dedicou como nunca. Ainda assim, reprovou.



Jonathas na pequena frutaria de seu pai, de onde acabou demitido.

Durante um almoço, enquanto era consolado pela família do amigo, alguém lhe apontou a trilha: “Parabéns. Com a estrutura que você tinha, chegar até aqui é coisa de poucos. Dizem que em seis meses vem Receita Federal.” Às vezes, a diferença entre cair e levantar é uma frase. Jonathas analisou as disciplinas da Receita e montou um plano cirúrgico de seis meses. Ajustou a bússola: se não fosse em Sergipe, paciência.

Morando num assentamento de lona, ganhava de R\$ 20 a R\$ 40 por dia. Com esse valor, pagava transporte, comida e a assinatura de estudo. Sem dinheiro para a inscrição, mais uma vez contou com o socorro do amigo, que se ofereceu para ajudar sob uma condição: “Pago se você prestar para auditor.” Jonathas cancelou analista, respirou fundo e subiu o sarrafo.



O assentamento onde Jonathas morou na fase mais difícil. Sua casa ficava ao fundo e era bem mais simples que a da imagem.

Faltavam-lhe ferramentas. O notebook emprestado foi pedido de volta. A namorada – hoje esposa – fez o TCC no celular para ceder, às escondidas, o único computador da casa. O cartão dela tinha R\$ 100 de limite, e a Assinatura Social do Gran coube no estreito orçamento. Pronto! Com o plano no papel, material de estudo em mãos, fé e um tanto de teimosia, lá foi ele para mais um desafio.

Veio a prova, a aprovação e a posse. E foi na posse que tudo se encaixou: quando lhe explicaram suas funções, ele finalmente compreendeu. “Tudo que estudei vai ser

usado. Tudo que vivi me ajudará a entender o peso de cada decisão.” O terno não era só roupa; era símbolo. O contracheque de mais de R\$ 20 mil ainda assusta, mas o propósito segue firme: retribuir o que recebeu, honrar quem o incentivou, cuidar dos seus.

Peça a Jonathas um conselho técnico, e ele falará em plano de seis meses, em necessidade de sanar deficiências e na importância de priorizar o que mais cai na prova. Mas, se a pergunta vier de quem está quase desistindo, a resposta virá de quem já dormiu na rua: cerque-se de gente verdadeira. De uma “mãe café com leite”, de um amigo que banque sua inscrição, de uma parceira que lhe empreste o notebook e lhe ceda o limite do cartão. De gente que aposte em você mesmo quando tudo que você tem a oferecer em troca é determinação. Se lhe faltar fé, aceite a dos outros emprestada.

Certas histórias se perdem num enredo duvidoso, outras não. Essa começou com uma mãe estudando enquanto o mundo dormia, um menino vendendo frutas ao lado do pai, uma listagem de cargos e uma pesquisa no Google. Quase se encerrou antes da hora, diante de três reprovações. Teve o céu como teto, lona como casa e um “parabéns” que virou mapa da mina. Hoje tem crachá de auditor-fiscal e uma ideia simples: disciplina e convicção fazem atravessar qualquer deserto quando não se caminha sozinho.



Jonathas na sua posse como auditor da Receita Federal ao lado da "mãe de Brasília", a sra. Ana Tereza, que o acolheu na cidade até ele encontrar um local para ficar.



JONATHAS SANTOS

Auditor-fiscal da
Receita Federal do Brasil



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Jonathas no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Da recepção ao Diário Oficial

Em uma cozinha simples, no município mineiro de Três Marias, um casal mede o sal do jantar e o peso de uma decisão. Ele respira e olha fundo nos olhos dela: “Se eu me dedicar de verdade, eu passo.” Ela aperta sua mão: “Então vai. A gente segura as pontas.” Foi ali, entre a panela e a coragem, que João Márcio virou a primeira página do livro da sua vida.

Até então, ele somava anos na recepção de um hotel, onde os turnos começavam e terminavam no balcão, entre sorrisos treinados e boas-vindas a rostos impacientes. Complementava a renda consertando computadores, ofício que aprendera sozinho, fuçando tutoriais. Àquela altura, o país passava por uma crise e o salário começava a atrasar, as demandas no serviço paralelo a rarear... De casamento marcado, a sensação era de que tudo podia ruir em um sopro.



A simples casa onde João Márcio cresceu, no interior de Minas Gerais. A mulher varrendo o chão é a sua mãe, dona Rosa.

O risco era grande: lançar todas as fichas em um projeto audacioso como aquele? Por outro lado, também pesava o incômodo de ver colegas se formar e avançar na carreira enquanto ele não saía do lugar – e de trás do balcão. Um dia, a palavra “concurso” lhe ocorreu, e ele fez duas tentativas – assim, de impulso mesmo, sem método. Quando veio o edital do INSS, com vagas de nível médio e cinco meses até a prova, a coisa ficou séria. Sem nunca ter sequer aberto uma Constituição, buscou a ajuda de professores que lhe traduzissem o Direito. Dedicou-se, empenhou-se, mas não passou entre as vagas. Ao menos, ficou perto o bastante para compreender que aquilo não era ilusão.

As pessoas lhe diziam para aguardar a nomeação, mas João escolheu não parar. Sem edital na praça, estudava como quem estoca água para a seca. E foi assim que, quando surgiu o rumor da Câmara dos Deputados, ele já tinha uma boa base. Ao que um amigo soprou “deve sair TST”, João comprou o curso específico do Gran, intensificou o ritmo e cobriu o edital antes mesmo de ele existir. Quando a banca confirmou o que ele já vinha fazendo no escuro, bastou revisar, resolver questão atrás de questão e... conseguir.

Constância tem cheiro de madrugada e som de caneta no papel. Para João, teve também mudança de banca: veio o STM, padrão Cebraspe. Ele treinou o “certo/errado” como novo idioma e... conseguiu de novo. Logo depois, saiu outro edital, do STJ, com 15 disciplinas inéditas. Qualquer um diria “agora não”; ele preferiu seguir no embalo.

E seguiu. Foram três concursos e três aprovações. Um interior inteiro coube no abraço que deu na esposa quando a primeira lista saiu. Tentou guardar segredo para se poupar das vozes frias de sempre que anunciam o fim dos concursos e provocam com um “tem certeza?” quando o coração já respondeu.



Em 2018, João Márcio tomou posse no STM e se mudou para Brasília.

Enfim, deu certo. Teve churrasco, família reunida e o momento que todo concurseiro mais anseia, o de ver o próprio nome no Diário Oficial. “Indescritível”, João repete, e a gente acredita.

Corredores antes vistos apenas através da tela eram agora seu cotidiano. No crachá, o brasão de tribunal superior. O balcão ficou para trás, mas não a disciplina, a escuta, a presença. A rotina, antes apressada entre

recibos e chaves de quarto, agora se cumpre com a responsabilidade de quem serve o país por dentro. Entre um passo e outro, cruza no elevador com um professor que lhe ensinou pela internet e que agora é colega de trabalho. Sorri por dentro. “Valeu a pena”, pensa.

E a constância seguiu rendendo frutos. Pouco depois de assumir no STM, foi nomeado para o TST. Lá chefiou seção, foi pregoeiro, atuou em áreas em que jamais imaginara trabalhar. Em 2025, tornou-se analista no CNJ. Para tomar posse, concluiu a graduação no 7º semestre, amparado em procedimento legal que permite abreviar o curso por desempenho excepcional comprovado pela nomeação.



Em 2025, João Márcio tomou posse como analista judiciário no CNJ, cargo de nível superior que lhe propiciará, além de remuneração maior, viagens pelo Brasil.

Curioso pensar que, anos atrás, João Márcio carregava as malas dos hóspedes do hotel e a partir de agora poderá carregar as suas próprias quando começar a percorrer o país em inspeções a tribunais. O mesmo Brasil, outra travessia.

A vida mudou profundamente. Com estabilidade, João bancou a faculdade que sempre quis, sustenta a mãe e apoia os estudos da esposa. O futuro, antes minguido, agora é cheio de possibilidades: somar prática, talvez disputar uma toga – não por vaidade, mas por lealdade ao verbo que conjuga bem, “servir”.

O que mais comove na história de João Márcio não são as siglas dos órgãos nem as cifras no contracheque. É a cena que começou tudo: os olhos dele nos dela, a mão dela na dele, a aposta nos livros e a coragem de prosseguir quando tantos estacionam. É a constância de abrir o PDF mesmo quando a cabeça dói, de assistir à aula ainda que o sofá chame, de refazer a questão quando a primeira resposta foi errada. É a sabedoria de escolher o que importa e de calar o ruído que tenta desmotivar. É a fé, palavra que ergue pontes.

Há quem diga que os concursos vão acabar ou que “agora ficou impossível passar”. João entendeu a tempo que essas falas apenas refletem medo. E medo não se rebate com discurso; vence-se com método. O dele foi o básico que funciona: antecipação ao edital, estudo diário, bom planejamento, ajustes conforme a banca, revisões e muito, muito treino. O diferencial? Colocar o coração no lugar certo, sabendo por quem e por quê.



João e a esposa, Caroline, sua grande incentivadora.



João com a mãe, a quem faz questão de ajudar financeiramente.

Se há algo que eu gostaria que você extraísse dessa história é que dá para competir de igual para igual. A internet aproxima; o material certo encurta o caminho; o apoio de quem nos ama multiplica nossa coragem.

Quando a sua certeza vacilar, puxe da memória esta imagem singela: uma cozinha qualquer, duas mãos dadas, uma frase que muda destinos.

“Se eu me dedicar, eu passo.”

“Então, vai. A gente segura as pontas.”



JOÃO MÁRCIO

Analista judiciário do
**Conselho Nacional de
Justiça**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com João Márcio no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Promessas que mudam tudo

Imagine a seguinte situação: um pai está desempregado e sem renda até para comprar comida para a família. Tamanho desespero o leva a vender tudo que tinha algum valor na casa. Em um dado momento, só lhe restam algumas moedas, que somam 25 centavos. Ele as entrega ao filho mais velho, que vai até a padaria e compra dois pães. A família, porém, é formada por quatro pessoas e todas precisam... comer. O combinado, então – e na frente dos filhos –, é que o alimento seria das crianças. Os pais dormiriam com fome.

Isso aconteceu. Daniel Santos era uma das crianças que dividiu o jantar naquela noite. Sabe o que ele fez a respeito? Prometeu para si mesmo que estudaria o quanto fosse necessário até conseguir mudar a triste realidade das pessoas que ele amava. Aos 20 anos, começou sua saga, vendendo cocada pelas ruas e pelos comércios de Feira de Santana, município baiano. Todavia, as vendas não lhe rendiam lá muito dinheiro e, verdade seja dita, não estavam ajudando a família a sair do estado de absoluta necessidade. Foi, então, que ele passou a prestar atenção nos colegas de semáforo, sobretudo nos que vendiam água mineral – e faturavam alto com isso.

Não demorou nada, ele quis mudar de negócio; deixou as cocadas de lado e resolveu apostar nas garrafinhas

de água. Só faltava uma coisa: dinheiro para comprar a mercadoria. Sabedor de que são as dificuldades que criam os imparáveis e se lembrando do Salmo 55:22 (“Entregue suas preocupações ao Senhor e ele o sustará; jamais permitirá que o justo venha a cair”), reagiu e agiu. O que foi que ele fez? Pediu dinheiro emprestado a uma amiga, comprou alguns fardos de água mineral e os vendeu todos em um único dia debaixo de sol no semáforo. Quitou a dívida com a amiga e fez a roda girar: tinha início ali uma rotina que se repetiria por sete longos anos.

Mas ele não parou por aí. Decidiu que, entre uma venda e outra, focaria nos estudos. Seu objetivo era ser aprovado em algum concurso público que lhe garantisse estabilidade e qualidade de vida. Daniel não tinha a menor dúvida quanto ao poder transformador da educação. Confiava que não perderia nada por se dedicar aos estudos; ao contrário, ganharia confiança, conhecimento, energia para enfrentar os problemas da vida. A cada dificuldade superada, ele nos confidenciou em entrevista, tinha mais certeza de que era imparável.

Antes de enveredar pela vida de concurseiro, cabe registrar que Daniel precisou sair da escola no último ano do ensino médio para cumprir seu dever de cidadão no serviço militar obrigatório. No início foi frustrante, mas ele decidiu que daria o melhor de si também naquela tarefa. Acabou se destacando na tropa. Deu baixa do Exército, concluiu o ensino médio e entrou para a faculdade de Engenharia Civil, que logo teve de largar por não conseguir conciliá-la com a rotina de trabalho: a faculdade ficava

longe demais. Acabou sendo o emprego informal de vender água mineral nos semáforos de Feira de Santana que o sustentou e lhe deu a chance de percorrer o Brasil prestando concursos.



Daniel vendeu água no semáforo por sete anos.

Não pense que, com o tempo, as coisas foram ficando mais fáceis para o jovem baiano. Aos 27 anos de idade, na fila dos concursos há 5 anos e ainda sem um emprego formal, de carteira assinada, nosso herói tinha, de concreto, apenas uma promessa. Lembra-se?

Além disso, seu sonho era ser policial.

Então, com muita fé na mochila e alguns trocados na carteira, Daniel foi fazer prova país afora. Sucederam-se 27 concursos, 3 aprovações e 1 nomeação. Foram muitos anos pedindo carona pelas estradas brasileiras. Em uma delas, calhou de o motorista ter sido seu colega no Exército.

O homem não só ajudou com o deslocamento de Daniel até o local de prova como permitiu que o antigo colega de armas dormisse na boleia do caminhão nas noites anteriores às provas. Fez mais: deu dinheiro para o concurseeiro pagar a diária em uma pequena pousada próxima ao local onde seria o concurso que Daniel enfrentaria.

Quem tem amigos tem tudo. No caso de Daniel, ele pôde contar com muitos deles, mas não era só isso. Ele também carregava, no peito e na alma, a certeza de que, na vida, há tempo para tudo, inclusive para a realização de sonhos. Os seus, ele tinha certeza, seriam concretizados. Sua fé era inabalável. Ele não sabia quando, mas seria, sim, aprovado e nomeado servidor público. Assim, em tudo que fazia, Daniel incluía Deus, não como um servo que tudo faz pelos outros, mas como um parceiro, alguém que está junto e misturado para enfrentar o que der e vier.



À época, as dificuldades financeiras impediram que Daniel concluísse o ensino superior.

Em uma de suas viagens de concurseiro, Daniel até conseguiu dinheiro para a hospedagem, mas não para a comida. Então, combinou de cozinhar para os três colegas de quarto – e concorrentes seus no certame – em troca de café da manhã, almoço e janta. Aqui, não tenho dúvida, foi Deus sinalizando ao futuro policial que Ele estava na parada, que era sócio do negócio e que Daniel deveria aproveitar aquela experiência para evoluir como ser humano. O rapaz ainda não podia imaginar, mas, lá na frente, os atributos que lhe vinham sendo exigidos como concurseiro pobre – paciência, humildade, resiliência, equilíbrio emocional, coragem – voltariam à carga quando ele estivesse na função de servir à Sua Excelência, o cidadão.

Como ocorre em toda jornada, surgiram alguns anjos na de Daniel, e eis que ele se deparou com as aulas gratuitas oferecidas pelo Gran. Para alguém como ele, que não tinha dinheiro para praticamente nada, foi, de novo, Deus dizendo: “Aproveite aí o cavalo selado. Não desperdice a oportunidade.” Ele não desperdiçou. Assistiu a cada uma das aulas disponibilizadas e devorou todo o material que aparecia, a fim de se tornar mais e mais competitivo na briga por uma carreira no serviço público.

Em resumo, o guerreiro Daniel apanhou muito nas estradas nem sempre bem pavimentadas do mundo dos concursos. Mas ele sempre agiu como quem entende que cair e conseguir se reerguer, aprendendo com a queda, é o segredo dos vitoriosos. É claro que, em algumas situações de aperreio, nosso imparável chorou. Porém, pensou na

família, enxugou as lágrimas e mandou a tristeza às favas. Afinal, ele não tinha tempo a perder em conversa fiada com essa senhora.

Os grandes guerreiros são como Daniel: não nascem prontos; são moldados na arena de luta enquanto enfrentam adversários mais fortes. Os maiores campeões de que se tem notícia compreendem que a vitória não é mérito dos arrogantes, dos presunçosos, dos talentosos, dos desprovidos de humildade, virtude inerente a quem almeja aprender sempre e mais. As conquistas estão, sim, ao alcance dos ousados, de quem tem visão sistêmica e uma boa dose de competitividade; enfim, dos iluminados que seguem na companhia de gente disposta a ensinar. Pessoas de bravura, como o nosso Daniel, pensam e agem segundo o ensinamento de Platão: “Vencer a si próprio é a maior das vitórias.”

A história do nosso protagonista não chegou ao fim, é claro; ele está vivo e bem. Mas os resultados de sua incansável luta vieram calar os ignorantes e pregadores do caos, os torcedores do contra. O nosso imparável é, hoje, policial militar da Bahia. Realizou seu maior sonho pessoal e profissional, deixando a condição de vendedor de água mineral no semáforo para se tornar autoridade em seu estado.

Ele é prova viva de um mote que adotamos aqui: no Gran, todo mundo pode.



Daniel prometeu para si que mudaria a realidade daqueles que ama.

Gostaria que você se inspirasse no exemplo dele. Faça para si mesmo uma promessa capaz de mudar tudo e não meça esforços para cumpri-la.

Você também pode.



DANIEL SANTOS

**Policial militar do estado
da Bahia**



Use os QR Codes ao lado para ser
direcionado à [entrevista](#) e ao [documentário](#)
com Daniel no canal [Imparável!](#)

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu
celular para o código e assista!

Do galinheiro ao Diário Oficial

Belford Roxo, Baixada Fluminense. O menino Keni Wilson, então com nove ou dez anos, já exibia as mãos manchadas de graxa, efeito do trabalho na oficina mecânica, onde encurtava a infância para ajudar o pai a levar algum dinheiro para casa. O lar desfeito em brigas, separação e mais brigas faz do garoto um errante entre as casas do pai e da avó. Antes mesmo da adolescência, ele sai de uma, depois volta, depois sai de novo... nisso, a escola vai ficando para depois.

Vem todo tipo de bico: vendedor de sorvete, trabalho em rádio e em gráfica, ajudante de pedreiro, montagem de gradil... Aos 16, a mãe tenta erguer uma casa no interior, mas, sem portas nem janelas, o material da construção desaparece. O filho decide: “Deixa que eu fico lá tomando conta.” E lá vai ele proteger, com o corpo, o pouco que havia.

O tempo corre. Em 2014, chega Karolina, aquela que será sua parceira de vida, e, com ela, Miguel, a quem Keni abraça como filho. Em 2017, nasce Alice. A rotina vai se repetindo: ônibus às 5h20, corte de mato no porto das 6h da manhã até a noite, volta para casa às 18h30, um banho rápido e meia horinha com as crianças, entre mamadeiras, dever e colo. Em seguida, enquanto o mundo inteiro rende-se ao sofá, ele se rende à mesa de estudos.

A janta vem pelas mãos da esposa, e ele come estudando. É assim por meses. É assim por anos.

A certa altura, a empresa exige o diploma do ensino médio; ele só tinha ido até o fundamental. Podia inventar desculpas, dizer que “não deu”, mas preferiu não brigar com o destino. Fez supletivo no semipresencial e foi, então, que, vasculhando o YouTube em busca de aulas para assistir, descobriu um mundo inteiramente novo, o dos concursos públicos. Percebeu que havia um caminho bem pavimentado mesmo para gente como ele, acostumado à terra batida.

Só que... estudar onde? No começo, no galinheiro da casa da mãe. Não é figura de linguagem, ele estudava no galinheiro mesmo, sentado em uma cadeira simples à frente de uma mesa de plástico. O celular – única janela para as videoaulas – carregava na tomada improvisada enquanto as aves cochilavam nos poleiros. Mais tarde, ergueu um cubículo de madeira no quintal e montou um notebook de retalhos: carcaça de um, HD de outro, teclado torto de um terceiro.... um projeto improvável que, surpreendentemente, funcionou. Ali, televisão com chuveiro servindo de tela e PDF aberto, mergulhou nos estudos de vez. O único pequeno conforto era um ventilador barulhento que o ajudava com o calor.

No início, Karolina desconfiava – é que o mundo costuma rir de quem pensa grande. Quando ele passou no TRT, porém, o riso virou respeito. “Dá”, ela entendeu e se tornou trincheira. Levava a janta, assumia as tarefas e

lidava com o cansaço como podia, enquanto ele, com os olhos ardendo, recorria a um chazinho de vez em quando para enganar o corpo. A cabeça insistia em desmaiar; o propósito não deixava.

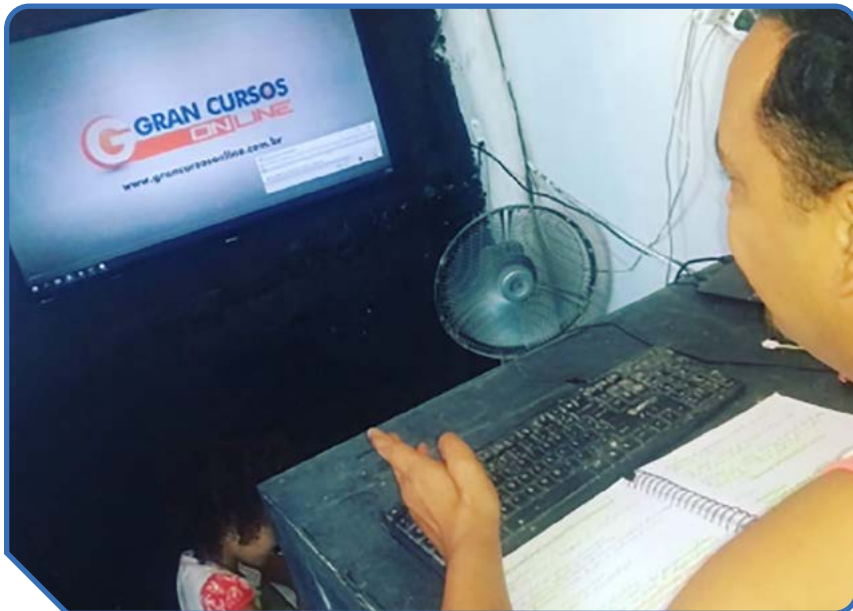


Esta era a “base” de estudos de Keni, feita de gambiarras, o suficiente para ele sonhar.

Vieram os primeiros testes. Encarou o CREMERJ para “sentir o clima” e foi bem na objetiva, mas tropeçou na discursiva. Veio o TRT e, com ele, a primeira aprovação. Depois, o Ministério Público e uma prefeitura entraram na lista do “sim”. Mais tarde, a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro – edital que, no fundo, ele queria que fosse “o” edital. No caminho, ainda passou para a Caixa. Agradeceu, mas recusou: o coração já tinha dono.

A estrada foi tortuosa. Estudar depois de onze anos longe da escola não é nada fácil. Doía ainda mais porque o tempo com os filhos custava caro. O medo maior não era reprovar, era não virar exemplo. “Se eu falhar, eles vão

acreditar que estudar não leva a nada.” Essa frase, que ecoava em sua mente noite após noite, empurrava-o para a próxima aula, para a próxima bateria de questões, para a próxima revisão.



Em um dado momento, Keni conectou as aulas na tevê, pois o computador já não funcionava direito.

Eis que chegou o 7 de janeiro de 2022, dia da tão aguardada posse no cargo dos sonhos. Devido às restrições da pandemia, os filhos não puderam entrar no auditório e assistiram pelo telão. Em casa, o abraço foi daqueles que religam o mundo. Na cabeça do agora técnico da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, passava um filme rápido, uma sobreposição de imagens: o galinheiro, a casinha de madeira, a tevê com chiado, o

teclado capenga, o ônibus das 5h20, a mão de Karolina lhe passando o prato, as vezes em que ele adiou uma lista de exercícios para brincar de carrinho no chão da sala antes de voltar ao cubículo com ainda mais determinação.

Assumi o novo posto com humildade que engrandece: aprender primeiro, servir sempre. Colegas, como Ana Carla e Douglas, acolheram, ensinaram, abriram portas. Defensores, idem. Faculdade de Direito? Viria no tempo certo. Antes, era preciso pôr a casa em ordem, literalmente. Em seis meses, o salário que parecia lenda já se transformava em chuveiro quente, fio passado, forro novo. Finalmente, chovia menos dentro de casa que lá fora. E, talvez pela primeira vez, a palavra “perspectiva” saiu do dicionário e veio para o mundo dos fatos.

O mesmo Keni, que, por um tempo, vivera em uma casa sem portas, para garantir que os sacos de cimento estivessem ali no dia seguinte, hoje tem uma mesa de trabalho com computador e tudo mais funcionando. Para diminuir o calor, ar-condicionado em vez de um velho ventilador. O contracheque paga as contas, mas custeia algo ainda maior, a paz de espírito que só quem faz o mercado sem conta de cabeça conhece. Esse sossego para poder planejar é dignidade. E dignidade, na vida real, tem som de chuva batendo no lugar certo, de cheiro de tinta fresca e de sensação de água quente caindo sobre os ombros.



Keni no dia da posse, no meio da pandemia de covid.

Avançando alguns anos, vemos um Keni já no fim da graduação em Gestão Pública e aprovado no MPU.

Se você, que lê estas linhas, sente que a sua vida é um corte de mato sem fim, com manhã virando noite e noite virando manhã, guarde o mapa de Wilson. Ele começou com o que tinha: celular, mesa de plástico e vontade. Muita vontade. Fez supletivo aos 32 anos. Estudou onde dava e quando dava. Foi bem em algumas provas e mal em outras, mas aprendeu que é preciso insistir. Contou com o apoio de quem importava, a parceira Karolina, e

fez ouvido de mercador a quem não agregava nada com seus comentários. Usou a internet como ponte, não como distração. Sobretudo, colocou o coração no lugar certo: por quem e por quê.

Não existe segredo. Existe generosidade, para escolher lutar até se tornar exemplo em casa. Existe disposição, para suportar galinheiros e cubículos de madeira como local de estudo e um notebook todo remendado como ferramenta. Existe constância, para insistir apesar do cansaço físico, mental e emocional. Existe método, para fazer valer o melhor de si e das circunstâncias. E existe ousadia para questionar a realidade.

Afinal, fracassa quem para. Quem persiste, chega. Sempre chega.



Ken e a esposa, Karolina, sua maior apoiadora.



KENI WILSON

Técnico da
**Defensoria Pública do
Rio de Janeiro**



Use os QR Codes ao lado para ser
direcionado à [entrevista](#) e ao [documentário](#)
com Keni no canal [Imparável!](#)

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu
celular para o código e assista!

Do fogo ao TRE-PA

A primeira lembrança que o mundo deixou em Lucas foi a de chamas, de fogo e de destruição. Na zona rural da Bahia, onde ele nasceu e cresceu, não havia energia elétrica, e o jeito era iluminar tudo com lampião. Certa noite, acabou o gás da cozinha e, em uma simples troca do botijão, a casa de taipa com telhado de palha, onde a família vivia, desmoronou. Foi tudo muito rápido: o gás do botijão escapou e, em um segundo, a chama do lampião engoliu tudo. Aos três anos de idade, Lucas agora só tinha a roupa do corpo.



Lucas trabalhando na roça.

Depois, vieram a roça, a enxada, os pés no barro. Trabalho nunca faltou; quase todo o resto, sim. A mãe, porém, insistia que estudar era o único atalho, o equivalente a caminhar quilômetros até o ponto em que talvez passasse um carro. Foi dando crédito a ela que Lucas, antes mesmo de pensar em método, descobriu a força da vontade.

Em 2010, ele decidiu tentar o concurso temporário do Censo do IBGE. Sem internet em casa, recorria à lan house, salvava páginas em JPEG, gravava em CD e assistia pela tevê de tubo, transcrevendo todo o conteúdo à mão para os cadernos. Um curso inteiro feito à base do improviso. E o resultado? Primeiro lugar no município. Tentou mais uma vez, agora para agente comunitário de saúde e, de novo, foi bem. Por critério de desempate, a vaga foi para a irmã. Sinal de que dava certo.

Vieram a cidade e o emprego no posto de gasolina... De 2011 a 2020, Lucas levou vida de frentista, passando 12 horas em pé por 36 de descanso. Tentou faculdade no IFBA, mas a conta não fechava, entre ônibus às 17h, para assistir às aulas a 120 km de casa, volta à 1h da manhã e entrada no trabalho dali a apenas 5 horas. Não houve saída senão trancar o curso; na boca, o gosto azedo de promessa adiada.

Concurso público, então, virou plano central e, em 2017, os tribunais entraram no horizonte. O TRT-BA parecia possível, ao menos até Lucas se esquecer de copiar a frase obrigatória da capa da prova... Apesar de ter ido bem, a nota não foi computada.

Ali, ele aprendeu duas lições: primeiro, instrução é disciplina; segundo, erro não muda o objetivo, apenas o caminho. Refez o seu. Adquiriu material do Gran, organizou-se e montou uma boa rotina. Nos dias úteis, chegava do trabalho, tomava um banho e jantava rapidamente antes de começar a estudar, religiosamente,

às 21h. Ia até a meia-noite. Nos dias de folga, o estudo começava às 8h e só era interrompido de madrugada. Lucas aproveitava até o horário de almoço: comia rápido para assistir às videoaulas – em velocidade acelerada –, de fone de ouvido e caneta em punho.

Em 2018, os sucessivos editais animaram, mas Lucas não tinha dinheiro para viajar até os locais de prova. Chegou a se inscrever em TRTs e a estudar firme até o último minuto. No dia da prova, porém, não ia... Só continuou estudando porque sabia que estudo é patrimônio que não se perde.

No dia 14 de novembro de 2019, analisando o edital do TRE-PA, percebeu que já dominava 80% do conteúdo. Faltava apenas resolver o óbvio: como chegar a Belém. Quinze dias antes da prova, o bolso continuava vazio. Mas eis que Miquéas, colega de estudos, ouviu o “não vai dar” e respondeu com ação: arrumou um cartão e parcelou a passagem e a hospedagem do amigo. Não foi favor, foi aposta.



Lucas trabalhando no posto de gasolina e com o amigo Miquéas.

Na capital paraense, a prova foi difícil. A cabeça fervia e Lucas foi tomado por aquela sensação de que o concorrente ao lado estava acertando tudo que ele errava. Saiu convicto de que tinha dado errado. Ligou para Miquéas e anunciou: “Seguimos estudando.” Depois, ao corrigir o gabarito, vislumbrou uma mudança de cenário. A pandemia, no entanto, chegou e parou o mundo, alongando a espera. Quando o resultado finalmente saiu, lá estava o seu nome, no 34º lugar da ampla concorrência e no 2º lugar das cotas raciais. O posto de gasolina ficou para trás; a posse, adiante.

No ato, não houve discurso. Houve caneta, documento, foto e um silêncio raro – o silêncio do dever cumprido.



No dia da posse, ainda durante a pandemia.

Hoje, Lucas é técnico do Tribunal Regional Eleitoral, lotado no interior do Pará. Aprende o ofício com diligência e respeito, como quem entra em uma casa nova e primeiro observa, depois explora cada canto, até compreender onde as coisas ficam e como tudo funciona. Terminou a graduação pela Gran Faculdade e já mira em concursos de nível superior.

As lembranças, de quando em quando, ainda voltam: o fogo que consumiu a casa, a enxada na roça, os turnos intermináveis no posto de gasolina, a tela da lan house piscando páginas em JPEG... A diferença é que, agora, essas memórias ocupam outro lugar. O que antes era peso virou propulsão. O que poderia ser visto como âncora é compreendido como motor. O Lucas servidor da Justiça Eleitoral nasceu justamente do incêndio que lhe tomou quase tudo. Desse trauma, levantou o jovem que faria o impossível mudar a seu favor.

Se você lê esta história sentindo que também carrega dentro de si um incêndio como o que marcou Lucas, saiba que há um caminho. Quando não houver ferramenta, invente uma. Quando errar por detalhe, mude o procedimento, não o destino. Quando faltar dinheiro, aceite o apoio de quem acredita em você e honre essa confiança. E, quando lhe sobrarem só 30 minutinhos em um dia atribulado, estude mesmo assim – essa meia hora de hoje se somará à de amanhã, e à de depois de amanhã, e é assim que se constrói um futuro.

Não se trata de frase de efeito, mas de pragmatismo. Trata-se de ouvir a mãe teimosa que plantou a ideia certa. De aplicar boas técnicas, com edital todo sublinhado. De ser criativo, com JPEG em CD e transcrição do conteúdo à mão. De usar bem o tempo, com almoço rápido seguido de vídeo acelerado. De aceitar o gesto de um amigo que viabiliza o impossível. Por fim, de provar para o mundo que o que separa o lampião do brasão é apenas uma frase devidamente copiada e anos de constância. O resto é consequência.



Sonho realizado. Próximos alvos à vista.



LUCAS MACEDO

Técnico do
**Tribunal Regional Eleitoral
do Pará**

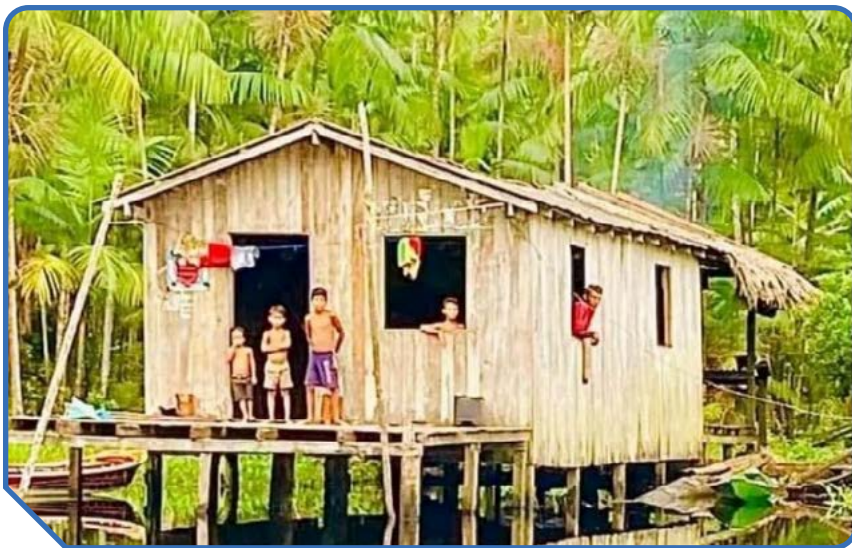


Use os QR Codes ao lado para ser
direcionado à [entrevista](#) e ao [documentário](#)
com Lucas no canal **Imparável!**

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu
celular para o código e assista!

Filha do Juruá: da luz de lamparina ao TJ-AM

Andreia aprendeu a ler à beira do rio. O relógio da infância era a vazante do Juruá, o barulho da canoa encostando no barranco, o silêncio pesado das noites sem energia. A cidade mais próxima ficava a dois dias de viagem. A escola pública era luxo de quem aguentava o trajeto. Os pais, trabalhadores do mato e da água, não concluíram o ensino fundamental. Seis filhos, escadinha. De repente, uma decisão mudou o destino da casa: “Vamos para Cruzeiro do Sul; eles precisam estudar.”



Andreia não possui fotos da época em que morava em uma comunidade ribeirinha. Sua casa era bem parecida com essa, localizada no Seringal Alegria. Na época, sequer havia eletricidade na região.

Chegaram com atraso e pressa. Andreia pulou série, pegou o fio do conteúdo no ar, sempre na ponta dos pés. Terminou o ensino médio e fez o que se pode fazer quando o vestibular parece um muro alto demais: pegou a estrada para Manaus, ficou na casa de uma tia e apostou num curso técnico em Radiologia. A promessa era clara: “emprego rápido, trabalho digno, portas abertas”. Vieram, em vez disso, as primeiras lições do Brasil real: processo seletivo sem nomeação; a carteira de trabalho fechada; a conta que não fecha.

Voltou para casa quando a prefeitura abriu concurso. A faculdade ainda era um sonho caro. Havia vaga de apoio escolar. Andreia passou em primeiro lugar para merendeira e vestiu o avental com orgulho. Foram três anos servindo comida quente e ouvindo a algazarra do recreio – e, de quebra, descobrindo um caminho: estabilidade não era mito; concurso não era lenda urbana. Era, sobretudo, imparcial, coisa rara onde indicação manda muito e oportunidade custa caro.

Da cozinha da escola, ela foi chamada, anos depois, para um cargo efetivo na área da saúde do estado. No meio do caminho, abriu outra porta que diziam não ser dela: a faculdade. Graduou-se em Agroecologia. “Nada a ver com tribunal”, ela brinca hoje. Tem a ver com resistência, ela poderia dizer.

Veio o tempo de mirar mais alto. Os problemas: concurso federal, prova na capital, Rio Branco, a centenas de quilômetros, passagens caras, estradas que

desaparecem na chuva. Andreia ia de ônibus quando o dinheiro faltava; fazia conta até para o lanche. Acertava uma ou outra questão, ficava em cadastro de reserva, não era nomeada. E insistia.

Em 2016, um amigo trouxe uma notícia que parecia exagerada: “Assinatura ilimitada do Gran! Experimental!” Pela primeira vez, um cardápio completo: aulas, PDFs, questões, tecnologia de ponta. Quando o edital da Funai apareceu, ela fez o que dava: fechou as básicas com o Gran, estudou todos os dias depois do expediente, varou noites, anotou, revisou. Não passou. Mas a nota alta nas disciplinas de base acendeu um farol: “Eu consigo.”

Um tropeço grande veio com o TRF-1. A primeira prova com a banca Cebraspe. Cortes, pegadinhas, o famigerado “uma errada anula uma certa”. Andreia não bateu a mínima. Ficou um mês de luto estudantil. Achou que não era para ela. Superado o luto, persistiu nos estudos. A vida e os concursos a levaram para Tarauacá, um interior ainda mais interior, com poucas opções de lazer e com a família longe, mas que a permitiu tomar posse no Instituto Federal do Acre. Foi lá que montou um “quartinho de guerra”: mesa simples, cadeira confortável, parede forrada de metas. Andreia percebeu que tinha a capacidade de ir além. Diante disso, ficou com muita vontade de trabalhar em um tribunal. O marido, já formado em Agronomia, sentou-se ao seu lado. “Sem alarde, sem contar para ninguém. A gente só avisa quando vierem os resultados”, combinaram.

Ali nascia o método que colocaria o nome dela no Tribunal de Justiça do Amazonas:

- **Base é todo dia.** Constitucional e Administrativo antes de qualquer edital. Lei seca na veia.
- **Professor bom destrava a lei.** Processo Civil e Processo Penal do zero, com videoaulas do Gran, aquilo que, sozinha, lendo o código, “parecia outra língua”.
- **Revisão como religião.** O que não se revisa, evapora. Ela descobriu que o seu jeito era revisar em blocos pequenos e frequentes, não em maratonas.
- **Questões até cansar.** Passou a resolver centenas, errando rápido para aprender rápido.
- **Cronograma como norte, não como jaula.** “Quase nunca segui 100%, mas nunca fiquei sem estudar.”

No meio do caminho, a vida testou o plano. Andreia engravidou. Sonhou o sonho inteiro. Faltando menos de um mês para uma prova importante, veio o aborto. Quem já passou sabe que não há palavras suficientes. Ela desligou as aulas, afastou-se do trabalho, viveu o luto. Uma semana depois, o marido insistiu: “Vamos a Rio Branco, só para tentar.” Ela foi. Sem expectativa, sem autopressão, e passou na primeira fase. Pouco depois, outra prova, outra cidade, mais um resultado que a colocou no mapa. Não era a aprovação definitiva, mas era combustível. “Dá para chegar.”

Veio, então, um amor à primeira vista: o TJ-AM. Andreia já conhecia Manaus, sabia o que significava aquele prédio de vidro onde ela passava na calçada, imaginando o

ar-condicionado, o respeito, a rotina. “Vou focar nesse”, decidiu. Não havia orçamento para “tour de edital” Brasil afora. O plano era simples e duro: ou dá, ou dá.

Ela fechou o mundo. Acordava cedo para o trabalho, estudava à noite e virou frequentadora assídua dos professores que destrincham o que a banca realmente cobra. Transformou processo em checklists, fez súmula virar mapa mental e repetiu jurisprudência até dormir. Enquanto isso, apareceu um concurso administrativo na UFAC. Ela fez e foi nomeada. Agradeceu, respirou fundo e recusou: o resultado do TJ-AM tinha acabado de sair. O coração já tinha endereço.

A aprovação chegou sem fanfarra, como chegam as coisas importantes: num e-mail, num PDF, no nome que você procura linha por linha até achar o seu. Do barranco do Juruá à lista do tribunal, há uma ponte feita de anos, ônibus, noites, negativas, PDFs riscados, videoaulas aceleradas, uma cozinha de escola, um luto profundo, um quartinho de guerra em Tarauacá – e uma teimosia mansa que não grita, mas também não desiste.

Com muito orgulho, afirmamos: Andreia é aluna Gran. Foi na plataforma que ela aprendeu a estudar do jeito que funciona: base diária, professores que traduzem, revisão sistemática, questões em volume, foco no edital e na banca. Foi ali que ela descobriu que o cronograma serve para orientar, não para culpar; que “não consegui 100%” não é licença para “não fazer nada”; e que o método precisa caber na vida – mesmo quando a vida dói.



O tribunal proporcionou a Andreia sonhos antes inatingíveis: plano de saúde para a família, casa própria, carro quitado e qualidade de vida com propósito.

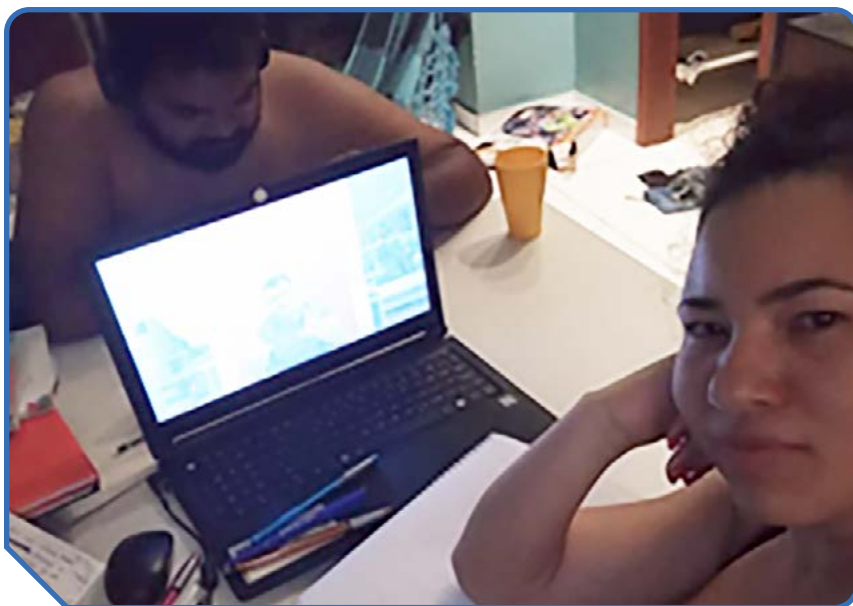
Hoje, está trabalhando no TJ-AM e também foi aprovada para analista, cargo que, em breve, poderá nomeá-la. Com a chegada dos filhos, a vida ficou mais completa, e Andreia olha para trás e entende a frase que repete sempre que alguém a procura desanimado: “O impossível, para mim, era uma opinião que eu tinha antes de aprender a trabalhar direito.”

Se você estiver no meio do barro – estradas alagadas, dinheiro curto, reprovação recente, gente dizendo “aceita o que já tem” – guarde as ferramentas que deram certo para ela:

- escolha um alvo (um, de verdade) e estude como quem já trabalha lá;
- trate a revisão como parte do estudo, não como extra;

- faça questões até ficar íntimo da banca;
- adapte o cronograma à sua realidade, mas não negocie a constância;
- e, acima de tudo, acredite antes. O cérebro estuda diferente quando o coração já decidiu.

Porque foi assim, acreditando antes e trabalhando depois, que uma menina que cresceu à luz de lamparina entrou, com o nome inteiro, numa lista que, um dia, ela só via do lado de fora do vidro. E porque é assim que se vence onde ninguém espera: com método, com calma, com coragem e com a serenidade obstinada de quem aprendeu a ser imparável.



Andreia e seu esposo seguem estudando com o Gran, mas agora com estabilidade e mirando alvos ainda maiores, como a Câmara dos Deputados.



ANDREIA DE SOUZA SILVA

Assistente judiciária do
**Tribunal de Justiça do
Amazona**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#)
com Andreia no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o
código e assista!



SONHOS
(IM)**POSSÍVEIS**

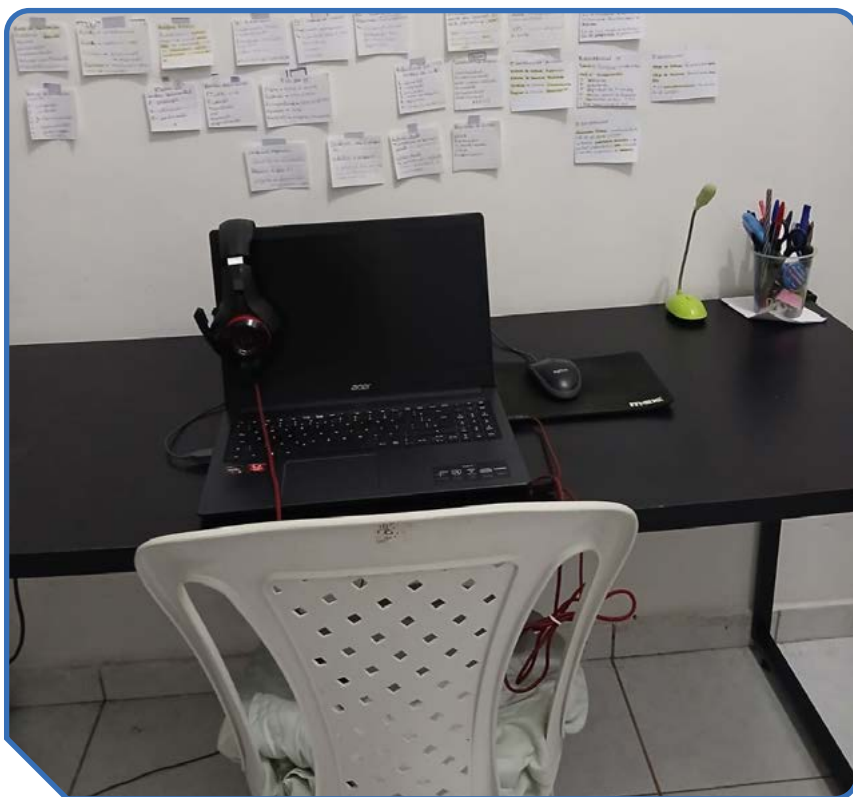
A menina do sertão que virou manchete nacional

A luz em Santana do Matos, no sertão potiguar, nunca foi abundante. Mas Miriam Martins descobriu cedo que claridade também se acende nas páginas de um caderno. Cresceu em uma casa onde o pai trabalhava como mototaxista, sem nunca ter aprendido a ler, e a mãe cuidava do lar, sem jamais ter tido a chance de estudar. Foi ali, entre paredes simples e expectativas modestas, que a menina enxergou nos estudos uma estrada invisível aos olhos mais resignados.

No ensino médio, Miriam já liderava o quadro de notas. A cidade de apenas 12 mil habitantes, porém, era incapaz de oferecer caminhos largos para quem sonhava alto como ela. Medicina? Impossível. Engenharia? Só mudando de CEP. Foi então que Miriam escolheu partir. No Instituto Federal de Natal, encontrou prateleiras mais altas: estágio na biblioteca pela manhã, aulas à tarde um turno na lanchonete da família do namorado à noite. Entre um pedido de pastel e outro, anotava citações para o TCC em Biblioteconomia – a arte de catalogar o mundo em estantes.

Formou-se em dezembro de 2023 e, com o canudo ainda cheirando à tinta, já havia movido o foco para os concursos públicos. Assinara a plataforma do Gran em novembro, mesmo antes da publicação do edital

do Concurso Nacional Unificado (CNU). Quando o documento saiu, em janeiro, o susto veio junto: eram muitas disciplinas novas e apenas quatro meses para aprender tudo. Miriam, porém, reagiu com a objetividade de quem organiza urgências, tratando cada dia como uma ficha a ser preenchida: um campo para 10, 15 videoaulas; outro para as leituras com o marca-texto em punho; um terceiro com as transcrições prontas para as releituras madrugada adentro.



Base de estudos da Miriam. Perceba a cadeira de plástico com almofada improvisada. Nunca foi sorte.

A prova seria em maio. Não foi. Enchentes adiaram o exame e trouxeram, com a lama, mais contas de supermercado. O dinheiro acabou. Era preciso trabalhar. Miriam conseguiu um emprego das 7h às 17h justamente na sua área. As noites encolheram, mas o cronograma não. O jeito era reler os resumos no ônibus, praticar redação nos intervalos do almoço. Não demorou para ela perceber que uma boa revisão valia bem mais que abrir matéria nova com a mente exausta.

Agosto chegou trazendo dois turnos sobre os ombros e uma serenidade que parecia audaciosa. Na carteira, durante a prova, a candidata Miriam reconhecia cada questão como se folheasse o próprio caderno. Acertou 80% da prova objetiva, gabaritou a discursiva e ali soube que o caminho tinha sido vencido. Quando o Diário Oficial estampou seu nome no topo – primeiro lugar nacional para o cargo de tecnologista em informações geográficas e estatísticas –, ela precisou reler para acreditar.

Então, veio o eco: a história da jovem que estudava à luz de lampião virou manchete nacional. Lá estava ela na capa da revista Exame, óculos simples, sorriso tímido, provando que também se redesenham latitudes sociais. Quem diria – pensou – que a estudante que atravessava o sertão a pé, para chegar à escola, um dia daria dicas de estudo para o maior concurso da história do Brasil?

Contar à mãe foi devolver, em boletim de honra, o estudo que ela não teve. Contar ao pai foi mostrar que a moto velha ainda podia percorrer distâncias impensáveis, carregando orgulho no tanque. Miriam tomou posse recentemente. Foi

lotada no Rio de Janeiro, onde planeja catalogar dados federais e empilhar títulos: mestrado, doutorado... porque, para ela, concurso nunca foi fim, mas meio.

Se você lê estas linhas, já um tanto desacreditado, saiba que não existe atalho, mas existe caminho, e Miriam o percorreu, um passo por dia. A recomendação dela é simples e certa: “tente, mas tente equipado”: com o material certo, com o método que combina com você e com fé para sair da cama mesmo quando ainda está escuro lá fora. Sim, concursos são montanhas altas, mas não intransponíveis. As trilhas estão mapeadas, e cada questão resolvida revela o próximo passo.

exame.

Aos 23 anos, jovem do Rio Grande do Norte fica em 1º lugar no CNU; veja dicas de estudo

Miriam Martins, ex-aluna de escola pública e formada pela UFRN, revela estratégias de preparação e motivação para quem vai disputar o Concurso Nacional Unificado este ano



A manchete na revista Exame estampa a história da jovem que estudava à luz de lampião.

Na cidade onde a estrada acaba, Miriam desenhou a própria saída. O asfalto ainda não liga Santana do Matos ao Rio de Janeiro, mas bastou que ela o rabiscasse primeiro no caderno, linha por linha, aula por aula, até que o destino coubesse no Diário Oficial e, agora, também no site da famosa Exame.

Miriam foi aluna do Gran e ilustra como, aqui, aprovamos gente real, com histórias reais e das mais diversas origens; gente que, em vez de esperar as “condições ideais” para começar, parte de onde está e com o que tem; gente que, inevitavelmente, verá o próprio nome no topo do Diário Oficial. Tenha certeza: o próximo nome lá pode ser o seu.



MIRIAM MARTINS

Tecnologista do
**Instituto Brasileiro de
Geografia e Estatística**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Miriam no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Rio que corta rochas

Adriana Karkow sempre disse que sua trajetória assemelha-se mais a um rio que a uma estrada. Rios não pedem licença: escavam margens, contornam obstáculos, saltam pedras, dobram onde a terra parece intransponível. E foi assim, em curso sinuoso, que ela saiu de uma infância marcada por silêncio e medo até desaguar, já adulta, em duas aprovações que transformariam não apenas a sua história, mas também a de toda a sua família.

Nascida no interior do Rio de Janeiro, Adriana cresceu em uma cidade suficientemente grande para ter semáforos, mas ainda pequena o bastante para o pão chegar quente à porta de casa às seis da manhã. Filha de pais separados, foi criada por uma mãe com o ensino médio incompleto e por um padrasto austero. Conviveu com a escassez – de dinheiro, claro, mas, sobretudo, de referências. Deduziu que estudar “demais” era luxo e que lhe bastaria um diploma simples e disposição para o trabalho. O golpe mais duro, no entanto, não foi a pobreza, foram os abusos que sofreu e que guardou em silêncio. O corpo seguiu crescendo; a voz calou.

Na adolescência, os cadernos tornaram-se depósito da raiva contida. O tempo foi levando junto o interesse pelos estudos e deixando, no lugar, uma rotina de fuga disfarçada de liberdade: salas de aula trocadas por barzinhos, provas bimestrais feitas na cara e na coragem, tardes de papo jogado fora pelo campus da faculdade de Direito... até que ela largou o curso sem olhar para trás, fazendo de conta que era escolha. Aos 18, saiu de casa.

Alugou um quarto, começou a vender roupas em loja de esquina e se convenceu de que sonhar era privilégio reservado a quem nascera na margem certa do rio.

Demorou até que a correnteza mudasse. Um relacionamento abusivo quase a convenceu de que aquele seria seu leito definitivo. Quase. Após a separação, conheceu o homem que viria a ser o seu parceiro de todas as vigílias de estudo. Policial penal e universitário, ele falava em concurso público e estabilidade. Foi então que Adriana ousou imaginar um novo rumo.

Aos 24 anos, ingressou em Odontologia. Trabalhava muito, dormia pouco, amamentava a primogênita, Helen. Quando o marido chegou em casa com o jornal aberto no caderno de concursos – “Polícia Penal do Rio de Janeiro. Salário: R\$ 3.200,00” –, ela visualizou um tronco boiando, tábua de salvação para quem se afoga. Inscreveu-se mesmo sem saber como conciliaria mais uma tarefa no dia. Estudava entre trocas de fralda, plantões de vendedora e aulas de anatomia dentária. Foi aprovada. Tomou posse em fevereiro de 2013, colocou grau dez meses depois e passou a dividir-se entre o consultório pela manhã, os setores administrativos da penitenciária à tarde e a clínica prisional à noite.

Por um tempo, pareceu funcionar. Mas a conta, de novo, não fechava. Veio o segundo filho, depois a terceira. Adriana tentou montar um pequeno negócio de marcenaria, que afundou em dívidas. Em 2020, além da pandemia, encarou a humilhação de ter de suspender o plano de saúde das crianças. “Superendividamento” era a palavra que inquietava e que fez Adriana enxergar, no edital da Polícia Rodoviária Federal, uma possível rota de fuga.

O problema? Faltava fôlego. Os estudos recomeçaram a cinco semanas da publicação do edital. Quando o documento saiu, em janeiro, trouxe uma surpresa: nada de História Institucional – no lugar, Inglês. Adriana não sabia conjugar verbos modais, mas lidava bem com o tema urgência. Deixou o consultório, e a renda caiu. O marido assumiu plantões extras, e o tempo com a família minguou. A mulher estudava com a caçula no colo, muitas vezes em pé para evitar que a pequena pedisse o peito. Contava com o apoio da mãe, que aparecia uma vez por semana para cuidar da casa enquanto Adriana se trancava no quarto com as videoaulas do Gran e com um tablet apoiado em uma pilha de fraldas. Era ali que ela recitava artigos da legislação rodoviária ao som da panela de pressão.



Estudando do jeito que dava, com uma das filhas sempre grudada.

Quando o resultado saiu, Adriana chorou baixinho. O novo salário quitou dívidas antigas, e a janta voltou a ter sobremesa. Mas o corpo, enfim, cobrou o preço: o uniforme pesado e o cinto de segurança por horas dentro de uma viatura na BR lhe renderam uma hérnia de disco, uma bursite e um nervo ciático inflamado. Em uma das crises, foram dois dias sem conseguir andar. A tentativa de migrar para uma função administrativa na PRF transformou-se em uma dança de cadeiras em que nunca chegava sua vez.



Assinando o termo de posse na PRF.

Nesse hiato, surgiu o Concurso Nacional Unificado (CNU). O cargo de auditor-fiscal do trabalho chamou atenção primeiro pelo salário, depois pelo fato de não cobrar matemática nem contabilidade. Adriana contou as disciplinas de humanas, lembrou que legislação sanitária lhe era familiar e decidiu: "É meu primeiro leito."

Desta vez, começou a preparação após o lançamento do edital. Os plantões de 24 horas na PRF não permitiam estudo; as folgas, sim: do fim da tarde até a madrugada, com pausas para o jantar, para o banho das crianças e para os alongamentos. Às vezes, estudava deitada ou sentada sobre almofadas; outras, de pé. A prova foi aplicada em agosto; a lista de aprovados, divulgada só em fevereiro do ano seguinte. Antes mesmo do resultado, Adriana alugou um apartamento em Brasília para o curso de formação. Encenou a própria aprovação até que ela virasse fato.



Fundo do computador como um mural dos sonhos.

E virou. No PDF que custou a abrir, na página do Diário Oficial, seu nome ocupava a 12ª posição, com convocação logo na primeira turma. Primeiro, o choque; depois, o alívio, que, enfim, fez cessar a dor. A nomeação provavelmente exigirá nova mudança de estado. Adriana ainda não pensa nisso; prefere guardar energia para a próxima curva do rio.



Durante os estudos para AFT, Adriana precisou fazer diversas intervenções para lidar com as dores crônicas.

Quando alguém lhe pergunta qual é o segredo, ela diz que não se trata de fórmula, mas de escolha: ou você para diante das pedras, ou aprende a contorná-las. Ela escolheu contorná-las. Optou por levantar-se a cada manhã, mesmo depois de mais uma noite de dor. Optou por estudar de pé, se fosse preciso. Optou por não parar nem enquanto amamentava e mesmo ouvindo que já era tarde demais para sonhar.

Hoje, quando fecha os olhos, vê duas imagens sobrepostas: a menina que acreditava não ser digna de um bom futuro e a mulher que, com farda, estetoscópio, tablet ou analgésico, abriu o próprio curso d'água. Entre uma e outra, há todo um leito escavado à base de coragem, de esforço e de páginas de lei. É por isso que, quando lhe pedem um conselho, Adriana devolve um convite: “Encare como fase. Os dias maus passam. Faça o que precisa ser feito, sobretudo neles.”

Rios não pedem licença. Eles simplesmente fluem. E Adriana segue fluindo – rumo a um oceano que, por muito tempo, ela nem fazia ideia de que estava lá.



ADRIANA KARKOW

Aprovada como
auditora-fiscal do trabalho do
**Ministério do Trabalho e
Emprego**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#)
com Adriana no canal Imparável!

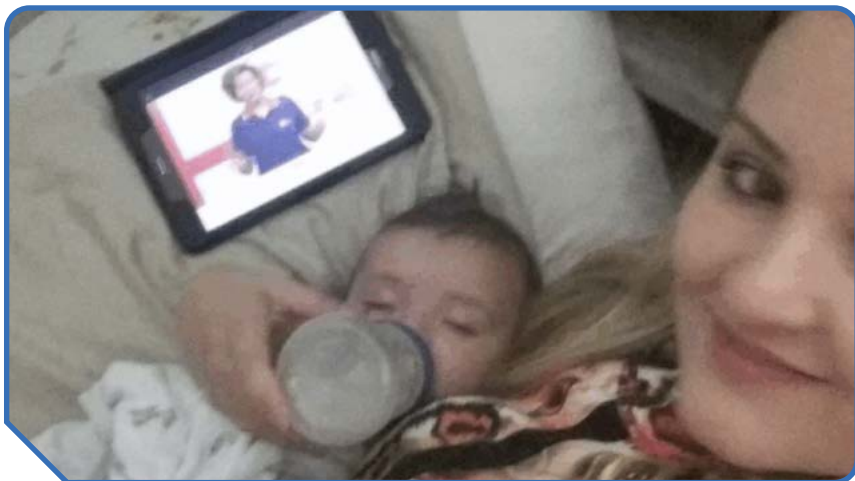
É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o
código e assista!

Quatro filhos, um edital: a aprovação de Bárbara no Legislativo

Bárbara aprendeu cedo um truque simples: não encarar o matagal inteiro. Quem lhe ensinou foi dona Graça, enquanto lidava com uma pilha de roupas para passar na casa dos pais de Bárbara, quando a menina tinha uns nove anos: "Eu olho só a peça da vez. Meu pai roçava juquira assim: cabeça baixa, um golpe de cada vez. Quando levantava, o campo tinha aparecido." Meu pai roçava juquira assim: cabeça baixa, um golpe de cada vez. Quando levantava, o campo tinha aparecido.

Décadas mais tarde, o mato a ser roçado era outro: quatro filhos (2 meses, 2, 4 e 16 anos), casa para manter, expediente integral e um edital aberto. Bárbara não pediu trégua à realidade – enfiou os fones no ouvido e começou a abrir clareira com as videoaulas do Gran.

Mineira de nascimento e paraense de coração, ela cresceu observando a vida organizada de quem trabalhava na Usina de Tucuruí. Em 2003, quando saiu um concurso, mal sabia o que significava. Pegou na biblioteca um livro de título improvável – “Aprenda Matemática em duas semanas” – e estudou como pôde. Virou “empregada pública”, e foi assim que descobriu o valor da segurança. Com a filha ainda pequena, já pensava em como garantir o futuro sem viver no fio da navalha.



Bárbara estudando com seu filho caçula, Gabriel.

O tempo passou, vieram mais filhos e também o curso de Direito. O universo dos concursos públicos se abriu de vez: magistratura, Ministério Público, polícia, defensoria... As opções eram muitas, mas Bárbara tomou uma decisão que pareceu um contrassenso para quem via de fora: prestaria provas como pedagoga. O diploma estava guardado havia anos; por que não usá-lo como porta de entrada?

Em 2018, a Abin abriu vagas. Bárbara, grávida de oito meses, barriga que chegava antes dela própria, entrou na sala de prova em Belém. Passou para a segunda fase, única mulher entre 12 candidatos. Foi avançando, uma etapa por vez. Não se tratava de heroísmo, mas de método. Enquanto amamentava, assistia a videoaulas; no parque com as crianças, alternava os olhos entre elas e a tela do celular; na fila do mercado, ouvia Direito Constitucional a 2x. Não havia “tempo livre”; havia tempo útil.



Perceba a videoaula do Gran ao fundo. O estudo era como dava.

Por essa época, 2018, uma das filhas precisou ficar internada. Foram 15 dias de hospital, e Bárbara não arredou o pé dali. Entre barulhos de corredor, movimento de médicos indo e vindo e checagem de soro, ela aproveitava os cochilos da menina para abrir o aplicativo e estudar. Não era fuga, era disciplina para manter a cabeça no lugar enquanto a base tremia.

No finzinho daquele ano, saiu o concurso da Câmara Legislativa do DF. Uma vaga. Brasília ficava longe, e ela tinha um bebê de dois meses em casa, além de outras três crianças para cuidar. Falava-se em dois mil candidatos por vaga! Teve medo? Teve. Cedeu a ele? Não.

Comprou passagem e veio duas vezes à capital, para a primeira e a segunda fase. Terminou aprovada e... esperou. Quem já enfrentou concurso sabe bem que a paciência faz parte da prova.

Bárbara seguiu roçando sua velha juquira: OAB no nono semestre, pós-graduação junto com a faculdade, o trabalho em Tucuruí, as tarefas domésticas... Enquanto aguardava, ainda cravou o primeiro lugar no TJ-PA, também na área de Pedagogia. Era a confirmação de algo que ela já intuía: perseverança dá resultado.

E então, em 17 de julho de 2023, lá estava o tão esperado nome no Diário Oficial. O presidente da CLDF ligou pessoalmente para dar as boas-vindas. Incrível, mas apenas uma hora depois a usina anunciou o plano de desligamento voluntário... Para o dia seguinte! As peças se encaixavam com a precisão de um relógio suíço, e não há nada de mágico nisso. O que há são anos de preparo, escolhas conscientes e disposição para fazer muito com pouco.



Bárbara e sua linda família.

Hoje, o crachá estampa “consultor técnico-legislativo”. Bárbara trabalha com projetos de educação para a cidadania, numa bonita ironia, já que foi pela educação que ela se tornou cidadã de um país maior, onde o futuro não depende do humor do mercado de uma terça-feira qualquer. O trabalho é organizado, exigente, relevante; exatamente como ela imaginava quando atravessou o Brasil com um bebê no colo e PDFs no celular.

E veja que legal: Bárbara é colega de ninguém menos que a minha mãe, Ivonete, na CLDF. As duas se cruzaram recentemente em um evento chamado “Câmara vai à Universidade”, um dos projetos que Bárbara coordena. O mundo é pequeno, não é mesmo?

Então, se você se sente perdido entre contas para pagar, filhos para criar e falta de tempo e de silêncio para estudar, inspire-se no método de Bárbara: não espere as condições ideais. O melhor método é o que você consegue manter. Pode ser videoaula com fone de ouvido no mercado, lei seca na tela do aplicativo no elevador, uma ou duas questões durante o almoço.

Pare de lutar contra o relógio. Estude sempre e o quanto conseguir. Dez minutinhos por dia podem fazer toda a diferença no cômputo final.

Não troque o que funciona para você só porque alguém sugeriu uma técnica “melhor”. Some; não substitua.

Problemas não são desculpa para desistir; no máximo, pedem ajuste de marcha. Se for preciso, reduza o ritmo, mas continue.

Bárbara não romantiza nada. Ela não chama de milagre o que é fruto de escolhas diárias. Não pinta de épico o que foi rotina. Ainda assim, é impossível não se impactar com a imagem da mãe que estudava no hospital, da única mulher numa sala de 12, da trabalhadora que aproveitava cada minuto em busca de um futuro mais digno; da servidora que hoje devolve em políticas públicas o que aprendeu na marra.

Sua história é um lembrete poderoso de que ninguém deve enfrentar o matagal inteiro de uma vez. Sempre haverá juquira para desbastar, mas quem aprende a baixar a cabeça e a golpear uma touceira por vez termina em campo aberto. E, quando ergue os olhos, enxerga longe.



Bárbara no evento de posse dos novos servidores da CLDF.



BÁRBARA VALLE

Consultora
técnico-legislativa da
**Câmara Legislativa do
Distrito Federal**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#)
com Bárbara no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o
código e assista!

Da melodia do violino à arte da diplomacia aos 39 anos

Quando menino, no interior de São Paulo, Tércio abriu um livro que os pais, um representante comercial e uma dona de casa, insistiam em lhe dar no lugar de brinquedos. Dentro, um guia de profissões. “Diplomata”, dizia uma página. O brilho ficou ali, quieto, como uma nota sustentada no fim do ensaio. Ao lado desse desejo, outro: ser músico erudito. A música veio primeiro – violino na igreja, repertório, palcos modestos. A diplomacia, porém, parecia distante demais para um jovem negro e pobre que, já em Goiás, colecionava portas fechadas no mercado de trabalho.

Vieram os tropeços: faculdade interrompida por falta de dinheiro, currículos não respondidos, o sentimento de estar atrasado enquanto os colegas avançavam. Aos 22 anos, recomeçou a graduação em Administração. Aos 26, após tomar posse em um concurso de nível médio que tinha feito aos 24, o contracheque tirou o susto do mês, mas não acalmou a pergunta que latejava: “Onde está a minha realização?”



Tércio foi membro de uma orquestra de câmara na cidade de Catalão-GO, onde vivia.

Em 2014, tentou o Senado. Na segunda fase, um detalhe virou sentença: o detector de metais apitou quando ele voltou do banheiro; um pen drive esquecido no bolso o eliminou. Chorou na casa de irmãos de igreja. Uma senhora o abraçou e disse: “Deus tem algo melhor para você.” Doeu ouvir. Mas ele guardou.

No dia 2 de janeiro de 2017, Tércio orou na cozinha: “Mostra onde está a minha estrada, e eu vou.” Nove dias depois, enquanto fechava o e-mail, uma manchete piscou na tela: o Instituto Rio Branco alterava critérios da Bolsa-Prêmio de Vocação para a Diplomacia – apoio financeiro para candidatos negros. O velho sonho levantou a mão: “Lembra-se de mim?” No dia 1º de fevereiro de 2017, ele clicou em “comprar”: curso do Gran para a diplomacia, parcelado, com desconto de live.

A rotina virou maratona: 40 horas semanais na universidade e todo intervalo possível convertido em

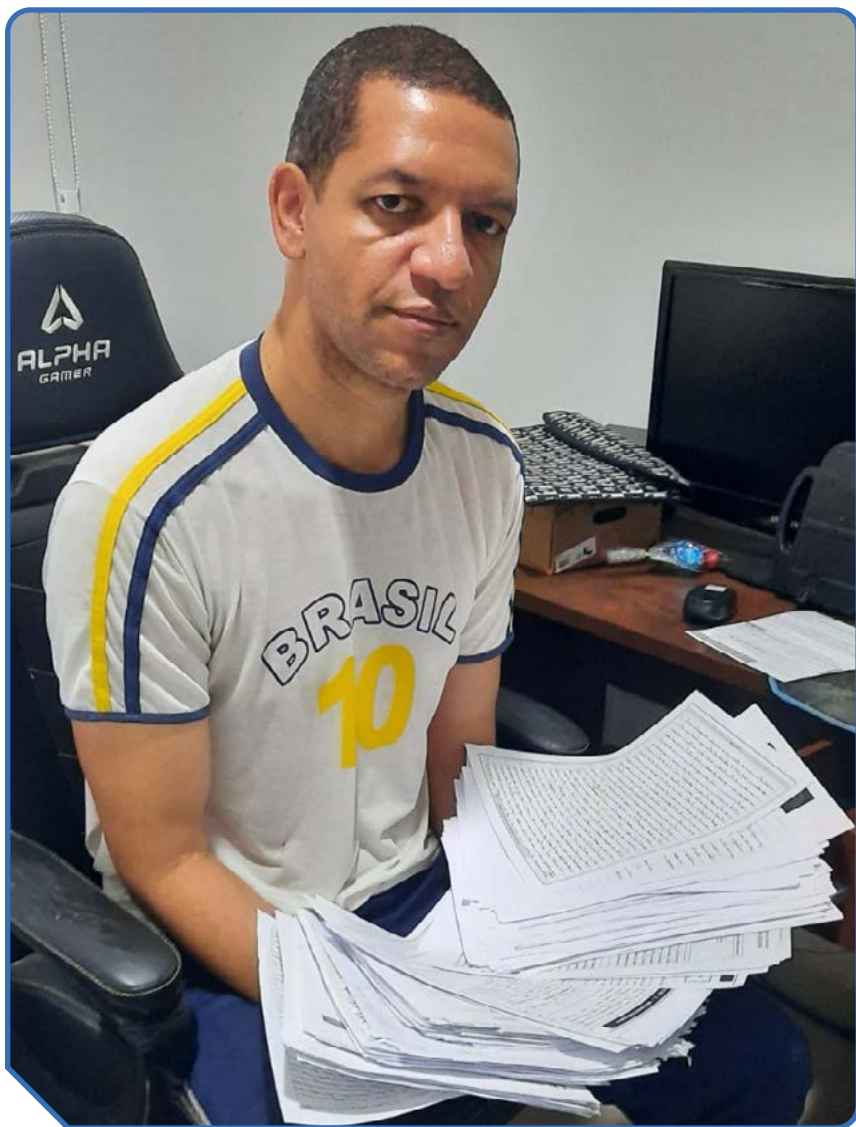
estudo: almoço, fins de semana, feriados. Inglês do zero que virou trio com Francês e Espanhol; Português, História do Brasil, História Mundial, Geografia, Política Internacional, Economia, Direito Internacional e Direito Interno... uma cadeira, um caderno, cinco horas por dia. O ano de 2017 foi o de montar base, não havia dinheiro para voos e inscrições de um concurso tão longo. Em 2018, veio a primeira prova e veio o primeiro “sim”: aprovado no TPS, a fase inicial. Com ele, a bolsa, não um prêmio, mas fôlego: professores, materiais, mais horas de estudo. Tijolo sobre tijolo.

Nem tudo foi linha reta. Em 2019, não deu. Em 2020, a pandemia, que arrancou páginas dos calendários, arrancou também o edital do Instituto Rio Branco, que, tradicionalmente, sai todos os anos há várias décadas. Em dezembro, a vida parou: o irmão caçula, 33 anos, morreu de infarto fulminante. Foi o único momento em que Tércio pensou em desistir. O concurso perdeu o sentido; a fantasia de ligar para a família com a notícia, de abraçar o irmão na posse esfarelou. Depois, veio o luto trabalhado em silêncio e uma decisão: seguir em honra à memória dele – vivendo o presente (almoço de domingo, filme com a esposa), sem sacrificar a vida real no altar de um sonho, mas sem deixar o sonho morrer.



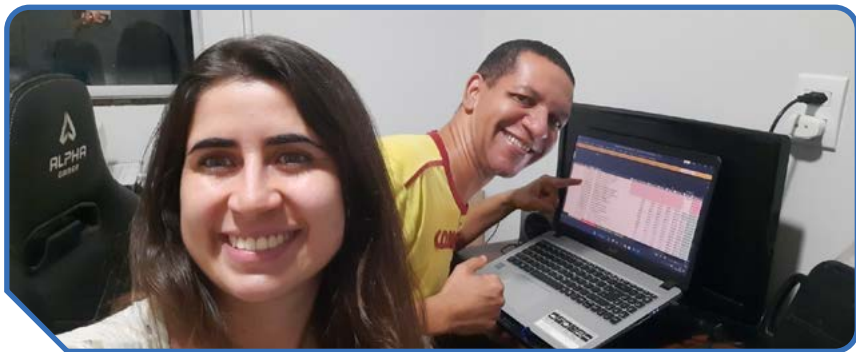
Tércio com seu irmão caçula, Tássio, que infelizmente faleceu muito jovem.

O ano de 2021 passou, o de 2022 também. Em 2023, o compasso mudou. Aquelas “40 horas em 6 dias e 10 sessões” deixaram de ser lenda urbana e viraram travessia. Na madrugada de 11 de janeiro de 2024, exatamente sete anos depois da notícia da bolsa, Tércio viu a lista e percebeu que sua nota estava dentro do necessário para ser aprovado. Ele chorou alto na sala; a esposa acordou assustada; os dois entenderam o ciclo perfeito que se fechava. No dia 1º de fevereiro de 2024, sete anos depois da compra do curso no Gran, saiu a nomeação. Outro ciclo, a mesma precisão.



Incontáveis simulados foram resolvidos ao longo de sete anos.
Alguns estão na foto.

Hoje, Tércio corre, mas é corrida boa. Diplomata de primeira viagem, já ajudou a organizar reuniões do G20, respira cabines de negociação, memorandos, teleconferências em três línguas, e descobre, no despacho, o mesmo enlevo que sentia com o arco no violino: é técnica, é arte, é serviço. Na turma, dividiu carteira com gente de 22 a 41 anos. Ele chegou aos 39. E aprendeu a sentença que gostaria de entregar a quem acha “tarde demais”: ninguém está atrasado para o próprio destino.



Tércio e sua esposa, Rívia, na madrugada que saiu o resultado final. Ele aponta para seu nome na lista de aprovados no CACD 2023.

Perguntado sobre o segredo, ele não fala de genialidade. Fala de propósito com método: escolher o sonho, aceitar o preço, montar um plano que caiba na sua vida (trabalho + estudo, se necessário), viver enquanto estuda (para ter fôlego), construir rede de apoio (nem que sejam poucos, mas bons) e dar um passo por dia, um parágrafo, um mapa, uma questão, uma página de vocabulário. E, se a dor vier – porque virá –, usar como combustível, não como freio.

No fundo, a história de Tércio é a de um menino que leu “Diplomata” em uma página e passou 20 anos aprendendo a não duvidar de si. O Gran foi a trilha quando o bolso não acompanhava o sonho; a bolsa, o vento de feição; a fé, a bússola quando o nevoeiro fechou. O resto foi disciplina. E aquela nota sustentada, lá do início, que nunca mais saiu do ouvido, hoje, toca no Itamaraty. E ecoa longe.



Sonho realizado. Tércio, sua esposa e seus pais no dia da posse como diplomata no Instituto Rio Branco.



TÉRCIO ROCHA

Diplomata



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Tércio no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

Do “quando eu crescer” ao Ministério Público: a travessia de Lucas até a beca

Aos seis anos, Lucas Abreu Maciel já dizia – com a convicção que só criança tem – que queria ser juiz, promotor ou delegado. O nome do cargo ainda não importava; o que o movia era a ideia de servir. A vontade de aprender a usar a lei como ferramenta de transformação social brotou cedo e encontrou combustível na curiosidade do garoto.

Lucas não foi o típico aluno prodígio. Na escola, via-se como mediano. A guinada veio na graduação, quando descobriu que estudar podia não apenas mudar o próprio destino, mas também o de outras pessoas.

A cena em que a chave virou é nítida na memória. Na entrevista para o primeiro estágio, perguntaram sobre processo legislativo. Lucas sabia recitar de ponta a ponta os regimentos da Câmara, do Senado e Comum. Saiu contratado... e transformado. Ver, na prática, o conhecimento abrir uma porta foi o estalo: “Se eu dominar o que estudo, não me faltarão oportunidades.”

A escada que sustenta o salto

Lucas, então, montou um plano simples: trabalhar, juntar dinheiro e estudar com método. Fez isso desde a faculdade, período em que economizou cada centavo das bolsas de estágio e de programas de iniciação científica. Ele sabia que, para mergulhar de cabeça nos estudos, precisaria de um colchão financeiro. Afinal, estudar para concurso é caro.

Também sabia que precisaria passar por cargos intermediários antes de alcançar seu objetivo maior: as carreiras jurídicas. E assim foi. O primeiro grande teste veio com o concurso de analista do TRF-1. Bem colocado na classificação final, foi avisado de que as nomeações demorariam. Decidiu, então, engavetar o resultado – e a ansiedade – e seguir estudando.

Veio o STJ, prova de analista pela manhã e de técnico à tarde. Saiu certo de que a primeira seria a da aprovação. Mas a vida – e as bancas – surpreendem. A convocação veio pelo cargo de técnico judiciário. Em apenas um mês. E mudou tudo.

Há um detalhe dramático nesse capítulo da história, que parece tirado de um roteiro de filme. Bem na semana da inesperada convocação para o STJ, a reserva financeira de Lucas acabou. Na noite anterior à nomeação, ele se pegou tendo de fazer contas, sem saber como se sustentaria dali em diante. Imagine o alívio ao ser surpreendido com o edital no dia seguinte...

Sorte, ele diz, costuma morar no endereço de quem trabalha.

Embora feliz com o contracheque e a rotina de servidor em um órgão de excelência, Lucas não se deixou seduzir pela acomodação, maior inimigo do concurseiro nesse tipo de ambiente. No dia da posse, estudou antes e depois do expediente. E fez o mesmo nos dias seguintes. Todos.



Este crachá veio na hora certa.

Método – e humildade – para aprender a aprender

No começo, Lucas errou como quase todo mundo: dava atenção demais à doutrina e de menos à lei seca, à jurisprudência, às questões e à revisão. Com o tempo, ajustou o prumo, estruturou os cinco pilares da sua preparação e variou os formatos de estudo para manter a mente desperta.

Foi aí que o Gran entrou de vez na rotina. As videoaulas ajudavam mais que a mera e enfadonha leitura (as aulas de Direito Eleitoral do professor Edson e de Processo Penal da professora Geilza que o digam), os PDFs mapeavam as leis e as baterias de questões treinavam o raciocínio no estilo da banca.

E a regra de ouro: ouvir quem já está dois passos à frente. No STJ, Lucas virou discípulo dos colegas que se preparavam para as fases finais de concursos de ponta, acompanhando de perto a rotina deles e perguntando muito. Queria entender por que, quando e como uma dada tática funcionava.

O calendário que testa a vocação

A profusão de editais resolveu estressar a agenda. Lucas alcançou segundas fases (MP/TCDF, TJRO) e mirava o MPDFT. Mas então saiu o concurso para delegado da Polícia Federal, outro sonho antigo.

Na esteira da pandemia de covid-19, começaram os adiamentos e os choques de agenda. O TAF da PF, por

exemplo, caiu no mesmo fim de semana da objetiva do MPDFT. Lucas fez os dois: TAF no sábado, prova objetiva no domingo. Passou em ambos.



Partindo para a Academia Nacional de Polícia.

E então surgiu o dilema entre fazer a oral da PF e a discursiva do MPDFT... Decidiu focar aquilo que estava mais adiantado – a PF –, sem abandonar de vez o outro caminho. O corpo cobrou o preço: o exame de saúde acusou pressão alta, decorrente do estresse. Lucas apresentou exames complementares e conseguiu passar. Na discursiva, caiu exatamente a peça que ele havia revisado no intervalo do almoço. A caneta correu sozinha.



Lucas trabalhou como delegado federal em operações importantes.

A opção pela beca

Na época da nossa entrevista, Lucas tinha acabado de tomar posse como delegado da Polícia Federal em Ji-Paraná (Rondônia) e estava realizando com a rotina intensa de campo e o senso de missão. Tempos depois, sua biografia ganharia mais um capítulo – que, aliás, faria jus àquela frase do menino de seis anos.

Em 1º de abril de 2024, ele tomou posse como promotor de justiça substituto do Ministério Público do Tocantins. Recebi com muita alegria o convite para a sessão solene

que ele me enviou, mas não consegui comparecer. Daniel tinha acabado de nascer, então comemorei – e vibrei muito – daqui de casa mesmo.

Não foi mudança de rumo, e sim outra forma de concretizar a vocação de sempre. Lucas apenas trocou a farda pela beca e engajou-se na defesa da ordem jurídica sob a ótica do parquet, mirando a vítima, o interesse público e a tutela coletiva. Agora usaria tudo o que aprendeu na PF, no STJ, no TRF-1 e no estudo disciplinado com o Gran para promover a justiça.



Na cerimônia de posse como promotor de justiça substituto no estado do Tocantins.



mpetocantins ●

**O Ministério Público do
Estado do Tocantins deseja
sucesso a Lucas Abreu
Maciel, promotor de
Justiça empossado.**



**Natural de Brasília (DF).
Formado em 2017 pela
Universidade de Brasília (UnB).**

Publicação no Instagram oficial da instituição.

O fio que não se rompe

Se Lucas tivesse de resumir o que praticou – e hoje ensina a quem vem atrás –, a receita seria:

- disciplina diária, mesmo sem edital no radar;
- método certo: o curso certo (do Gran, é claro), lei seca, jurisprudência, questões, revisão e doutrina – nessa ordem;
- diversificação nos formatos de estudo, para manter o cérebro alerta;
- seguir orientações de quem já chegou aonde se quer chegar;
- e, sobretudo, resiliência: se está doendo, é sinal de que se está no rumo certo.

O menino que dizia querer ser juiz, promotor ou delegado não escolheu um sonho em vez de outro. Escolheu servir e deixou que a vida o conduzisse para onde sua vocaçãoalaria mais alto.

Hoje, promotor de justiça substituto no MP-TO, ele confirma uma verdade poderosa: a frase mais forte do concurseiro é a mesma que abre a infância: “Quando eu crescer...”

O resto é método, persistência – e o próximo passo, dado todos os dias.



LUCAS MACIEL

Promotor de justiça
substituto do
**Ministério Público do
Tocantins**



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#)
com Lucas no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o
código e assista!

Do salão ao tribunal: a juíza que fez a prova grávida

Lázara sempre soube que o estudo era a ponte, mesmo quando a ponte parecia fina demais para o peso da vida. Cresceu no interior de Minas Gerais, filha de mãe doméstica e manicure. Foi criada, em uma casa de cinco irmãos, sob os cuidados de avós e de um tio, com pouco dinheiro e muito trabalho. Aos 15 anos, virou doméstica. Aos 17, assistente de cabeleireira. Fofoqueiros diriam que ali estava um destino: salão, secador, tesoura. Mas, por dentro, ela já afiava outra lâmina.

Aos 19, mudou-se para Uberlândia para morar com o pai servidor público e com dois irmãos. Voltou ao salão, agora para sustentar um sonho caro para a sua realidade: a faculdade de Direito. Cabeleireira de dia, universitária à noite, foi pagando mensalidade a mensalidade, fio a fio, até virar bacharel. No diploma, o sobrenome; na carteira, quase nada.

Depois de formada, a vida seguiu pedindo renúncias. Lázara trabalhou como terceirizada na Defensoria Pública e, ali, viu de perto um tipo de liberdade que nunca experimentara: a do serviço público feito com propósito. Viu defensores sem as amarras que a advocacia lhe impunha e sentiu um chamado que misturava justiça com vocação. Decidiu estudar para concursos. Só não fazia ideia do quanto isso lhe custaria.

A família estranhou. “Você já se formou. Por que ainda estuda?”, perguntava a mãe, mais por medo que por incompreensão. Os irmãos ajudavam como podiam. A irmã, às vezes, assumia despesas inteiras. Enquanto isso, as reprovações foram se acumulando: três anos sem ser aprovada em nada. Em 2018, aos 30, morando novamente com a mãe, solteira e sem dinheiro, Lázara fez um trato duro consigo mesma (e com Deus): se nada acontecesse até o fim do ano, deixaria os códigos e voltaria ao salão.

Novembro chegou como um recomeço: as primeiras fases começaram a virar. Não era milagre sem suor – era disciplina que não fazia barulho. Ainda advogava, com um bom salário em um escritório. Largou. Racionou gastos. Juntou por um ano. E mergulhou. A resistência em casa foi grande. A mãe, assustada, só entendeu quando viu a filha sentar-se às 7h30, levantar-se no almoço cronometrado, voltar, revisar, repetir. A seriedade venceu o medo. O “não faça” cedeu lugar ao “tua cadeira está te esperando”.

Foi nessa travessia que o Gran entrou. Primeiro, pelos atalhos gratuitos – aulas soltas no YouTube, materiais abertos, entrevistas que viravam combustível quando a fé balançava. Depois, com a plataforma paga e completa, com tudo que ela tinha direito. Enquanto faltava dinheiro para atualizar livros, o site virava janela: editais, requisitos, cronogramas. Lázara montou rotina com o que tinha e com o que cabia. E seguiu.

Vieram as primeiras aprovações parciais: Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Defensoria Pública do Estado

de Minas Gerais. Um estágio de pós no Ministério Público ajudou-a a reequilibrar as contas. Então, o edital que parecia distante ficou de frente: Tribunal de Justiça da Bahia. Lázara passou – e a vida, caprichosa, aprontou.

A prova oral foi marcada para a mesma semana do nascimento da primeira filha. O médico não liberou voo. A companhia aérea só remarcaria com atestado. Ela olhou o relógio do destino e pensou: “Nadei, nadei...” Faltavam duas semanas. Aí, veio a pandemia. O mundo parou. O concurso também. O foco mudou de lugar: enxoval, álcool em gel, medo, gratidão.



Lázara perdeu as contas de quantas vezes estudou com a sua bebê de poucos meses, Beatriz, no colo.

Com três meses da bebê, Lázara voltou a estudar devagar, como quem reacende brasa. Vieram rumores de remarcação; o ritmo aumentou. Foi quando o corpo avisou outra novidade: estava grávida de novo. Ao invés de desabar, ela soltou o peso. Descobriu que, com uma filha no colo e com outra no ventre, o concurso deixava de ser sentença e virava possibilidade. Se viesse, viria como bênção; se não viesse, não a definia mais.

O TJ-BA remarcou a prova oral e permitiu realização remota para gestantes. O médico a liberou. Ela quis ir. Quis estar diante da banca, dizer com a própria voz tudo o que construiu em silêncio. E foi. Gestante de cinco meses, sentou-se, respirou, não negociou com o nervosismo – não por heroísmo, mas por cuidado: com o bebê, com ela, com a história que atravessava. Respondeu com serenidade rarefeita em provas orais. Não esperou o resultado como sentença; esperou como quem confia no caminho.

A nomeação saiu ainda em meio às incertezas da pandemia. Em uma terça qualquer, a invisibilidade do concurseiro cedeu lugar a uma toga sem fantasia. Veio comarca do interior, jurisdição plena, fila de processos, responsabilidade que dorme tarde e acorda cedo. Mudou tudo: endereço, rotina, forma de andar e de falar. Ganhou estabilidade, pertença, um lugar de fala e de serviço e, principalmente, um espelho diferente para os filhos: o orgulho de ver a mãe onde disseram que não era lugar para “gente como a gente”.

Hoje, Lázara conta a virada sem esconder o custo. Não romantiza o cansaço, tampouco terceiriza a vitória. Sabe que ninguém decide o nosso futuro no lugar da gente e que, às vezes, escalar uma montanha é boa imagem, mas, para alguns, o nome da montanha é Everest. Ainda assim, há cume. Fé também se treina: é dizer, todo dia, “só mais um pouco”, quando a vontade é parar.

Se você lê esta crônica em um dia em que falta tudo — tempo, dinheiro, resposta —, talvez precise apenas do que sobrou a Lázara quando o resto minguou: um propósito simples e teimoso. Estudar um pouco mais hoje do que ontem. Conversar com Deus sem retórica. Silenciar os palpites que não pagam boletos nem as horas líquidas. Usar o que há — um PDF aberto, uma aula gratuita, uma revisão torta — e seguir, porque, às vezes, a cadeira está mesmo lá, do outro lado da ponte. Ela não se move. Quem atravessa é você. E dá. Para Lázara, deu: de doméstica e cabeleireira a juíza do Tribunal de Justiça da Bahia — com duas gestações no meio do caminho, com a família aprendendo a crer junto, com o Gran como companheiro de estrada e com a certeza de que a vida é maior que qualquer prova. A toga, afinal, é só o começo de outro tipo de estudo: o de servir.



Lázara no Júri. Um sonho tornado realidade.



LÁZARA TAVARES

Juíza do
Tribunal de Justiça da Bahia



Use o QR Code ao lado para ser direcionado à [entrevista](#) com Lázara no canal Imparável!

É rápido e fácil: aponte a câmera do seu celular para o código e assista!

**A próxima crônica de
superação pode ser a sua.**



**Faça um exercício:
como você imagina
escrever sua história
de aprovação?**

